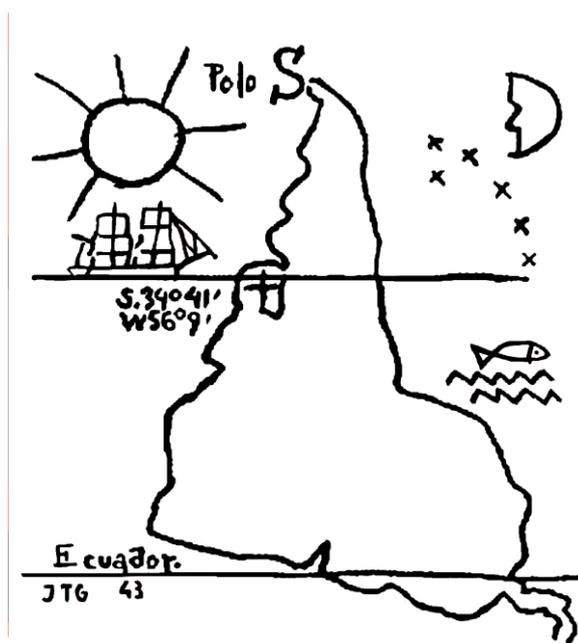


**DENTRO OU FORA DO EIXO:  
Uma cartografia das controvérsias acerca  
da produção cultural no Brasil.**



América.  
Joaquín Torres García, 1943.

Mariângela Sólla López

Mariângela Sólla López

**DENTRO OU FORA DO EIXO:  
Uma cartografia das controvérsias  
acerca da produção cultural no Brasil.**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Dinter UFMG/UFMT, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Comunicação Social.

Área de concentração: Comunicação e Sociabilidade Contemporânea.

Linha de pesquisa: Processos comunicativos e práticas sociais.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Regina Helena Alves da Silva.

Belo Horizonte  
2014

## AGRADECIMENTOS

*Em espanhol, usamos a palavra GRACIAS para agradecer. Gosto mais dela do que a que usamos em português porque, apesar da sua raiz latina remeter a honra e elogio, prefiro o significado que a raiz hindu-europeia indica: o reconhecimento em voz alta.*

*E é com esse sentimento de reconhecer a ajuda que tive para cursar este doutorado que volto quatro anos no tempo para dizer GRACIAS.*

*Assim, simplesmente, GRACIAS. Com a objetividade que sempre norteou meus textos, vício de 35 anos de exercício do jornalismo.*

*GRACIAS Lena,  
pelo estímulo, pela generosidade, pela acolhida em BH e pelo afeto.  
GRACIAS Sílvia, Dudinha e Dinho por me “emprestar” a Lena.  
GRACIAS professores Geane e Carlos,  
pelas observações feitas durante a qualificação.  
GRACIAS também aos professores Débora, Joana e Luiz Henrique,  
que aceitaram integrar a banca.*

*GRACIAS Dielcio,  
que tornou este projeto possível e conduziu o processo com sabedoria mineira,  
suportando com elegância reclamações, críticas e humores instáveis.*

*GRACIAS professores da UFMG,  
pela partilha de saberes.  
GRACIAS coordenadores do PPGCOM,  
Vera França, Bruno Leal, César Guimarães e André Brasil,  
que sempre estiveram do nosso lado procurando minimizar as dificuldades.  
GRACIAS Elaine e Jéssica,  
pela gentileza na orientação sobre os processos burocráticos.*

*GRACIAS queridos companheiros de jornada neste Dinter:  
Acyse, nosso poeta gentleman.  
Claudia, Claudinha, Cacau, Cau, amiga e fiel escudeira.  
Deyvisson, nosso expert em Foucault.  
Diego, meu quase filho querido.  
Moacir, cúmplice das horas difíceis.  
Pedro, a essência do comunicador e  
Sílvia, nossa colega letrada.  
Que sempre tenhamos um buraco do rato pra nos reunirmos!!!  
Jana, Kátia e Vera, vocês sempre estiveram comigo.  
Talvez nunca saibam quanto!*

*GRACIAS a aqueles colegas do Curso de Comunicação Social da UFMT  
que sempre tiveram uma palavra de estímulo ao ouvir nossas queixas.*

*GRACIAS alunos,  
pela convivência e por compreenderem minhas ausências.*

*GRACIAS Capes, UFMT e FAPEMAT,  
pelo apoio financeiro.*

*GRACIAS ao Programa de Moradia Universitária da UFMG,  
mas nem subindo três andares de escada consegui emagrecer!*

*GRACIAS Latour,  
por me fazer compreender o que realmente é uma tese.*

*GRACIAS Fora do Eixo,  
por me desafiar e por manter meus neurônios ativos aos quase 6.0.  
Não foi fácil!*

*GRACIAS Javier,  
pelo companheirismo e pela paciência de sempre, pelos diagramas,  
pelas broncas, pelo transporte, pelos 40 anos de amor.*

*GRACIAS  
Thiago, Larissa e Giovana,  
Rodrigo e Renata,  
Bruno e Jhenifer  
pelo apoio incondicional e pelos tão valiosos momentos juntos.*

*GRACIAS mãe,  
pena que você não me acompanhou até o final, mas sei que sempre está comigo.*

*GRACIAS Regina,  
pelos incontáveis cafezinhos e pelos mimos culinários  
que ajudaram a aplacar meu stress, apesar de me fazerem engordar!!!*

*GRACIAS tia Lourdes, tia Daiza, Margot, Jussara e Lídia  
pelas poderosas orações, quando delas precisei.*

*GRACIAS Sonia e Zé, Lu e Dielcio, Teresita e Júlio,  
eternos e leais amigos-irmãos.*

*GRACIAS amigos e colegas do TJMT,  
especialmente Lígia, Keila, Ranni, Karol e Hendson,  
pela generosidade de me aceitarem como sou.*

*GRACIAS famílias uruguaia e brasileira,  
que o amor nos mantenha unidos nesta e noutras dimensões.*

*GRACIAS a la vida,  
que me ha dado tanto!*

*Errátikos X Integrados X Reversos X Ruidokráticos X todos inversos X pedra X vidraça X  
água X Estratos X versus contra Versus X IN X OUT X  
Dentro X Fora X rede X  
Multidão X Bancos Brancos X Black Bloc RoZe ChoQ X Todos contra todos a Favor X  
Todos Todos Todos Nenhum*

*Pedro Paulo Rocha  
Em nome da Ruidocracia*

*Que é um relato? Tipicamente é um texto, uma folha de papel com alguns milímetros de espessura escurecida por um raio laser. Pode conter dez mil palavras e ser lido por pouquíssimas pessoas, talvez dez ou algumas centenas, com um pouco de sorte. Uma tese com cinquenta mil palavras será lida por meia dúzia (às vezes, até o orientador só lê algumas páginas!) – e quando digo “ler”, isso não significa exatamente “entender”, “pôr em prática” ou “reconhecer”, mas antes “folhear”, “lançar os olhos”, “aludir a”, “citar” ou “arquivar”. Na melhor das hipóteses, acrescentamos um relato a todos quantos são lançados simultaneamente no campo que estivermos estudando. Esse estudo, sem dúvida, nunca é completo. Começamos pelo meio das coisas, in media res, pressionados por colegas, forçados por bolsas de estudo, ávidos por dinheiro, atormentados por prazos finais. E quase tudo que estudamos entendemos mal ou simplesmente ignoramos. A ação foi iniciada; continuará quando não estivermos mais por aqui. O que estamos fazendo nesse campo – solicitando entrevistas, distribuindo questionários, tomando notas e rabiscando esboços, projetando filmes, compulsando documentação, esmiuçando por todos os lados – fica fora do alcance das pessoas com quem partilhamos apenas um instante fugaz. O que os clientes (centros de pesquisa, departamentos estatais, diretorias de empresa, ONGs) esperam de nós permanece oculto em mistério, tão tortuoso era o caminho que levou à escolha do pesquisador, do tópico, do método, do local. Mesmo quando estamos no meio das coisas, de olhos e ouvidos bem abertos, não captamos tudo o que aconteceu. Tomamos conhecimento de fatos cruciais no dia seguinte; eles ocorrem logo adiante, um minuto antes, depois que fomos embora cansados, com o gravador mudo por falta de bateria. Ainda que trabalhemos diligentemente, nada melhora porque, após alguns meses, vemo-nos mergulhados num dilúvio de informações, reportagens, transcrições, tabelas, estatísticas e artigos. Como tirar alguma coisa com algum sentido dessa pilha de pastas que se acumula em nossa escrivaninha e desses disquetes cheios de dados? Lamentavelmente, o texto fica por escrever e é sempre adiado. Apodrece ali enquanto orientadores, patrocinadores e clientes esbravejam, enquanto amantes, esposas e filhos se irritam ao vê-lo chafurdar na lama escura dos dados a fim de trazer luz ao mundo. E quando você se põe a escrever de verdade, já contente consigo mesmo, tem de sacrificar enorme volume de informação que não caberá no pequeno número de páginas planejado.  
Como estudar é frustrante!*

*Bruno Latour  
Reagregando o social  
2012: pp.181-182*

## RESUMO

Fundado em 2005 por quatro coletivos independentes dos estados de Mato Grosso, Paraná, Acre e Minas Gerais, o *Fora do Eixo* define-se como uma rede de trabalho colaborativa e descentralizada, constituída por coletivos de cultura, que atua pautada pelos princípios da economia solidária aplicados às cadeias produtivas da cultura em especial a da música independente, rompendo com o modelo tradicional da grande indústria. Ao longo de sua trajetória, as ações do grupo sempre geraram muitas polêmicas que se ampliaram desde sua mudança para a cidade de São Paulo, em 2011. Considerando que, na atualidade, presenciamos a diluição dos sólidos construídos na modernidade e convivemos com fenômenos híbridos que ensejam mudanças nas maneiras de agir da sociedade, como o *Fora do Eixo*, procuramos mapear as práticas, modos de organização, associações, temas e tensões que circulam e conformam o coletivo para fazer emergir a rede de significados que se desenha em seu entorno. A tese centra-se na noção de rede (SÉRRES,1967; MUSSO,2010; MARTINHO,2011) e na perspectiva da Teoria Ator-rede (LATOURETTE,2012), partindo da cartografia de controvérsias descrita por Venturini (2008, 2010, 2012) para chegar às traduções do coletivo. Os resultados deste estudo são apresentados em duas partes: na primeira encontramos um mapa híbrido construído com o objetivo de mostrar como o *Fora do Eixo* se coloca em cena e como se organiza, fazendo um relato da rede com base no seu discurso. Na segunda parte, apresentamos uma cartografia das controvérsias, descrevendo os fatos e apresentando os argumentos que colocam em evidência o jogo de forças no campo da produção cultural no Brasil.

Palavras chave:

Rede – Fora do Eixo – produção cultural – controvérsias/traduições.

## ABSTRACT

Founded in 2005 by four independent collectives from the States of Mato Grosso, Paraná, Acre and Minas Gerais, the *Fora do Eixo* defines itself as a collaborative and decentralized network, constituted by collectives of culture, which acts based on the principles of solidary economy applied to the productive culture chains, especially the independent music, breaking with the traditional model of the large industry. Throughout its history, the actions of the group always generated many controversies which increased since moving to the city of São Paulo, in 2011. Considering that currently we witness the dilution of solid constructed in the modernity and we live with hybrid phenomena that lead to changes in the way society acts, such as the *Fora do Eixo*, we seek to map the practices, methods of organization, associations, themes and tensions which circulate and constitute the collective to bring out the network of meanings that is drawn on its surroundings. The thesis focuses on the network notion (SÉRRES, 1967; MUSSO, 2010; MARTINHO, 2011) and on the perspective of Actor-Network Theory (LATOURETTE, 2012), based on the cartography of controversies described by Venturini (2008, 2010, 2012), to reach the translations of the collectives. The results of this study are presented in two parts: in the first, we find a hybrid map constructed with the aim of showing how the *Fora do Eixo* arises and how it organizes itself, making a report of the network based on its discourse. In the second part, we present a cartography of controversies, describing the facts and presenting the arguments which put into evidence interplay of forces in the field of cultural production in Brazil.

Keywords:

Network – Fora do Eixo – cultural production – controversies/translations.

## RÉSUMÉ

Fondé en 2005 par quatre collectifs indépendants du Mato Grosso, Paraná, Acre et Minas Gerais, le *Fora do Eixo* se définit comme un réseau collaboratif et décentralisé de travail constitué par collectifs de culture guidés par les principes de l'économie solidaire appliquée à des chaînes productives de la culture, en particulier de la musique indépendante, en rupture avec le modèle traditionnel de la grande industrie. Tout au long de son histoire, les actions du groupe ont toujours suscité beaucoup de controverses, qui ont élargi depuis son arrivée à la ville de São Paulo, en 2011. Considérant que nous assistons maintenant à la dilution des solides construits dans la modernité et nous vivons avec des phénomènes hybrides qui mènent des changements dans les façons de la société agir comme le *Fora do Eixo*, nous avons cartographié les pratiques, les méthodes d'organisation, les associations, les thèmes et les tensions qui circulent et qui façonnent le collectif, pour faire ressortir le réseau de significations qui se dessine sur ses environs. La thèse porte sur la notion de réseau (SERRES, 1967 ; MUSSO, 2010; MARTINHO, 2011) et le point de vue de la Théorie de l'Acteur-réseau (LATOUR, 2012), à partir de la cartographie des controverses, décrite par Venturini (2008, 2010, 2012), pour atteindre les traductions de la collectivité. Les résultats de cette étude sont présentés en deux parties : d'abord, nous trouvons une carte hybride construite dans le but de montrer comment le *Fora do Eixo* se présente sur la scène et la façon dont il est organisé, en faisant un rapport du réseau à partir de son discours. Dans la deuxième partie, nous présentons une cartographie des controverses, décrivant les faits et présentant les arguments qui mettent en évidence l'interaction des forces dans le domaine de la production culturelle au Brésil.

Mots-clés:

Réseau – *Fora do Eixo* – production culturelle – controverses/traductions

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|           |   |    |
|-----------|---|----|
| Figura 1  | Espaço Cubo no <i>Google Trends</i>               | 31 |
| Figura 2  | Fora do Eixo no Google Trends                     | 31 |
| Figura 3  | Primeira logomarca do grupo                       | 40 |
| Figura 4  | Logomarca e slogan do coletivo                    | 40 |
| Figura 5  | Sede do Espaço Cubo em Cuiabá                     | 41 |
| Figura 6  | Interior da sede: Cubo discos e biblioteca        | 42 |
| Figura 7  | Estúdio de ensaio                                 | 42 |
| Figura 8  | Reunião de integrantes                            | 42 |
| Figura 9  | Moeda solidária Cubo Card                         | 44 |
| Figura 10 | Organização inicial do coletivo                   | 46 |
| Figura 11 | Projetos do Espaço Cubo                           | 47 |
| Figura 12 | Outros projetos do Espaço Cubo                    | 48 |
| Figura 13 | Logomarca do Fora do Eixo                         | 50 |
| Figura 14 | Organização política do Fora do Eixo              | 59 |
| Figura 15 | Anúncio de imersão e edital de vivência das CAFEs | 60 |
| Figura 16 | Organização estrutural do Fora do Eixo            | 62 |
| Figura 17 | Simulacros do Fora do Eixo                        | 64 |
| Figura 18 | Representação da rede Fora do Eixo                | 65 |
| Figura 19 | Mapa de Pontos Fora do Eixo                       | 67 |
| Figura 20 | CAFEs Minas Gerais e São Paulo                    | 70 |
| Figura 21 | Logomarcas de casas Fora do Eixo                  | 70 |
| Figura 22 | Caixa coletivo                                    | 71 |

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|           |   |     |
|-----------|---|-----|
| Figura 23 | Jovens trabalhando nas Casas Fora do Eixo   | 72  |
| Figura 24 | Modo de organização de uma casa             | 73  |
| Figura 25 | Traduções do Fora do Eixo                   | 139 |
| Figura 26 | Topologias das redes de Paul Baran          | 143 |
| Figura 27 | Diagrama da Rede Fora do Eixo               | 144 |
| Figura 28 | Denominações da organização                 | 146 |
| Figura 29 | Fora do Eixo e as práticas do comum         | 151 |
| Figura 30 | Fora do Eixo e o trabalho                   | 154 |
| Figura 31 | Sustentabilidade financeira do Fora do Eixo | 157 |
| Figura 32 | Polissemia do Eixo                          | 160 |

## SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| <b>INTRODUÇÃO</b>                         | 13  |
| <b>PARTE I</b>                            |     |
| <b>RASTREANDO A REDE</b>                  |     |
| <b>1 PARA SEGUIR A REDE</b>               | 21  |
| 1.1 A PERSPECTIVA DAS REDES               | 21  |
| 1.2 A DEFINIÇÃO DO CORPUS                 | 29  |
| 1.3 ROTEIRO DA PESQUISA                   | 35  |
| <b>2 A TRAJETÓRIA DA REDE</b>             | 38  |
| 2.1 O EMBRIÃO                             | 39  |
| 2.2 A TROCA SOLIDÁRIA                     | 43  |
| 2.3 A ORGANIZAÇÃO INICIAL                 | 46  |
| 2.4 A EXPANSÃO                            | 49  |
| <b>3 A LÓGICA DA ORGANIZAÇÃO</b>          | 58  |
| 3.1 ORGANIZAÇÃO POLÍTICA                  | 58  |
| 3.2 ORGANIZAÇÃO ESTRUTURAL                | 61  |
| 3.3 FORA DO EIXO EM NÚMEROS               | 65  |
| 3.4 VIDA FORA DO EIXO                     | 69  |
| <b>PARTE II</b>                           |     |
| <b>CARTOGRAFANDO A REDE</b>               |     |
| <b>4 DAS CONTROVÉRSIAS ÀS TRADUÇÕES</b>   | 75  |
| 4.1 A MEDIAÇÃO DO PASSA PALAVRA           | 76  |
| 4.1.1 A esquerda fora do eixo             | 78  |
| 4.1.2 A esquerda nos eixos                | 83  |
| 4.1.3 Capitalismo e cultura livre         | 92  |
| 4.1.4 Nem eixo nem seixo                  | 94  |
| 4.1.5 Sair dos eixos à esquerda           | 95  |
| 4.1.6 A esquerda sem fantasias            | 97  |
| 4.1.7 O comum e a exploração              | 98  |
| 4.2 A POSIÇÃO DO FORA DO EIXO             | 100 |
| 4.3 A MEDIAÇÃO DA IMPRENSA                | 103 |
| 4.3.1 Os de fora do Eixo                  | 104 |
| 4.3.2 Os de dentro do Eixo                | 118 |
| 4.4 A REAÇÃO DO FORA DO EIXO              | 125 |
| <b>5 DENTRO OU FORA DO EIXO?</b>          | 132 |
| 5.1 DAS POLARIZAÇÕES ÀS INTERFRONTEIRAS   | 132 |
| 5.2 ORGANIZAÇÃO FORA DO EIXO              | 140 |
| 5.3 VIDA, TRABALHO E CULTURA FORA DO EIXO | 149 |
| 5.4 O EIXO DO FORA DO EIXO                | 157 |

## SUMÁRIO

|                             |     |
|-----------------------------|-----|
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> | 161 |
| <b>REFERÊNCIAS</b>          | 168 |

# INTRODUÇÃO

*Hoje é o momento dos coletivos, hoje é um momento do associativismo, do trabalho em rede e da cooperação, dentro da cultura a gente conseguiu ganhar muita projeção com isso [...].O setor cultural hoje tem uma clareza de que a cultura tem o potencial de ser um segmento de renome, que você vai pautar a construção até de uma nova sociedade brasileira.*  
(Felipe Altenfelder)<sup>1</sup>

*Imaginem um liquidificador em que se possa colocar as ramificações da esquerda, com estratégias e lógicas de mercado das agências de publicidade, misturando rock, rap, artes visuais, teatro, um bando de sonhadores e outro de pragmáticos, o artista, o produtor, o empresário e o público. Tudo junto e misturado. O caldo dessa batida é uma nova tecnologia de participação e engajamento que funciona de forma exemplar para a circulação e produção musical, mas que acima de tudo é um grande projeto de formação política.*  
(Alexandre Youssef)<sup>2</sup>

*É um grupo político, apesar de financiado por leis de incentivo à cultura, com objetivos que passam longe das demandas do setor cultural. Simplesmente, porque não há preocupação nenhuma com a cultura. Como todo grupo político, o que o Fora do Eixo faz é brigar por frações de poder e por dinheiro.*  
(Renato Nunes)<sup>3</sup>

*Aos coletivos que atuam no Circuito Fora do Eixo: a estes atores sociais que vêm ressignificando a palavra “independente”, potencializando-a de forma marcante no âmbito da música atual.*  
(Micael Herschmann)<sup>4</sup>

*Os artistas do catálogo do circuito do Fora do Eixo representam um nicho de mercado em crescimento, mas que são consumidos como novidade, o diferente, e da mesma forma que outro produto, o risco da estagnação do mercado também existe. Mas, com a vinda do coletivo para São Paulo, trata-se de expandir o mercado divulgando a marca “Fora do Eixo” em mobilizações de jovens com o perfil consumidor de seus produtos.*  
(Coletivo Passa Palavra)<sup>5</sup>

*[...] o Fora do Eixo mantém “casas”, onde, vejam só, moram pessoas mesmo, mais ou menos como essas seitas religiosas que estimulamos jovens a abandonar a família.*  
(Reinaldo Azevedo)<sup>6</sup>

<sup>1</sup> Integrante do Fora do Eixo. Entrevista concedida a Carol Ruas, do Século Diário, em 8/10/2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QJfNZiYyCyg>>

<sup>2</sup> Proprietário da casa de shows Studio SP e colunista da revista Trip, em artigo de 12/5/2011. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/revista/199/colunas/o-partido-pos-rancor.html>>

<sup>3</sup> Editor do blog Rock 64 (R64), em artigo de 29/9/2011. Disponível em:

<<http://rockbrasiliadesde64.blogspot.com.br/2011/09/bela-independencia-hein.html>>

<sup>4</sup> Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em dedicatória do livro “Nas bordas e fora do mainstream musical”, organizado por ele e editado em 2011.

<sup>5</sup> Trecho do artigo “A esquerda Fora do Eixo”, postado em 17/6/2011 no jornal online do coletivo. Disponível em <<http://passapalavra.info/?p=41221>>

<sup>6</sup> Jornalista da revista Veja, escrevendo em seu blog em 8/8/2013. Disponível em:

<<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/cineasta-rompe-o-silencio-e-denuncia-como-trabalha-o->

A discussão e a polêmica em torno das práticas do hoje denominado *Fora do Eixo*, coletivo que ocupa espaço na mídia e enseja provocações e reflexões sobre seu agir, começaram há aproximadamente 12 anos na cidade de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso que, devido a suas altas temperaturas, foi batizada de “hell city” pelo *Fora do Eixo*. Do nosso lado, a inquietação que motivou esta pesquisa começou talvez por volta de 2005, quando alunos do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso, das habilitações de Jornalismo, Rádio e TV e Publicidade e Propaganda, discutiam intensa e frequentemente as atividades promovidas por um coletivo denominado *Cubo Mágico*, também conhecido como *Espaço Cubo*, nome dado ao local onde se reuniam seus integrantes.

A dedicação e o engajamento de muitos estudantes nas ações do coletivo fizeram com que as aulas desta professora fossem relegadas a segundo plano inúmeras vezes, pois havia “urgência” em trabalhar na organização de algum evento do Cubo (festivals, shows, festas). Outras vezes, a aula era interrompida por discussões acaloradas entre integrantes e não integrantes do coletivo. Instigados pela polêmica e pela paixão com que cada lado defendia seus pontos de vista, começamos a indagar os estudantes sobre esse coletivo e passamos a acompanhar algumas de suas ações na cidade, assim como as notícias divulgadas pelos meios de comunicação locais.

Muito mais tarde, em 2010, quando tivemos a oportunidade de participar deste Doutorado Interinstitucional Novas Fronteiras UFMG/UFMT, as discussões em torno ao *Espaço Cubo*, que não haviam cessado nem no Curso de Comunicação Social e menos ainda na cidade (talvez só houvesse diminuído de intensidade), voltaram a inquietar-nos, desta vez já com a perspectiva de nos aprofundarmos em seu estudo. E foi assim que começamos a construir o projeto de pesquisa que culminou na elaboração da tese que ora apresentamos.

A questão que norteia este estudo está estreitamente vinculada às incertezas que vivemos na atualidade. Sem entrar na discussão a respeito de como deve ser denominada a sociedade contemporânea – alguns a preferem pós-moderna, outros argumentam que se vive uma variedade mais maleável ou líquida da mesma

modernidade – o que se observa hoje é a diluição de paradigmas, conceitos e valores que sustentaram e deram estabilidade à humanidade na era moderna.

Estudiosos e pesquisadores da sociedade têm dedicado boa parte de seu tempo para refletir sobre as transformações que vivemos, daí porque cabe destacarmos alguns aportes que contribuíram para embasar nossa investigação. Partindo de uma análise da modernidade, tanto Bauman (1999), como Latour (1994) coincidem na compreensão de que a atitude moderna em busca de um ordenamento povoou o mundo com entidades sólidas. Esse movimento de purificação gerou inúmeras e abrangentes dicotomias – dentro/fora, amigos/inimigos, para Bauman; sociedade-cultura/natureza, para Latour. Ambos entendem que, para transpor a barreira estabelecida entre polos opostos rigidamente, a sociedade construiu outras ordens que passaram a conviver de maneira misturada, emaranhada mesmo, *híbrida* no dizer de Latour, ou *estranha* para Bauman.

É assim que nos encontramos na atualidade convivendo com aquilo que escapa à dicotomia moderna, procurando outros ordenamentos, misturando-se por meio de interconexões, construindo interfronteiras entre sólidos polos. Em entrevista ao programa Milênio<sup>7</sup>, da Globo News, Bauman disse que começou a chamar a presente situação de “situação de interregno”<sup>8</sup>, entendendo que a antiga maneira de agir da sociedade não funciona mais, mas novas maneiras de agir ainda não foram inventadas. Apesar de ver sinais de mudanças muito profundas na sociedade e de acreditar estarmos passando por uma revolução cultural, Bauman se exime de fazer análises ou previsões sobre o futuro porque ele pode tomar qualquer direção.

Mas embora ainda não seja possível divisar bem os contornos da contemporaneidade, justamente porque ainda se vive um período de intensas transformações, é certo que a imagem da civilização moderna industrial, estruturada na produção e na máquina, vem se modificando e, mesmo que as rupturas ainda não tenham sido definitivamente concretizadas, cabe aos pesquisadores buscar

---

<sup>7</sup> Programa veiculado em 16 de janeiro de 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/milenio/videos/t/programas/v/nos-hipotecamos-o-futuro-critica-sociologo-polones/1771422/>>

<sup>8</sup> O conceito, explica Bauman, é da época do primeiro rei da Roma Antiga, Rômulo, cuja história foi registrada por Tito Lívio em “*Abe Urbe Condita*”. Bauman refere-se ao período pós-morte de Rômulo, depois de 38 anos no poder. Como a expectativa de vida à época era de 38 anos, a sociedade romana ficou sem outra fonte de referência, pois não havia ninguém que se lembrasse como era a vida antes de Rômulo. E, até que o rei seguinte fosse indicado, Roma viveu um ano de confusão completa.

compreender os movimentos que ensejam mudanças importantes no comportamento da sociedade.

Nesse sentido, o processo comunicativo desponta como chave estratégica do pensar contemporâneo. Pensar a sociedade hoje significa deslocar o olhar para as complexas e dinâmicas redes de relações e interações que se entrecruzam nas diferentes dimensões comunicativas, uma vez que a comunicação articula todos os lados e as formas da vida cultural e social dos povos. É, no dizer de Martín-Barbero, entender a comunicação como lugar de intersecção de múltiplas redes de poder e de produção cultural (2001, p. 19).

As chamadas novas tecnologias de comunicação estão impulsionando o surgimento de um conjunto de práticas sociais, políticas e culturais que aponta para ações de participação em uma escala mais ampla, propiciada, sobretudo, pela utilização da rede mundial de computadores. Esse novo lugar de diálogo, de agregação e de coletivização possibilitou a emergência de movimentos e articulações que afirmam atuar transversalmente aos modelos tradicionais de produção, distribuição e consumo de bens simbólicos, gestando novos modelos de negócios em rede, ou ainda articulando e mobilizando pessoas para participar de manifestações e intervenções em prol de causas comuns.

É nesse contexto que situamos nosso objeto de estudo, o coletivo *Fora do Eixo*, formado em 2005 com a união de quatro coletivos voltados à produção cultural, sendo um deles o *Cubo Mágico/Espaço Cubo*, constituído em Cuiabá em 2001/2002 por estudantes de Comunicação Social. Impulsionado pelo descenso da produção musical em escala industrial, pela falta de oportunidades para promover a música independente local e pelas facilidades de aproximação e comunicação propiciadas pela internet, o coletivo encontrou espaço propício para executar um modelo alternativo de produção cultural. Segundo o grupo, esse modelo representa rupturas significativas com a indústria cultural, tornando o processo mais democrático, horizontal e colaborativo. Por meio da organização em rede e de ações cooperativas, assim como de estruturas abertas de direito autoral e propriedade intelectual, o coletivo construiu um novo nicho de mercado, potencializando a produção independente.

A rede conformada pelo *Fora do Eixo* cresceu. Em 2011, o coletivo mudou-se para São Paulo (um dos eixos da produção cultural brasileira), suas ações

ganharam mais visibilidade e suas atividades se diversificaram para outras frentes culturais, além da música. Ao mesmo tempo, sua ação política expandiu-se e o grupo começou a conectar-se com outros movimentos sociais, engajando-se em diversas mobilizações. As práticas que sempre suscitaram polêmica voltaram a ser questionadas quando confrontadas com a de outros movimentos, estabelecendo um jogo de disputas e estimulando o debate em torno do coletivo, antes circunscrito a um pequeno círculo, fosse ampliado, chegando aos meios de comunicação de massa, após os protestos nas ruas ocorridos no Brasil em junho de 2013.

Em tempos em que assistimos à derrubada das fronteiras dos sólidos fundamentos construídos pela modernidade, em que testemunhamos o surgimento de híbridos que se deslocam incessantemente e em que acompanhamos as constantes tentativas de reordenar o estranho ou purificar o híbrido, interessa-nos compreender a ação política do coletivo *Fora do Eixo* e indagamos: **o modo de organização e as práticas do coletivo possibilitam a construção de interfronteiras no campo da produção cultural no Brasil?**

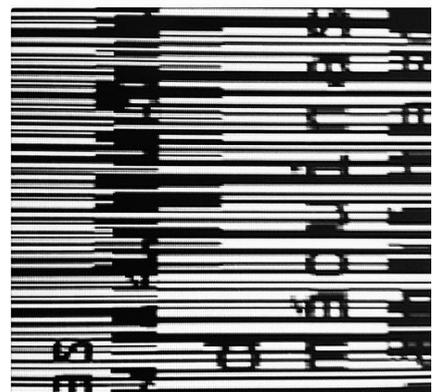
A presente tese então se desenvolve a partir do entendimento de que as propostas expressas no discurso do *Fora do Eixo* e os princípios que a organização em rede do coletivo agencia possuem potencial para promover alguns deslocamentos no campo da produção cultural. Dessa forma, o objetivo central deste estudo foi o de explorar essa potencialidade transformadora, buscando compreender se efetivamente isso ocorre, como e quando ocorre ou por que não ocorre. Pensamos que ao dar visibilidade às discussões sobre as lógicas e práticas do *Fora do Eixo*, fazemos emergir a rede de significados que se desenha em torno do coletivo e podemos contribuir para ampliar a margem de participação e ação sociopolítica de outros atores nesse processo.

A abordagem metodológica centra-se na noção de rede (Sérres: 1967, Musso: 2010; Martinho: 2011) e na perspectiva da Teoria Ator-Rede (Latour: 2012), partindo da cartografia das controvérsias descrita por Venturini (2010, 2012), para chegar às traduções. Entendemos que, ao cartografar as controvérsias suscitadas pelo *Fora do Eixo*, estamos cartografando a dinâmica dos processos significativos, uma vez que as disputas ocorrem no campo dos sentidos. Utilizamos, então, a cartografia como instrumento para visualizar a heterogeneidade dos mediadores que atuam na rede que o coletivo aciona.

A metáfora da rede nos foi útil de duas formas diferentes. Em um primeiro momento, serviu para visualizar e compreender uma forma de organização na qual os atores – ou actantes, no dizer de Latour (2012) – se interconectam com outros de forma fluída, estabelecendo relações efêmeras que se liquefazem no tempo. O conceito nos serviu, então, para observar essa estrutura instável do *Fora do Eixo*, as interações que estabelece e as normatizações que regulam seus modos de organização. Em seguida, nos apropriamos da noção para produzir um relato de risco que, conforme Latour (2012), seja capaz de construir uma rede e cujo texto funcione como um mediador, sem abandonar a objetividade e a verdade.

Assim, este trabalho está estruturado com base nos movimentos metodológicos executados. Na primeira parte vamos encontrar um **relato da rede** que procura mapear a trajetória do *Fora do Eixo*, sua forma de organização e suas propostas. Esse mapa foi construído unicamente com base no discurso do coletivo, recuperado ao seguir a rede por meio de registros disponíveis na web. Na segunda parte, procuramos construir um **relato em rede**, fazendo emergir as traduções do coletivo, a partir da cartografia das controvérsias em torno do discurso e das práticas do *Fora do Eixo*.

O primeiro movimento permitiu visualizarmos a emergência da ação política do *Fora do Eixo* e o segundo constitui, na verdade, mais uma tradução produzida na tarefa de desdobrar os atores como redes de mediações. Ou seja, produzida na busca por ampliar o número de atores, expandir o leque de agências que levam os atores a agir, cartografar as controvérsias em torno das questões de interesse e identificar tentativas de estabilização da rede. O resultado desse esforço é produto de um longo e árduo percurso que buscamos reproduzir nas próximas páginas.



Pedro Paulo Rocha

# PARTE I

# RASTREANDO A REDE

## 1 PARA SEGUIR A REDE

Neste capítulo temos a intenção de apresentar o desenho desta pesquisa e como ele foi traçado. Escolhemos fazer isso logo no início para que fique claro ao leitor qual o percurso percorrido para chegar aos resultados expostos nos capítulos subsequentes. Dessa forma, nas seções seguintes será possível compreender de onde partimos, as escolhas que fizemos, além de conhecer os desvios que marcaram nosso percurso. Descrevemos também como chegamos ao recorte teórico-conceitual que direcionou nosso olhar para o fenômeno estudado, além de explicar como foram constituídos o *corpus* da pesquisa e os procedimentos metodológicos empregados.

### 1.1 A PERSPECTIVA DAS REDES

Conforme explicamos na introdução deste trabalho, nosso interesse em estudar o coletivo *Fora do Eixo* reside, sobretudo, em uma potencial perspectiva transformadora suscitada pelas práticas do coletivo. Trata-se de um grupo que surge buscando alternativas para a produção, circulação e divulgação da música independente, inicialmente distante do eixo Rio-São Paulo, que se torna centro de disputas em diversos campos (cultural, político, econômico, dentre outros), desencadeando denúncias, inflamando discussões e provocando críticas incisivas ou defesas apaixonadas.

Ao longo deste estudo, o *Fora do Eixo* foi se revelando um objeto complexo, difícil mesmo de ser seguido por causa de sua fluidez e instabilidade. O que em alguns momentos julgávamos haver compreendido era desconstruído logo em seguida pelo aparecimento de outros fatos: descobríamos novas associações, encontrávamos elementos que aparentemente contradiziam os princípios do grupo, ou ainda nos deparávamos com outro sentido atribuído às práticas do coletivo.

A mistura de conceitos utilizados para definir o grupo, as diversas disputas que permeiam o fazer do coletivo e os deslocamentos que provocaram mudanças importantes na sua conformação nos levaram a incursionar em muitas áreas distintas: dos princípios da economia solidária ao capitalismo cognitivo; da

administração e organização de empresas a teorias de marketing, por exemplo. Diante de um objeto que mobiliza tantas frentes temáticas, a preocupação constante foi a de não perder o olhar comunicacional sobre ele. Por isso, esta pesquisa centrou-se na observação das interações comunicativas entre o coletivo e a sociedade e, a partir daí, buscamos compreender a ação social do *Fora do Eixo* e suas implicações políticas e culturais.

Por muito tempo, e em inúmeras fases deste estudo, o constante movimento do grupo constituiu-se em uma dificuldade quase intransponível para apreender o coletivo de forma que fosse possível atingir os objetivos propostos. Isso nos causou inúmeras incertezas e provocou muitos desvios durante os estudos. E foi a incerteza sobre a denominação do coletivo como “rede”, “rede de redes” ou “rede de coletivos” que nos levou a discutir esse conceito. Seria o *Fora do Eixo* uma rede como se autodenomina?

A partir dessa indagação nos aproximamos do modelo de rede e percebemos a grande diversidade de perspectivas que ele enseja, convoca e agencia. Na medida em que avançamos e que a formação predominantemente reticular do coletivo foi se revelando, percebemos também que esse modelo poderia ajudar-nos a compreender e captar a rugosidade do *Fora do Eixo*, os movimentos e fluxos que permeiam as práticas do coletivo, suas várias camadas... Ou seja, decidimos pensar como rede para compreender a rede. Mas de qual rede estamos falando?

A palavra rede hoje pode ser comparada a um amplo guarda-chuva, debaixo do qual inúmeras aplicações podem ser abrigadas. Falamos de rede para nos referirmos às estruturas, aos discursos, às tecnologias, às sociedades, à comunicação... Utilizamos o termo em sua dimensão empírica ao abordarmos fenômenos relacionados às tecnologias da informação, por exemplo; em sua dimensão conceitual, quando nos referimos a seu poder explicativo; e também aplicamos a metáfora da rede como um dispositivo analítico. Diversos autores apontam esse uso ampliado do conceito (MARTINHO: 2011; MUSSO: 2010; FRANÇA: 2002), alertando para a necessidade de definir com precisão como a noção será utilizada, evitando desse modo seu enfraquecimento.

Começamos então pela polissemia do termo. Ao pesquisar a gênese da palavra rede, Musso (2010) nos traz um estudo desde sua origem no século XII, (*réseau* em francês, vindo latim *retioulus*), quando era empregada para designar

redes de caça ou pesca. O mesmo estudo passa pelas diferentes atribuições de sentido ao termo rede, chegando à explosão do conceito, quando é invocado amplamente em discursos e representações contemporâneas. Para chegar a uma conceituação, o autor toma emprestadas contribuições de Michel Sérres, Henri Atlan e Anne Cauquelin e nos propõe: “a rede é uma estrutura de interconexão instável, composta de elementos em interação, e cuja variabilidade obedece a alguma regra de funcionamento” (MUSSO: 2010, p.31).

Nessa conceituação, é possível distinguir três níveis na rede: o da *interação*, dado pela conexão entre nós (ou picos), ligados por caminhos; o da *estrutura*, sempre dinâmica, instável e complexa da rede; e o nível da *normatização*, composto pelas regras que explicam seu funcionamento. Tomamos então o conceito proposto por Musso, registrando três possíveis níveis de análise para compreender um coletivo que se organiza em rede como o *Fora do Eixo*.

Do percurso traçado por ele, nos interessa aprofundar particularmente na contribuição de Michel Sérres (1964), também analisada por França (2002). Segundo o filósofo, o diagrama de uma rede “é formado num dado instante (pois veremos que ele representa qualquer estado de uma situação móvel) por uma pluralidade de pontos (extremos) ligados entre si por uma pluralidade de ramificações (caminhos)” (SÉRRES: 1964: p.7).

Nesse modelo, cada ponto representa um elemento definível de um conjunto empírico determinado e cada via é representativa de uma ligação ou de uma relação entre dois ou mais elementos dessa situação empírica. Em outras palavras: um ponto é a interseção de vários caminhos, e um caminho põe em relação vários pontos. Dessa forma, deparamo-nos com um diagrama em rede que nos indica vias mediadoras plurais e complexas, sendo possível escolher um (ou mais) caminho(s) entre os outros possíveis.

Percebemos que, ao negar a linearidade da dialética tradicional, que enfatiza polaridades, Sérres nos apresenta um modelo de representação em forma de rede que oferece outras pistas e possibilidades para análise dos fenômenos sociais e de comunicação. A perspectiva de um modelo plural coloca-nos diante de pontos, caminhos e mediações diversas e amplia o olhar, permitindo captar melhor a rugosidade e a fluidez presente nos fenômenos sócio comunicacionais contemporâneos.

Além disso, outro ponto que julgamos importante para este estudo é a constatação de que, ao substituir a linearidade pela reticularidade, o modelo analítico de Sérres permite compreender também que cada caminho representa um tipo de ação e relação diferenciada, o que possibilita distinguir a natureza e a força das diferentes conexões. “Premissa que traz as perguntas: os caminhos escolhidos implicam que tipo de ação dos sujeitos? Quais interações?”, indaga França (2002, p. 69). É também o que desejamos compreender na rede constituída pelo *Fora do Eixo*.

Neste estudo olhamos para um objeto que se organiza em rede, constituindo-se como uma teia, em várias camadas. Por isso necessitamos compreender a rede como um modo de organização, identificando seus nodos, laços e como eles se conectam para compreender como o *Fora do Eixo* se organiza em rede. E escolhemos fazer isso seguindo os rastros do coletivo desde sua origem, acompanhando seu desenvolvimento pela web (outra rede, mas no sentido técnico do termo, uma rede de tecnologia de informação, que não se constitui nosso objeto de estudo).

As conexões da rede são as que ligam pessoas a pessoas; pessoas a coisas, coisas com coisas; pessoas e coisas à sociedade... Como nos dizem Silva e Gonzaga, “redes são fenômenos coletivos, isto é, sua dinâmica implica relacionamento no âmbito dos grupos, sejam eles conjuntos de proteínas, células, espécies, sítios na internet, pessoas ou comunidades” (SILVA; GONZAGA, 2005).

Ao pensar as redes de relações que constituem o tecido social, Martinho (2011) assinala a importância da conexão como elemento central das redes, mas considera insuficiente essa propriedade “conexionista” para dizer sobre o que é a rede. Segundo ele, a capacidade heurística do conceito se esvai quando tudo se explica pela conexão, pela interligação. O que torna importante o uso do modelo de rede é a sua capacidade de apontar caminhos para a ação social “as conexões entre os nodos – ou seja, as relações – conformam a rede e, por isso, nesse âmbito é a ação social que tem a primazia.” (MARTINHO: 2011, p.40). Desse modo, a noção de rede também se revela útil para tentarmos compreender o coletivo *Fora do Eixo*, suas interações com a sociedade, sua ação social.

Interessa-nos identificar o que a rede de coletivos *Fora do Eixo* aciona no âmbito social, que tipo de vínculos a rede estabelece com a sociedade, com o

mundo e se, ao fazer essas conexões, o coletivo provoca alguma mudança social. Mas, afinal, o que é o social? É em Bruno Latour (2012) que encontramos uma resposta que nos permite explorar o *Fora do Eixo* e suas interações com a sociedade de uma forma que não está dada a priori. Sua proposta centra-se na perspectiva de que o social não explica a sociedade, mas é o que deve ser explicado.

Assim, o autor nos propõe partir das relações para entender como vão se tecendo as associações. O social é construído o tempo todo e, se queremos entendê-lo, devemos explicar como se constitui ao invés de ser explicado por ele. Trata-se da sociologia das associações, em contraposição à sociologia do social. Latour está nos propondo seguir os atores<sup>9</sup>, como quem segue os caminhos traçados pelas formigas, observando suas agregações e buscando-lhes explicações em meio aos diversos elementos da sociedade. O objetivo é realizar uma ciência mais pontual, menos generalista, cujo olhar recaia sobre aquelas ligações ignoradas pela sociologia do social.

Considerando a Teoria Ator-Rede (TAR) como um caminho para compreender a construção dos fatos, partimos da afirmação de Latour de que a TAR consiste em “seguir as coisas através das redes em que elas se transportam, descrevê-las e seus enredos” (2004, p.394). Daí a decisão de seguir a rede conformada pelo coletivo em estudo, pois os princípios da teoria não estão dados a priori, cabendo ao pesquisador a função de acompanhar os movimentos dos atores na rede (pessoas, instituições, máquinas, objetos). Ao agir, o ator faz com que outro também aja, distribuindo a ação em rede e tornando-a coletiva. Como afirmam Silva e Gonzaga, a rede só aparece quando é acionada, a dinâmica das redes é o resultado da ação de conexão de muitos em interação produtiva. Assim,

Redes, durante quase todo o tempo, são estruturas invisíveis, informais, tácitas. Elas perpassam os momentos da vida social, mas praticamente não se dão a ver – são o conjunto de “conexões ocultas”, como diria Capra; ou a “estrutura submersa”, nas palavras de Alberto Melucci. Na prática social, cada uma das pessoas possui muitos círculos de relacionamento, mas não sabe quantos eles são ou como identificá-los. Na

---

<sup>9</sup> Latour utiliza a denominação *actantes* para abranger a diversidade de participantes, humanos e não-humanos, que são mobilizados em uma rede. Neste estudo, optamos por não usar essa terminologia, mas consideramos a ação dos não-humanos na rede estudada, entendendo que ator é qualquer coisa que age.

verdade, as pessoas, de modo geral, só veem a rede quando precisam dela. (SILVA; GONZAGA, 2005).

Dessa forma, alguns movimentos são necessários para pensar a rede. Antes de tudo é necessário entender como a rede aciona seus integrantes, como ela se mobiliza e se expande, tornando-se mais forte. Outro movimento é o de compreender quais transformações sofre a rede, que direção ela vai tomando, qual sua conformação. Pensar a rede é pensar em processo no qual se produzem significados, ocorrem trocas entre os diferentes atores e, enfim, ocorre comunicação.

Na busca de um método que nos permita seguir a rede, retomamos Deleuze e Guattari (1995) ao abordar os princípios da cartografia: “O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.22). E é nesse sentido que o método cartográfico pode ser útil neste estudo para acompanhar processos, traçar percursos, reconhecer fronteiras e identificar interfronteiras, baseando-se na observação do pesquisador e no trabalho incessante de localizar pistas.

De outro lado, ao estudar um objeto que suscita polaridades e suporta tantos pontos de vista, como o *Fora do Eixo*, torna-se impossível ignorar as disputas que ocorrem em torno do seu discurso e suas práticas. Assim, na tentativa de captar a pluralidade de sentidos atribuídos a algumas questões relacionadas à produção cultural no Brasil, sobretudo aquelas ligadas às propostas do grupo em estudo, optamos por realizar uma cartografia. Com base no método de cartografia das controvérsias e na experiência em estudar fenômenos fluídos dos pesquisadores do Centro de Convergência de Novas Mídias, coordenado pela professora Regina Helena Alves da Silva, procuramos traçar um roteiro que atendesse às especificidades deste estudo.

Dessa forma, pensar em uma cartografia de redes significa pensar em registrar e representar as ações dos atores ali presentes e as transformações provocadas por elas, significa encontrar os laços que conectam fluxos e espaços. Neste estudo, vamos seguir os rastros da rede conformada pelo *Fora do Eixo* para identificar os atores, as alianças estabelecidas, os interesses em jogo, as interpretações e atribuições de significado suscitadas pelas propostas do coletivo e, ao mesmo tempo em que pensamos a rede, passamos a pensar com a rede.

Em Latour (2005), a cartografia aparece de forma mais refinada quando o autor nos fala de uma ferramenta para a apreensão dos coletivos sociotécnicos: trata-se da cartografia das controvérsias, método que permite um estudo prático das redes. Controvérsias são disputas, sinais de diversidade sobre questões que ainda não foram estabilizadas, situações nas quais os atores discordam, ou concordam sobre seu desacordo. Nas palavras de Lemos<sup>10</sup>, são “fóruns híbridos”, espaços de conflito e negociação.

Venturini (2010, 2012) mostra-nos como cartografar e representar as controvérsias, demonstrando a importância de o pesquisador fazer uma boa descrição dos fatos, no intuito de compreender como se constrói o social. No entanto, para uma visada no campo da comunicação, entendemos que é necessário fazer algumas adequações, pois nosso objeto de estudo são as interações comunicativas. Dessa forma, como estudá-las sob uma perspectiva latouriana? Vejamos.

O estudo das controvérsias está baseado na noção de *tradução*<sup>11</sup> que, de acordo com Latour (2000), é a “interpretação dada pelos construtores de fatos aos seus interesses e aos das pessoas que eles alistam”. Por esse motivo, a Teoria Ator-Rede é também conhecida como sociologia da tradução. E foi em Michel Serres que Latour, Callon (1986) e Law (2007) buscaram o conceito de translação, como um ato de invenção originado da mistura de elementos heterogêneos, para falar de tradução.

O conceito de translação em Michel Serres aparece na obra *Hermes* (1990), invertendo o paradigma da comunicação como informação para a ideia de que comunicação é transformação, uma vez que o autor entende por translação o processo de construir conexões, forjar passagens entre domínios ou, simplesmente, **estabelecer comunicação**. Esse processo pode envolver o ato de deslocar ou o ato de substituir alguma coisa e sempre envolve transformação. Cada ato de translação transforma o que translada como também aquilo que é transladado (SERRES, 1996).

---

<sup>10</sup> O professor André Lemos, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), ministrou, em 2012, disciplina denominada *Cartografia de Controvérsias*. As expressões foram retiradas do conteúdo desse curso, disponível em: <<http://prezi.com/bxz1z7h3xnga/cartografia-de-controversias>>

<sup>11</sup> Ou *versão*, como preferem alguns autores; ou ainda, *translação*, no dizer de outros.

As translações que ocorrem nas ações coletivas representam, então, os deslocamentos entre os atores que fazem a mediação na rede. Para Latour (2000), as cadeias de translação referem-se ao trabalho graças ao qual os atores modificam, deslocam e transladam seu vários e contraditórios interesses. Callon (1986) entende que os processos de translação são momentos nos quais a possibilidade de interação e as margens de manobra são negociadas, delimitadas. Já Law (2007) acrescenta ao conceito a ideia de traição. Para ele, toda tradução é uma traição, pois, ao contrário de tradução (que remete a similaridade, fidedignidade entre a origem e o resultado da daquilo que é traduzido), a traição remete à “diferença que transforma”.

Chegamos assim ao que nos importa para uma abordagem comunicacional do objeto em estudo. Se pensarmos a comunicação como prática constituidora da vida social, na qual as redes de relações e interações se entrecruzam em diferentes esferas, podemos entender a tradução como um processo de atribuição de sentidos. Ora, os atores apropriam-se do que circula na rede de diferentes maneiras, o que, segundo Law, implica em traição e, por sua vez, remete à transformação e não pode ser controlado. Dessa maneira, cartografar as controvérsias com o objetivo de compreender os processos de tradução, entendendo-os como processos de atribuição de sentidos que traem aqueles originalmente colocados, pode nos auxiliar a compreender como se dão as transformações em uma rede no âmbito da política, da economia. Enfim, na vida social.

Assim, ao cartografarmos as controvérsias sobre o *Fora do Eixo*, a intenção não foi analisar ou explicar os discursos e, sim, rastrear nesses textos os posicionamentos, identificando como se dá o apoio, o combate, as tensões e negociações sobre as ideias e práticas do coletivo. Por isso, rastreamos os argumentos utilizados pelos integrantes dessa rede de significados que se construiu em torno dos modos de vida e modos de organização do *Fora do Eixo*.

A organização coletiva em estudo funciona como catalisadora de interações capazes de reunir atores em redes discursivas em seus vários âmbitos interacionais. Portanto, seguir os rastros deixados pelos atores que integram a rede do coletivo na web significa dizer que seguimos as trocas, as interações e as negociações que se concretizam. Isso implica colocar em evidência os atores que compõem a rede conformada pelo coletivo; buscar a natureza dos argumentos utilizados na tradução

dos diferentes atores; além de compreender as tensões, negociações, aproximações e distanciamentos existentes em torno das questões abordadas pelo coletivo.

## 1.2 A DEFINIÇÃO DO CORPUS

O estudo das redes é um processo instigante e complexo que implica trabalhar com o movimento, a mobilidade e a circularidade. Como já vimos, a rede não tem limites definidos e, nesse sentido, o recorte, “a delimitação de uma situação, é uma operação de pensamento” (FRANÇA, 2002, p. 71). Por isso, sob o ponto de vista metodológico, a entrada na rede supõe a ênfase em um nó, a observação de laços que, embora líquidos e, portanto, fáceis de serem desfeitos, possibilitem a compreensão dos fluxos de comunicação que por eles circulam. O mapa resulta da perspectiva de observação, fruto de uma escolha, que deve ser consciente e explicitada, daí que torna-se necessário delimitar fronteiras (CASTRO; GOMES; CORRÊA, 2000, p.127).

O *Fora do Eixo* é o objeto deste estudo, portanto, é a porta de entrada da rede por ele conformada. Entendemos que o grupo representa um “nó” na grande rede de coletivos culturais; que os “laços” que se estabelecem com o grupo são representados pelas conexões que congregam; e que, pelos “laços” circulam os “fluxos” comunicativos, as conversações e as interações com o coletivo.

Primeiramente, nesse quadro, levamos em conta que o debate em estudo está acessível, registrado na web, e que podemos observar seus mecanismos de inscrição, o que nos permite objetivar a rede de controvérsias. Documentos, declarações, organogramas/diagramas, leis e conversações, enfim, diversos elementos que nos permitiram dar concretude à rede.

Escolhemos o ciberespaço, particularmente a web<sup>12</sup>, como *locus* da pesquisa porque o coletivo usa intensivamente a rede mundial de computadores para comunicar-se e aí se encontram registradas as propostas e ações do grupo, assim como os conflitos, as disputas, as adesões e associações em torno das suas ações.

---

<sup>12</sup> Também conhecida com WWW (World Wide Web), a web é um sistema hipermídia para a recuperação de informações por meio da Internet. Nela tudo é representado como hipermídia (em formato HTML) e os documentos estão ligados através de links a outros documentos. A web engloba seu próprio protocolo, HTTP, e ainda, os protocolos FTP, gopher e Telnet. (COSTA apud LÉVY, 1999, p. 251).

A web configura-se, portanto, como um importante espaço de mediação e tradução das questões que nos importam neste estudo, oferecendo acessibilidade e possibilidade de seguir a rede do *Fora do Eixo*.

Desse modo, partimos dos inúmeros sítios criados pelo grupo na web e começamos a rastrear a rede desde 2010, observando-a e acompanhando seus movimentos em diferentes esferas interacionais. Como todo o material pesquisado está disponível na web, construímos nosso próprio banco de dados sobre o coletivo, reunindo informações sob a forma de documentos (leis, regimentos e outras normatizações), gráficos, artigos, matérias jornalísticas (notícias, reportagens e entrevistas), além de informações diversas que foram postadas nos sítios do coletivo e em outros endereços aos quais chegamos seguindo a rede (como cartilhas, organogramas, notas oficiais, projetos).

Caminhar por essas materialidades comunicativas, e com elas, nos permitiu traçar a trajetória do *Fora do Eixo* e de sua rede, verificar o que propõe, conhecer suas práticas e seu funcionamento e, posteriormente, observar as diferentes apropriações sobre esse fenômeno coletivo. O estudo das materialidades possibilitou ainda captar parte da rugosidade dessa rede e cartografar as controvérsias para conhecer as traduções e compreender como se dão as aproximações e distanciamentos, o diálogo e o debate, os conflitos e as associações em torno do coletivo. Mas, para isso, foi preciso definir antes o recorte temporal.

A pesquisa exploratória do material coletado nos levou a identificar alguns períodos em que o coletivo esteve mais em evidência. Uma rápida consulta ao *Google Trends*<sup>13</sup> nos mostrou o interesse pelos coletivos com o passar do tempo. Com relação ao nome *Espaço Cubo*, obtivemos o seguinte gráfico para o período compreendido entre 2005 e 2013:

---

<sup>13</sup> Trata-se de uma ferramenta do Google que mostra os mais populares termos buscados em um passado recente. O eixo horizontal do gráfico representa tempo (a partir de algum tempo) e o vertical representa a frequência com que um termo é procurado, globalmente. Para este estudo, a consulta ao *Google Trends* foi realizada em outubro de 2013.

### Espaço Cubo

Termo da pesquisa

Interesse com o passar do tempo

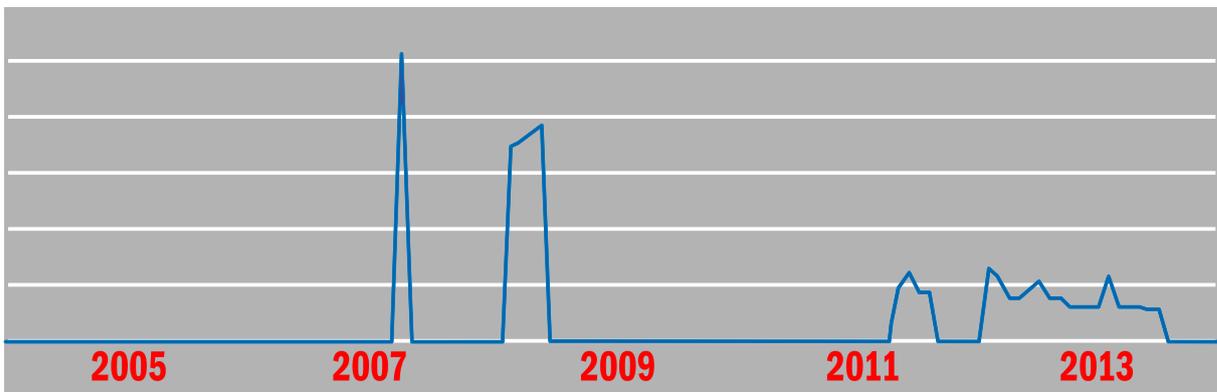


Figura 1 – Espaço Cubo no *Google Trends*

Em 2007, conforme o gráfico, o *Espaço Cubo* atinge sua mais alta exposição, o que coincide com o período em que o grupo já fazia parte do *Fora do Eixo* (criado em 2005) e começa projetar-se fora da região. Foi desse ano, por exemplo, a primeira inserção do grupo na capital paulista com a realização do “I Festival Fora do Eixo” que contou com a apresentação de 19 bandas de música, em sete casas de show de São Paulo, durante uma semana.

Quanto ao nome *Fora do Eixo* para o mesmo período, o gráfico foi o seguinte:

### Fora do Eixo

Termo da pesquisa

Interesse com o passar do tempo

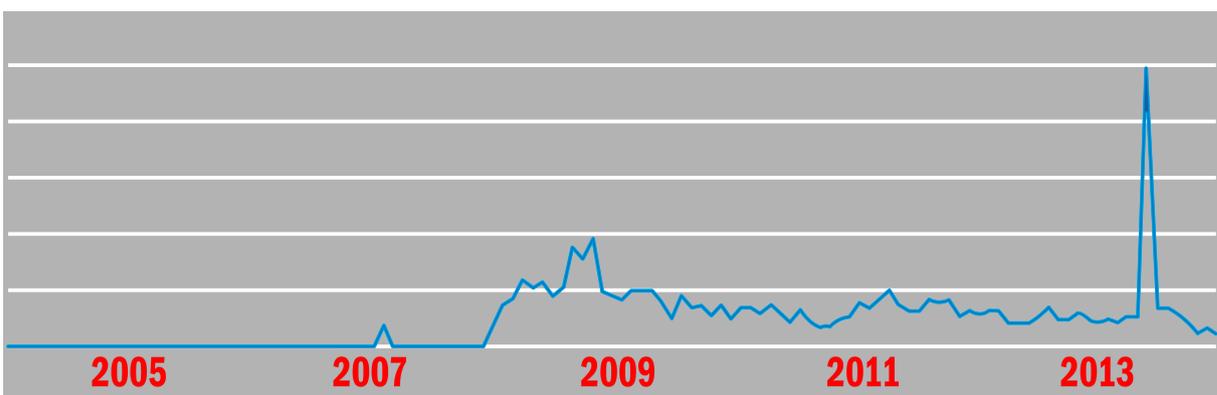


Figura 2 – Fora do Eixo no *Google Trends*

O *Fora do Eixo* tem uma exposição mais estável, apresentando pequenas variações até 2013, quando a polêmica sobre o coletivo explode nos meios de

comunicação, a partir da curiosidade em torno da atuação da *Mídia Ninja*<sup>14</sup> nas manifestações de junho de 2013<sup>15</sup>. O coletivo passou a ser assunto de interesse do momento e isso provocou desvios e transformações na sua atuação.

Considerando, então, a trajetória do coletivo e os períodos nos quais obteve mais evidência (conforme o *Google Trends*), ao lado das materialidades comunicativas observadas, definimos dois períodos para cartografar as controvérsias.

O primeiro momento escolhido para análise corresponde ao período em que o *Fora do Eixo*, já instalado em São Paulo, decide participar da organização da “Marcha pela Liberdade”. O debate sobre a produção cultural acirrou-se a partir da divulgação de um artigo do coletivo *Passa Palavra*<sup>16</sup> intitulado “A esquerda fora do eixo”, postado em seu jornal *on line*, no dia 17 de junho de 2011.

O desdobramento do debate que se desenvolveu a partir desse artigo gerou respostas veiculadas em diversos sítios da web e conversações registradas em 159 *posts* no *site* do jornal *Passa Palavra*, dessa data de 17 de junho até o dia 31 de julho de 2011. Posteriormente, encontramos na web uma coletânea desses textos, artigos e comentários, organizada no livro “Movimentos em Marcha” (ORTELLADO; PARRA; RATTO, 2013). Grande parte dos textos disponíveis na publicação foi divulgada em sites e blogs aos quais já havíamos chegado seguindo a rede a partir do artigo do *Passa Palavra*.

---

<sup>14</sup> Sigla para Narrativas Independentes Jornalismo e Ação. Segundo informações postadas em seu site, trata-se de uma rede de comunicadores que produzem e distribuem informação em movimento de forma colaborativa e descentralizada. O grupo originou-se do Pós-TV, mídia digital do *Fora do Eixo* e tem como principais representantes o jornalista Bruno Torturra, Rafael Vilela, Felipe Altenfelder e Driade Aguiar, todos integrantes do coletivo. Informações disponíveis em: <<http://www.midianinja.org>>

<sup>15</sup> O conjunto de manifestações ocorridas em várias cidades brasileiras durante o mês de junho de 2013 quando a população saiu às ruas para protestar é também conhecido como Jornadas de Junho. Os protestos começaram em São Paulo contra o aumento nas tarifas do transporte público municipal e foram duramente reprimidos pela Polícia Militar. Espalharam-se por todo o Brasil, arrastando multidões que ampliaram a pauta de reivindicações, passando a abranger um enorme leque de outros problemas brasileiros (sistema político, corrupção, educação, saúde, dentre outros). Houve muitos confrontos entre manifestantes e policiais militares. A *Mídia Ninja* fez a cobertura desses eventos filmando e transmitindo as manifestações ao vivo pela internet, segundo eles, sem edição e em tempo real. Dessa forma, imagens das manifestações, sobretudo as de confronto com a polícia, foram rapidamente disseminadas sendo, inclusive, reproduzidas pelos meios de comunicação tradicionais, o que deu muita visibilidade ao grupo e, conseqüentemente, ao *Fora do Eixo*.

<sup>16</sup> Coletivo que se apresenta como “um grupo de orientação anticapitalista, independente de partidos e demais poderes políticos e econômicos, formado por colaboradores de Portugal e do Brasil, cujo intuito maior é o de construir um espaço comunicacional que contribua para a articulação e a unificação prática das lutas sociais.” Informações retiradas do site do *Passa Palavra* em junho de 2011, disponível em <<http://passapalavra.info/2009/02/12>>.

O segundo momento contempla a fase de maior exposição do coletivo, segundo a pesquisa no *Google Trends*. Em 5 de agosto de 2013, a TV Cultura exibiu o programa *Roda Viva*<sup>17</sup>, que entrevistou o produtor cultural Pablo Capilé, do *Fora do Eixo*, e o jornalista Bruno Torturra, da *Mídia Ninja*, que estava sob os holofotes desde os protestos do mês de junho de 2013. Na entrevista foram abordadas várias questões acerca da atuação da *Mídia Ninja*, sobre os modos de organização do *Fora do Eixo*, ao qual o grupo está ligado. A partir dessa entrevista no *Roda Viva*, observamos outra onda de debates, colocando mais uma vez os princípios norteadores e as ações do coletivo em discussão, mas com uma diferença: o debate ganhou espaço nos meios de comunicação.

Baseada nesses dois momentos, esta cartografia utiliza como porta de entrada na rede de controvérsias o artigo do *Passa Palavra* e o programa *Roda Viva*, mediadores que deslocaram posições e provocaram desvios na rede *Fora do Eixo*, conforme veremos mais adiante. Os textos utilizados no desenho da cartografia estão relacionados nos quadros abaixo.

### Primeiro período de observação

| Texto                                  | Autor                        | Data de postagem    | Veículo                        |
|--|------------------------------|---------------------|--------------------------------|
| A esquerda Fora do Eixo                | Coletivo<br>Passa Palavra    | 17 de junho de 2011 | Jornal online<br>Passa Palavra |
| Domingo na marcha (1ª parte)           | Coletivo<br>Passa<br>Palavra | 22 de junho de 2011 | Jornal online<br>Passa Palavra |
| A esquerda nos eixos e o novo ativismo | Ivana Bentes                 | 22 de junho de 2011 | Blog Trezentos                 |
| Capitalismo e cultura livre            | Pablo Ortellado              | 23 de junho de 2011 | Blog GPOPAI                    |
| Domingo na marcha (2ª parte)           | Coletivo<br>Passa<br>Palavra | 26 de junho de 2011 | Jornal online<br>Passa Palavra |
| Nem eixo nem seixo                     | Henrique Parra e Gavin Adams | 26 de junho de 2011 | Blog Trezentos                 |
| Sair dos eixos à esquerda I            | Bruno Cava                   | 29 de junho de 2011 | Blog Quadrado dos Loucos       |
| Domingo na marcha (3ª parte)           | Coletivo<br>Passa<br>Palavra | 30 de junho de 2011 | Jornal online<br>Passa Palavra |

<sup>17</sup> Programa de entrevistas veiculado pela TV Cultura. Nesta edição, estiveram na bancada de entrevistadores Suzana Singer, ombudsman da Folha de São Paulo; Alberto Dines, editor do site e do programa Observatório da Imprensa; Eugênio Bucci, colunista do jornal O Estado de São Paulo e da revista Época; Wilson Moherdau, diretor da revista Telecom; e Caio Túlio Costa, professor da ESPM e consultor de mídia digital. O programa foi conduzido por Mario Sergio Conti e contou com a participação fixa do cartunista Paulo Caruso. Informações encontradas em: <<http://tvcultura.cmais.com.br/rodaviva/midia-ninja>>.

|   |                        |                         |                             |
|---|------------------------|-------------------------|-----------------------------|
| Pós-modismo pós festivo II                        | Bruno Cava             | 3 de julho de 2011      | Blog Quadrado dos Loucos    |
| A esquerda sem fantasias: justiça e solidariedade | Alexandre Abdo         | 4 de julho de 2011      | Blog Trezentos              |
| Domingo na marcha (4ª parte)                      | Coletivo Passa Palavra | 8 de julho de 2011      | Jornal online Passa Palavra |
| Dormindo na marcha III                            | Bruno Cava             | 10 de julho de 2011     | Blog Quadrado dos Loucos    |
| Domingo na marcha (5ª parte)                      | Coletivo Passa Palavra | 15 de julho de 2011     | Jornal online Passa Palavra |
| O comum e a exploração 2.0                        | Universidade Nômade    | 11 de fevereiro de 2012 | Site da Uninômade           |

### Segundo período de observação

| <b>Matéria/Entrevista/Artigo</b>   | <b>Autor</b>   | <b>Data de divulgação</b>  | <b>Veículo</b>   |
|--|--|--|--|
| Programa Roda Viva   | Apresentação de Mário Sérgio Conti com participação de outros cinco entrevistadores. | 5 de agosto de 2013  | TV Cultura – SP  |
| Conjunto de posts de Reinaldo Azevedo sobre o FdE -  | Reinaldo Azevedo   | 5 de agosto de 2013 a 27 de agosto de 2013                           | Blog Reinaldo Azevedo na Veja online.                              |
| Depoimento Laís Bellini sobre o FdE  | Laís Bellini   | 8 de agosto de 2013  | Postado inicialmente no Facebook e reproduzido em vários veículos. |
| Cineasta acusa coletivo FdE de omitir patrocínio e reter pagamento   | Com reportagem de Gabriel Mestieri e Tiago Dias                                      | 8 de agosto de 2013, 13h48. Atualizada em 9 de agosto de 2013, 18h14 | Site UOL   |
| Marielle Ramires e Rafael Vilela defendem Fora do Eixo. Na matéria há uma declaração de Pablo Capilé, reproduzida do Facebook, com links para outros 15 depoimentos, dentre os quais o de Lenissa Lenza. | Enock Cavalcanti   | 8 de agosto de 2013, 14h45   | Blog Página do E Cuiabá  |
| Não temos essa política de calote, diz Pablo Capilé sobre FdE  | Tiago Dias   | 9 de agosto de 2013, 17h49   | Site UOL   |
| Como operam no Brasil a rede Fora do Eixo e o grupo jornalístico Mídia Ninja   | Marcelo Gonzatto   | 10 de agosto de 2013   | Jornal Zero Hora Porto Alegre                                      |
| Após críticas e denúncias, FdE lança portal da transparência   | Do UOL, em São Paulo   | 12 de agosto de 2013, 14h34  | Site UOL   |
| Acusados e acusadores  | Francisco Bosco  | 13 de agosto de 2013   | Jornal O Globo Rio de Janeiro                                      |

|   |                                 |                       |                          |
|---|---------------------------------|-----------------------|--------------------------|
| O ninja do PT   | Helena Borges                   | 14 de agosto de 2013  | Revista Veja             |
| Fora do Eixo  | Lino Bocchini e Piero Locatelli | 16 de agosto de 2013  | Revista Carta Capital    |
| O Fora do Eixo na berlinda  | Nelson Sato                     | 28 de agosto de 2013  | Jornal Folha de Londrina |
| Enfim, livre<br>Entrevista com Bruno Kayapy (guitarrista Macaco Bong) | Marcos Bragatto                 | 29 de agosto de 2013  | Site Rock em Geral       |
| Saindo do Eixo<br>Entrevista Kayapy                                   |                                 | 2 de setembro de 2013 | Site Goiana Rock News    |

### 1.3 ROTEIRO DA PESQUISA

A presente pesquisa abrange dois gestos metodológicos. O primeiro é a produção de um relato sobre a rede do *Fora do Eixo* que descreva as interações do coletivo, os contornos da sua estrutura e as normatizações que regulam sua organização. O segundo compreende a tentativa de escrever um relato que funcione como uma rede, interconectando ações e atores para chegar às traduções do coletivo.

Para o **relato da rede** do coletivo *Fora do Eixo* houve uma minuciosa observação desde 2010, quando esta pesquisa se inicia, até dezembro de 2013. Começamos visitando os diversos endereços do *Espaço Cubo* na web e daí fomos acessando os hiperlinks disponíveis nas páginas, sendo conduzidos pela rede a outros inúmeros sítios.

Também utilizamos a ferramenta “Alertas do Google” para monitorar o coletivo na web com base na busca de três palavras-chave: **Espaço Cubo, Fora do Eixo, Pablo Capilé**. O nome de Pablo foi incluído por ser um dos fundadores dos coletivos e por constituir-se no principal articulador de ambos. Latour nos diz que para delinear um grupo é preciso dispor de “porta-vozes” que “falem pela” existência do grupo. Pois bem, Pablo Capilé é, em nosso entendimento, aquele que na concepção latouriana está sempre em ação, justificando a existência do grupo, invocando regras e precedentes (2012: p. 55). Daí sua escolha para ser pesquisado.

Os alertas do Google foram enviados via *e-mail* cada vez que uma das palavras selecionadas era encontrada em notícias e outros textos presentes na web.

Ao mesmo tempo, nos cadastramos no portal do coletivo para receber o “Fora do Eixo Comunica” e o “Programa-se”, veículos digitais com informações sobre o grupo e sua programação cultural.

Seguindo as marcas de sua interlocução com a sociedade, construímos o que chamamos de um *mapa híbrido*, com base no discurso do coletivo. Para isso, foi necessário buscar informações sobre sua gênese desde o ano de 2001 e acompanhar seu desenvolvimento até o final de 2013 para, a partir das informações reunidas, traçar o percurso do grupo. A descrição dos modos de organização e de vida do *Fora do Eixo* também faz parte dessa primeira parte do percurso, entendido como necessário para se compreender, posteriormente, as diferentes traduções do coletivo.

Aliás, a descrição foi a forma que usamos para compor ambos relatos. Na primeira parte do trabalho com o objetivo de evidenciar o discurso do coletivo, isento de análises, mostrando como eles se dão a ver. Na segunda, nossa pretensão foi colocar em evidência a ação dos atores, descrevendo fatos e argumentos utilizados para traduzir o *Fora do Eixo*. Os atores foram definidos não por sua natureza, ou por seus atributos, mas pela sua agência, pelo modo como agem.

Lembramos que uma das incertezas abordadas por Latour com relação à Teoria Ator-Rede diz respeito justamente ao modo de escrever sobre o social: a produção de relatos de risco, como ele denomina ao falar da quinta fonte de incerteza (2012, pp.179-204). Para Latour, quando traçamos conexões sociais estamos, na verdade, compondo relatos. E o que é um relato?, indaga o autor. Um relato é um texto. E a feitura de relatos, segundo ele, deve ser trazida a primeiro plano porque os relatos textuais são o laboratório do cientista social.

“Definirei um bom relato como aquele que *tece uma rede*”, diz Latour (2012, p. 189). E aqui a rede não designa um objeto exterior com a forma aproximada de pontos interconectados (tal como ocorre na primeira parte deste estudo quando descrevemos a rede do *Fora do Eixo*). Neste segundo gesto metodológico da pesquisa pretendemos tecer uma rede de atores através do texto, estabelecendo uma série de relações entre eles, o que resulta em outras tantas translações.

Dessa maneira, na segunda parte deste estudo, ao cartografarmos controvérsias, passamos a trabalhar com essa perspectiva na tentativa de compor um **relato em rede**, no qual, todos os atores fazem alguma coisa. Ou seja:

procuramos conceder espaço para os atores se expressarem, porém sempre com o intuito de mostrar o movimento, o fluxo, as mudanças e os desvios que ocorrem no curso dos acontecimentos a partir das traduções que emergem sobre o *Fora do Eixo*.

Em vez de simplesmente transportar efeitos sem transformá-los, cada um dos pontos do texto pode se tornar uma encruzilhada, um evento ou a origem de uma nova translação. Tão logo sejam tratados, não como intermediários, mas como mediadores, os atores tornam visível ao leitor o movimento do social (LATOIR, 2012, p. 189).

Queremos deixar claro que o gesto de seguir a rede do coletivo não implica em uma neutralidade do pesquisador, absolutamente. Neste caso, o mapa híbrido e a cartografia das controvérsias resultam de uma perspectiva de observação, assim como a forma escolhida para descrever, a mistura dos elementos selecionados para contar a trajetória e apresentar as diferentes traduções. Portanto, o resultado apresentado neste trabalho constitui-se em uma nova tradução, explicitada por meio de nossos instrumentos textuais. Tal qual Latour, assumimos que “como estamos todos cientes de que a fabricação e artificialidade não são o oposto de verdade e objetividade, não hesitamos em transformar o próprio texto em mediador” (2012, p.183).

## 2 A TRAJETÓRIA DO COLETIVO

Desde a fundação de Cuiabá, em 1719, o estado de Mato Grosso sofreu longo período de isolamento do resto do país. Sua localização geográfica no centro do país, a falta de estradas e as enormes distâncias que o separavam das metrópoles coloniais transformaram os rios em praticamente único meio de ligação da capital com outros centros.

A Marcha para o Centro-Oeste, empreendida pelo então presidente Getúlio Vargas em meados do século XX e, posteriormente, na década de 1970, a política de ocupação, praticada durante a ditadura militar por meio das Superintendências de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) e do Centro-Oeste (SUDECO), constituíram-se em marcos importantes no desenvolvimento da região. Mas é só a partir da divisão do Estado, em 1979, que o crescimento de Mato Grosso consolida-se, com a construção de rodovias e o intenso fluxo populacional migratório para o norte do estado, provocando o aumento da população e o surgimento de novos núcleos de poder político e econômico.

Na década de 1980, Cuiabá encontra-se totalmente conectada às grandes metrópoles e desponta como importante centro cultural regional, onde começam a aparecer modalidades de expressão tipicamente urbanas e até então inéditas na cidade.

A formação da nova Cuiabá carrega em seu bojo uma característica urbana fortíssima. Desde os anos de 1980 iniciou-se aqui uma efervescência cultural que conectou Cuiabá às grandes metrópoles. Surgem nesse período novas expressões culturais tipicamente urbanas com outras modalidades criativas, inéditas na cidade. Daí vem o rock, o teatro moderno, os happenings, a performance, o vídeo, a ação política cultural e outras formas de linguagem (FERREIRA, 2007).

E é nesse contexto de surgimento de novas linguagens que também despontam tentativas de buscar um lugar no cenário nacional para a cena musical independente da cidade, a maior parte delas frustradas, sucumbindo diante das estruturas dominantes do mercado fonográfico, cujo modelo de produção industrial dominou o mercado por mais de 50 anos.

O que caracteriza esse modelo de produção é a transformação da música em mercadoria, a produção em larga escala e a promoção nos meios de comunicação

de massa para ser consumida por um vasto público que, por sua vez, realimenta a cadeia produtiva. Nesse processo, as gravadoras exercem papel intermediário entre o artista e o público, sendo responsáveis pela gestão da carreira dos músicos, além de produzir, promover e distribuir o produto final.

Com o surgimento de novas tecnologias, o modelo industrial altamente concentrado entra em crise a partir da segunda metade da década de 1990 e o mercado fonográfico apresenta queda significativa nas vendas e lucros. A crescente popularização da internet e a condição de maior acessibilidade aos novos recursos técnicos levaram artistas, produtores e gestores da música a buscar novos modelos de negócio. É nesse cenário que surge, em Cuiabá-MT, o coletivo que antecedeu o *Fora do Eixo*.

A trajetória do coletivo será apresentada nesta primeira parte da pesquisa, por meio do discurso de seus integrantes. Para isso, foi construído um *mapa híbrido*, constituído com a combinação de materiais heterogêneos que foram sendo colhidos em nossa tarefa de seguir a rede do coletivo. Convém recordar que o objetivo desta primeira parte é conhecer e compreender como surgiu o *Espaço Cubo*, seguir sua trajetória até a criação do *Fora do Eixo* e sua instalação em São Paulo. Nesse processo, pretendemos identificar quais atores (humanos e não humanos) constituem a rede conformada pelos integrantes do coletivo e saber como eles agem e fazem agir outros integrantes da rede no curso das associações.

## 2.1 O EMBRIÃO

Em 2001, um grupo de universitários liderado pelo estudante de publicidade Pablo Capilé, da Universidade de Cuiabá, começou um movimento incipiente em torno da realização de projetos culturais. Inicialmente, o grupo esteve ligado ao movimento estudantil, mas depois se desligou, conforme conta seu líder:

[...] a gente começou dentro da universidade, na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), com um evento chamado Encontro de Comunicação Social (Ecos). A gente linkou os centros acadêmicos das universidades de comunicação. O Ecos foi um sucesso, mas os alunos ainda estavam muito viciados naquele modelo de movimento estudantil dos anos 80 (CAPILÉ apud COHN, 2010).

Sob a denominação *Cubo Mágico*, o grupo organiza a primeira edição do Festival Calango, ainda em 2001, com o objetivo de atrair olheiros para a cena musical alternativa de Cuiabá.

[...] a gente até levou ingenuamente o Tadeu Valério, executivo da Paradox Music, porque a gente achava que os rumos da música do país passavam pelas grandes gravadoras. A única coisa que absorvemos do que ele falou foi que não adiantava nada ter um festival se a gente não organizasse ações periódicas e permanentes ao longo do ano (CAPILÉ apud COHEN, 2010).

Foi assim que o grupo percebeu a necessidade de fazer um trabalho de base, de formação de público, de profissionalização das bandas, de planejamento estratégico para fortalecimento político no meio cultural. Em 2002, o *Cubo Mágico* torna-se *Espaço Cubo* que, de acordo com informações postadas em seu endereço eletrônico<sup>18</sup>, tem como finalidade “a democratização da cultura, entendendo cultura como termo antropológico, que é definido como tudo aquilo que o homem produz ou que faça parte da condição humana e nele está envolvido. Assim, a educação, o lazer, a arte, o labor, enfim, o meio”.



Figura 3: Primeira logomarca do grupo



Figura 4: Logomarca e slogan do coletivo

O nome do coletivo remete à caixa acústica em formato de cubo, com alto-falantes incorporados, que é utilizada pelos músicos. Também faz alusão ao cubo mágico, quebra cabeças que desafia o raciocínio lógico do usuário para montá-lo, oferecendo várias combinações possíveis. Já o slogan – “A cultura que você não vê

<sup>18</sup> Disponível em: <[http://www.espacocubo.org.br/a\\_entidade.htm](http://www.espacocubo.org.br/a_entidade.htm)>

na TV” – faz alusão à filosofia adotada pelo coletivo de promover a produção independente, conforme explica Lenissa Lenza, uma das fundadoras do *Espaço Cubo*, que permanece no núcleo durável do coletivo à frente do planejamento e da gestão financeira do grupo.

O início da formação do Cubo se deu justamente pela necessidade de termos um grupo coeso trabalhando em prol da cultura alternativa local, autoral e independente. Num cenário dominado por *covers* e ações culturais isoladas, enxergamos a necessidade de ter esse ponto de partida atuando de uma maneira nova em Cuiabá (MT). Juntamos três parceiros do movimento estudantil, dois músicos e técnicos de áudio da cidade e montamos o Cubo em 2002 (LENZA, 2009).

O grupo logo se desvinculou do movimento estudantil, o que vai delineando sua posição política, mas manteve os universitários como parceiros e como público alvo de seus projetos, numa clara escolha mercadológica.

Nem tínhamos muito envolvimento com o movimento estudantil, nosso envolvimento maior era com música e com audiovisual. Mas víamos a universidade como uma plataforma de difusão. Depois de sair do movimento estudantil, percebemos a música como o segmento que podia ecoar mais as propostas que queríamos para uma cidade como Cuiabá. São 500 mil habitantes e é a única cidade do Centro-Oeste que tem 300 anos. Entramos na música com dois objetivos principais: construir um mercado e debater a política pública com as pessoas desse mercado (CAPILÉ apud COHN, 2010).

Sediado na Avenida Presidente Marques, número 240, na região central da cidade, o coletivo partiu, à época, do segmento da música e desenvolveu inúmeros projetos nas áreas de comunicação, audiovisual, educação, literatura e teatro.



Figura 5: Sede do *Espaço Cubo* em Cuiabá

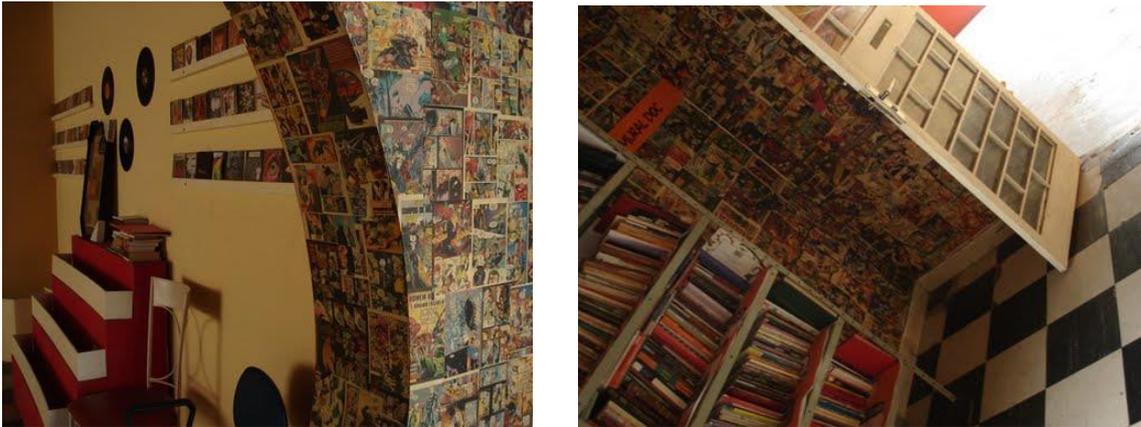


Figura 6: Interior da sede - Cubo discos e biblioteca.

Nesse início, conforme relato de Capilé, as soluções e propostas foram surgindo sem muito planejamento, mais de acordo com o surgimento das demandas.

No primeiro ano, a gente tinha o Estúdio Cubo de Ensaio. Foi quando as bandas quiseram começar a tocar e a gravar. Em cima de dificuldades, começamos a criar oportunidades. Depois, as bandas começaram a tocar na Cubo Eventos. Começou a aumentar o número de bandas, porque aquele público que ia assistir às bandas também queria montar bandas. Para divulgar melhor essas bandas, a gente montou a Cubo Comunicação para se relacionar com os parceiros locais – jornal, TV e rádio – e, segundo, para criar as nossas próprias interfaces (CAPILÉ apud COHN, 2010).



Figura 7: Estúdio de ensaio



Figura 8: Reunião de integrantes

O *Espaço Cubo* evoluiu rapidamente, atraindo parceiros e construindo uma ampla rede de filiações. Tal crescimento foi impulsionado sobretudo pela comunicação na web; pela implantação de um sistema de crédito denominado Cubo Card, baseado nos princípios da economia solidária e do trabalho colaborativo em rede; e pelas verbas de incentivo à cultura, inicialmente provenientes da Secretaria Municipal de Cultura e, com o tempo, começaram a angariar fundos também no âmbito do governo do Estado. Esses princípios e práticas serão detalhados a seguir.

## 2.2 A TROCA SOLIDÁRIA

Com o crescimento das atividades, as práticas do coletivo começaram a ser questionadas, sobretudo no que se referia à remuneração dos agentes e integrantes da rede. Começa, nesse período, uma intensa troca de mensagens nos inúmeros blogs de coletivos, em redes sociais e em listas de e-mails, muitas delas com conteúdos ofensivos ao grupo integrante do *Espaço Cubo* e a Pablo Capilé, seu principal articulador e porta-voz<sup>19</sup>. Em sua entrevista ao projeto Produção Cultural, ele mesmo relata essa situação.

No final de 2003, a galera não estava muito disposta a discutir política pública porque, como a maioria não era remunerada, não conseguia enxergar que aquilo era um mercado. Começou um boato na cidade de que o Cubo Mágico estava crescendo e explorando os artistas que se apresentavam, porque a gente já tinha um estúdio de ensaio, de gravação, e os artistas não estavam recebendo pelos shows. [...] Era muito difícil viabilizar as coisas. As bandas começaram a falar que a gente não estava pagando e não queriam ir mais para o fórum de cultura, não queriam discutir mais política pública nem participar das oficinas, das palestras. A gente precisava criar uma alternativa que estabelecesse um equilíbrio. Em espécie, a gente não ia conseguir pagar, mas poderia estabelecer uma troca solidária (CAPILÉ apud COHN, 2010).

Por esse motivo, o grupo decide criar uma moeda social<sup>20</sup>, com base nos princípios da economia solidária. Baseados em conceitos retirados da Wikipedia, conforme consta da cartilha “Monte sua moeda solidária”<sup>21</sup>, economia solidária para o coletivo é “[...] uma forma de produção, consumo e distribuição de riqueza (economia) centrada na valorização do ser humano – e não do capital – de base associativista e cooperativista, voltada para a produção, consumo e comercialização de bens e serviços, de modo autogerido, tendo como finalidade a reprodução ampliada da vida.”<sup>22</sup>

Foi também no ano de 2003 que o Congresso Nacional aprovou projeto de lei encaminhado pelo presidente de Luis Inácio Lula da Silva, criando a Secretaria

<sup>19</sup> Como explicamos no capítulo 1 deste estudo, ao tentarmos recuperar esse conteúdo, nos deparamos com muitos endereços eletrônicos corrompidos, com conteúdos em ruínas, o que tornou a tarefa impossível de ser concretizada.

<sup>20</sup> É uma moeda não-oficial, usada como instrumento para facilitar a troca dos produtos da economia solidária.

<sup>21</sup> Disponível em:

<[https://docs.google.com/document/d/1Awwbta3tC3YChG\\_xkLd2RGcoq40lxyJwxlDI-vYi7E/edit](https://docs.google.com/document/d/1Awwbta3tC3YChG_xkLd2RGcoq40lxyJwxlDI-vYi7E/edit)> e também em <<http://foradoeixo.org.br/files/2013/08/Cartilha-Monte-sua-moeda.pdf>>.

<sup>22</sup> Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Economia\\_solid%C3%A1ria](http://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_solid%C3%A1ria)>

Nacional de Economia Solidária (Senaes), vinculada ao Ministério do Trabalho e Emprego, sob a gestão do ministro Jaques Wagner. Assume a Senaes, o economista Paul Singer com o objetivo de fomentar a economia solidária em todo o Brasil. Ele explica a criação da Secretaria como “defesa contra a exclusão social e queda na indigência”, causadas pelo processo de desindustrialização e consequente perda de postos de trabalho, o acirramento da competição global com abertura dos mercados e o desassalariamento em massa, além do desemprego maciço e de longa duração que provoca a precarização das relações de trabalho em várias partes do mundo.

[...] as vítimas da crise buscam sua inserção na produção social através de variadas formas de trabalho autônomo, individuais e coletivas. Quando coletivas, elas optam, quase sempre, pela autogestão, ou seja, pela administração participativa, democrática, dos empreendimentos. São estes os que constituem a economia solidária (SINGER, 2004, p.3).

Singer entende a economia solidária como uma estratégia possível de luta contra as desigualdades sociais, caracterizada pela autogestão, autonomia, empreendimento e igualdade entre aqueles que a praticam. O secretário participou das atividades do Festival Calango em Cuiabá, elogiando a iniciativa do coletivo: “Eles contratam serviços, criam um mercado onde se vive melhor e consome melhor e, além disso, você cria uma mente social.”<sup>23</sup>

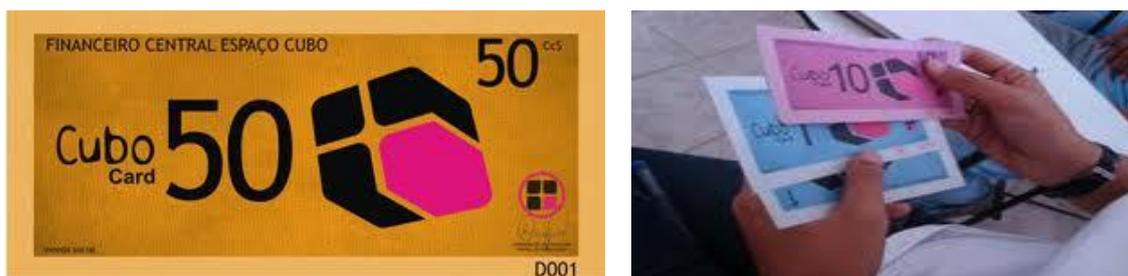


Figura 9: Moeda solidária Cubo Card

O Cubo Card passa então a circular como moeda social complementar, mediando as trocas de serviços e produtos entre os agentes da cadeia produtiva do *Espaço Cubo*.

<sup>23</sup> <[http://www.espacocubo.blogspot.com.br/2008\\_08\\_01\\_archive.html](http://www.espacocubo.blogspot.com.br/2008_08_01_archive.html)>

A banda começou a receber o card em troca de shows que fazia. Ela recebia 300 cards e podia ter um estúdio de ensaio, um estúdio de gravação, uma assessoria de imprensa. Com isso, as bandas começaram a perceber que não estavam mais gastando dinheiro com determinadas coisas, porque poderiam usar o card. Começaram a entender mais a lógica do que a gente estava fazendo [...] (CAPILÉ apud COHN, 2010).

O lastro da moeda é o próprio real e a iniciativa não se sustentou de forma autônoma. Em 2004, o coletivo tinha 150 mil cards na rua sem condições de pagá-los. “A gente quebra e começa a buscar outros parceiros para o sistema de crédito, começaram a entrar mais pessoas dentro dessa lógica. [...] Tivemos que trazer a iniciativa privada para perto e aumentar o número de pessoas” (CAPILÉ apud COHN: 2010).

O *Espaço Cubo* passou assim a buscar parcerias com o mercado (hotéis, restaurantes, empresas de vídeo, dentre outros) até que o poder público também se interessou e passou a integrar o sistema, investindo dinheiro na realização de ações culturais ou apoiando as atividades com a compra de serviços. Segundo Lenissa Lenza, há duas maneiras de se tornar um agente integrado do Cubo Card: através do apoio ou por meio da participação nos projetos do coletivo.

No caso das empresas, trocar o financiamento/apoio dado aos nossos eventos pelos serviços integrados ao sistema é um elemento a mais para o investimento na ação que já oferece a mídia como contrapartida. Assim como para o poder público que naturalmente deve investir em ações estruturantes para a política pública. Além disso, empresa e o poder público ainda têm a opção de ‘apoiar’ em serviços e produtos, ao invés de em real, o que torna ainda mais vantajoso. Para os coletivos/grupos e agentes culturais, o trabalho em parceria é disponibilizado para projetos em geral do Cubo, já garante a integração no sistema. Ou seja, qualquer um pode se integrar ao sistema de crédito, pois todo mundo tem o que oferecer para a troca (LENZA, 2009).

O Cubo Card serviu de modelo para inúmeros outros coletivos de cultura que hoje integram a rede *Fora do Eixo*. Eles criam suas moedas de acordo com as orientações contidas na cartilha “Monte sua moeda solidária”, que contém o passo a passo para implantar toda a estrutura necessária para o funcionamento do sistema de cards (modelos de regulamento, fichas de cadastro, plano de aplicação da moeda, catálogo de serviços, dentre outros).

O Cubo Card hoje é a grande sacada da parada, porque ele tem duas grandes perspectivas: ele tem a perspectiva de inserir os novos quadros, que o cara que está começando não tem muita experiência, mas ele quer

estar vivendo essa movimentação alternativa, e ele precisa receber alguma coisa também. Então ele começa a receber o Cubo Card antes de receber o salário [...] (CAPILÉ apud FERREIRA, 2006).

Apesar da afirmação de Capilé, a troca de serviços e produtos mediadas pelo Cubo Card é uma das práticas mais controversas do coletivo. Em Cuiabá não é difícil encontrar pessoas que ainda possuem cards e se sentem “enganadas”, como mostrou reportagem da Folha de São Paulo, intitulada “Fora do Eixo deixou rastro de calotes na origem em Cuiabá”<sup>24</sup>, publicada em 18 de agosto de 2013, devido à visibilidade que o grupo ganhou com a cobertura ao vivo da onda de protestos no país feita pelo Midia Ninja, braço de comunicação do coletivo. O repórter entrevista comerciantes, artistas e produtores que falam da sua experiência negativa com o coletivo e mostram seus cubo cards à espera da troca por reais. A esse respeito, Lenissa Lenza admite que o coletivo ainda tem R\$ 60 mil em dívidas na cidade, mas que está negociando e pagando todos seus compromissos.

### 2.3 A ORGANIZAÇÃO INICIAL

Com práticas de incentivo à produção autoral e autônoma, o interesse pelo coletivo foi aumentando, novas atividades foram sendo acrescentadas e a estrutura do coletivo foi ficando mais complexa, conforme mostra seu organograma.



Figura 10: Organização inicial do coletivo<sup>25</sup>

<sup>24</sup>Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/08/1328179-fora-do-eixo-deixou-rastro-de-calotes-na-origem-em-cuiaba.shtml>>

<sup>25</sup> Disponível em: <[https://docs.google.com/document/pub?id=16bPfb-Zs3iuEOSMLF8HPzj0n\\_ml--umCQyYTccUWero](https://docs.google.com/document/pub?id=16bPfb-Zs3iuEOSMLF8HPzj0n_ml--umCQyYTccUWero)>.

Observamos que o *Espaço Cubo* se organizou em três níveis, constituindo núcleos com responsabilidades bem delineadas, que são assim denominados: *Frentes Gestoras* ou de Atuação, responsáveis pela concepção dos projetos, norteando a atuação política, econômica, educacional, social e ambiental da entidade, além da gestão da moeda do grupo (*cubo card*); *Frentes Mediadoras*, que exercem o papel de mediar o fluxo entre as frentes gestoras e as frentes produtoras da organização, elaborando mecanismos de sistematização do grupo e *Frentes Produtoras*, principais responsáveis pela execução dos trabalhos demandados pelas frentes gestoras ou de atuação da organização.

Às *Frentes Gestoras* integraram-se vários outros coletivos e produtores culturais independentes da cena cuiabana em diversas áreas de atuação (CUFA, Associação Siriri e Cururu, PADAM e NOVO, por exemplo). Na área de comunicação, o MIC - Mídias Independentes de Cuiabá; na área musical, os festivais, feiras e eventos, dentre eles, o Festival Calango e o Música do Mato; na produção audiovisual (Próxima Cena) destacam-se o projeto Planeta, a Semana do Audiovisual (SEDA) e o coletivo Cellula. Integram também esse núcleo os projetos Imprensa de Zine que realiza oficinas de comunicação, arte, meio ambiente e literatura para estudantes de segundo grau; o núcleo de voluntários da música (Volume); o Circuito Fora do Eixo e as Casas Fora do Eixo.



Figura 11: Projetos do *Espaço Cubo*

Ainda de acordo com o organograma, os membros participantes das frentes gestoras não necessariamente atuam nas frentes produtoras do *Espaço Cubo*, sendo estimulados a tornarem-se células interdependentes do coletivo, agindo como parceiros e desenvolvendo os setores produtivos de seus próprios núcleos. As

*Frentes Gestoras* são as principais responsáveis pela alocação e gestão dos cubo cards produzidos.

As *Frentes Mediadoras* elegem coordenadores para atuar nas áreas de planejamento (concepção e elaboração de estratégias junto às frentes gestoras), administrativa (mapeamentos, diagnósticos, pesquisas etc.) e financeira (balanço das atividades, gestão do caixa coletivo, orçamento participativo etc.).

Por sua vez, as *Frentes Produtoras* realizam os projetos elaborados, gerando *cubo cards*. Em cada frente produtora há uma coordenação que atende às demandas da entidade: *Cubo Comunicação* (rádio, design, assessoria de imprensa, blog, site, fotos); *Cubo Eventos* (logística, atendimento, programação e decoração de eventos); *Cubo Vídeo* (TV, clipe, documentários, roteiros etc.); *Cubo Discos* (distribuição de produtos do grupo, gerenciamento das lojas, bancas, grife cubo, cuboteca, agência cubo – bandas etc.); *Tecnocubo* (trabalhos de áudio, como sonorização de palco, luz, ensaios, gravações, dentre outros); *Negócios ao Cubo* (marketing, elaboração de projetos, fechamento de acordos, negociações e propostas comerciais).



Figura 12: Outros projetos do *Espaço Cubo*

Na avaliação de Lenissa Lenza,

concebendo e executando projetos diversos e envolvendo todos os agentes potenciais da cadeia cultural nas iniciativas, chegamos a uma estrutura bacana de organização coletiva, contendo frentes gestoras (projetos e núcleos geradores e conceituadores dos trabalhos do instituto) e serviços de produção (células de execução das atividades propostas pelas frentes gestoras). Dentro da estrutura de organização, destaco o planejamento como a célula que media as frentes gestoras e o sistema de crédito cubo card como mediador dos setores produtivos. Trabalhando de maneira sincrônica, obtivemos resultados organizados, qualificados, reunindo direta e indiretamente uma grande diversidade de agentes culturais, o que possibilitou a ampliação do nosso conceito pelo país (LENZA: 2009).

Em matéria para o blog do Overmundo<sup>26</sup>, Ferreira faz uma síntese das ações do *Espaço Cubo*, mostrando sua evolução e consequente projeção no âmbito nacional. Segundo ele, o coletivo planejou atividades estratégicas e buscou se fortalecer politicamente no meio cultural.

Criaram a Volume, Voluntários da Música, lançaram a Semus, Semana da Música e investiram num trabalho de profissionalização musical trazendo grandes músicos brasileiros para oficinas e palestras, voltadas para a formação e qualificação dos músicos mato-grossenses. Produziram shows em série como estratégia para gerar demanda: foram 7 eventos com 15 bandas e público total de 6 mil pessoas em 2002; 30 eventos com 50 bandas e público de 14 mil pessoas em 2003; 22 eventos com 48 bandas e público de 12 mil pessoas em 2004. Abriram um estúdio para ensaios de bandas investindo para uma maior qualidade musical. Envolveram vários grupos atuantes na cidade nessa perspectiva, houve rachas também, mas mesmo assim cresceram e continuaram com seus propósitos. As bases foram lançadas a partir de muita pesquisa nas várias viagens que fizeram, dentre elas, para Goiânia, Brasília e Natal, referências nacionais em realização de festivais independentes para conhecer suas estruturas e trazer *know how*. Conquistaram espaços importantes na mídia, consolidaram eventos na agenda da cidade, conseguiram transformar o Festival Calango, seu maior produto, no maior evento musical desse segmento em Mato Grosso (FERREIRA, 2007).

## 2.4 A EXPANSÃO

No final do ano de 2005, Pablo Capilé uniu-se a outros três produtores culturais – Daniel Zen, de Rio Branco-AC, Talles Lopes, de Uberlândia-MG, e Marcelo Domingues, de Londrina-PR – para criar o *Circuito Fora do Eixo*, coletivo de gestores de cultura alternativo e independente para estimular a circulação de bandas, o intercâmbio de tecnologia de produção e o escoamento de produtos na rota então chamada de “fora do eixo” de produção Rio–São Paulo. Cinco anos depois, quando indagado sobre esse significado, Capilé explica que o conceito foi se modificando:

---

<sup>26</sup> O Overmundo, segundo sua própria definição, é um site colaborativo que trata da cultura brasileira, em especial as práticas, as manifestações e a produção cultural que não tem a devida expressão nos meios de comunicação tradicional. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br>>.

Em um primeiro momento, a gente entendia que o conceito “fora do eixo” era geográfico. Depois, que era “fora do eixo” tradicional de produção. Isso porque, muitas vezes, aqui no eixo Rio-São Paulo, havia mais gente excluída do que na própria galera daquele “fora do eixo” geográfico. O diálogo com o poder público é muito mais difícil no Rio e em São Paulo, é menos intenso que em outras cidades. Isso acaba formando estruturas interessantes. O distanciamento histórico do eixo de debate ou do eixo econômico fez com que a região Norte, por exemplo, seja muito politizada. A galera do Centro-Oeste também se preparou bastante (CAPILÉ apud COHEN, 2010).



Figura 13: Logomarca do *Fora do Eixo*

Um conjunto de fatores contribuiu para impulsionar o crescimento do *Fora do Eixo*. Dentre eles podemos citar a crise da indústria fonográfica, o advento da internet que facilitou e agilizou a troca de informações entre produtores culturais, as novas tecnologias de produção e distribuição do audiovisual, além do Programa Cultura Viva, implantado pelo ministro Gilberto Gil, à frente do Ministério de Cultura de 2003 a 2008, que criou e financiou os Pontos de Cultura<sup>27</sup>.

Com poucos anos de existência, conforme indica em seu Portal<sup>28</sup>, o coletivo alcançou 25 das 27 unidades federativas do Brasil, sendo que o sul, o centro-oeste,

<sup>27</sup> Os Pontos de Cultura são entidades reconhecidas e apoiadas financeiramente pelo MinC que desenvolvem ações de impacto socioculturais em suas comunidades. Eles não possuem modelo único. O aspecto comum a todos é a transversalidade da cultura e a gestão compartilhada entre poder público e comunidade. Disponível em: <<http://www2.cultura.gov.br/culturaviva/pontos-de-cultura>>

<sup>28</sup> Desde que foi criado, o portal já foi reformulado várias vezes e esteve fora do ar de abril de 2012 até fevereiro de 2013, quando foi “inaugurado, em formato de Portal de Notícias e Rede Social”, de acordo com informações registradas no link “Quem Somos” do sítio. Esse Portal jamais esteve completo, mesmo depois de colocado no ar grande parte dos links permaneceu sem conteúdo. Quando o coletivo foi alvo de inúmeras denúncias, após a entrevista do Programa Roda Viva em 5/8/2013, o portal foi reinaugurado, agora sob a denominação Portal Transparência Fora do Eixo. Disponível em: <<http://www.foradoeixo.org.br>>

o sudeste e o norte são regiões totalmente associadas, com todos os estados inclusos. O crescimento do Fora do Eixo é descrito em números por Capilé:

Em 2006, a gente colocou 200 bandas para circular. Em 2009, 2,5 mil. Começamos com cinco coletivos em 2006, contra 50 em 2009. Foram 13 festivais em 2006, e 83 em 2009. O Grito Rock era um festival que, até 2006, acontecia só em Cuiabá e em 2009 passou a ser organizado em 85 cidades. A gente tinha três web rádios e três web TVs em 2006, hoje são 74 web rádios, 112 web TVs, 95 blogs, 46 zines. A gente conseguiu criar uma estrutura de comunicação para dar suporte a essa história toda. A gente trabalhava única e exclusivamente com música. Hoje, a gente já consegue ter, nos mesmos coletivos, audiovisual, literatura, teatro – festivais de cada uma dessas plataformas. A gente começou com um embrião, a moeda complementar, em Cuiabá e hoje a gente já tem sete moedas complementares. O Fora do Eixo Card faz com que cada um dos agentes, integrados ao sistema de crédito, possa utilizar do seu crédito em qualquer um dos lugares do Brasil (CAPILÉ apud COHN, 2010).

Junto com o Circuito, foi criada também a Associação Brasileira de Festivais Independentes – ABRAFIN, entidade que chegou a representar 44 festivais em seis anos de atuação, mas que, em 2011, sofreu um processo de ruptura que culminou com a saída de 15 de seus membros (dois festivais se desfilaram em agosto e os demais em dezembro). Desde 2012, a Associação, além de representar os festivais independentes brasileiros, apresenta-se como uma “grande rede de festivais descentralizados e distribuídos por todo país”<sup>29</sup>. Trata-se da Abrafin 2.0 que, após a ruptura, apresenta em 2012 um novo organograma e estabelece três eixos prioritários de atuação: descentralização dos processos de gestão/estruturação dos circuitos regionais de festivais; capacitação e qualificação do mercado musical; e programa de intercâmbio cultural.

Em setembro de 2009, durante a realização do 2º Congresso Fora do Eixo, em Rio Branco (AC)<sup>30</sup>, os representantes dos coletivos de cultura que integram a rede *Circuito Fora do Eixo* aprovaram a Carta de Princípios que rege o coletivo e que deve ser respeitada por todos os participantes. Nela, a organização é assim descrita:

<sup>29</sup> A esse respeito, acessar o link da nova Associação no Facebook.

Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/Abrafin/307925372581213>>

<sup>30</sup> O Congresso Fora do Eixo é a instância máxima deliberativa do coletivo, conforme mostramos no capítulo seguinte. O primeiro deles foi realizado em 2008, em Cuiabá, juntamente com o Festival Calango. Segundo informações do grupo, nele foram levantados os primeiros acordos do Grito Rock, além do primeiro Portal do Fora do Eixo, com o objetivo de conectar mais produtores e artistas e maximizar a disseminação de produtos e tecnologias. Disponível em: <<http://congresso.foradoeixo.org.br/historico/congresso-fora-do-eixo-2010/>>.

O **Circuito Fora do Eixo** é uma **rede colaborativa** e descentralizada de trabalho constituída por coletivos de cultura espalhados pelo Brasil, pautados nos princípios da economia solidária, do **associativismo** e do **cooperativismo**, da **divulgação**, da **formação** e **intercâmbio** entre redes sociais, do **respeito à diversidade**, à pluralidade e às **identidades culturais**, do **empoderamento** dos sujeitos e alcance da **autonomia** quanto às formas de **gestão** e **participação** em processos socioculturais, do estímulo à **autoralidade**, à **criatividade**, à **inovação** e à **renovação**, da **democratização** quanto ao **desenvolvimento**, uso e **compartilhamento** de **tecnologias livres** aplicadas às **expressões culturais** e da **sustentabilidade** pautada no uso de **tecnologias sociais** (CARTA DE PRINCÍPIOS, 2009. Grifos do documento).

O documento aponta como valores do coletivo “a substituição da noção de interesse pela de **valores**, a substituição do foco nos produtos pelo foco nos **processos**, a substituição da **racionalidade comunicativa** (dialógica) nas relações de **trabalho** e **produção artístico-cultural** e substituição dos valores de individualismo pelos valores de **associativismo/cooperativismo**” (IDEM. Grifos do documento).

Estratégias de sustentabilidade, de circulação, de comunicação e de emprego de tecnologias de sonorização, palco e iluminação são apontadas como pilares e eixos de atuação do *Circuito Fora do Eixo* na Carta de Princípios, que estabelece, ainda, a adesão livre, espontânea, esclarecida e consciente do indivíduo no coletivo. O documento finaliza relacionando um conjunto de ações convencionadas, distribuídas em cinco áreas de atuação: a) intercâmbio, transversalidade e delegação; b) identidade, diversidade e autonomia; c) gestão e sustentabilidade; d) inovação e comunicação; e) formação e conscientização.

As ferramentas desenvolvidas a fim de dar consecução a cada um dos pilares de atuação do Circuito Fora do Eixo [sustentabilidade, circulação, comunicação, emprego de tecnologias] devem ser desenvolvidas de forma **integrada, orgânica, transversal, interdependente e interpenetrante**, de modo a constituir o chamado *Sistema Fora do Eixo de Música e Cultura Independente*, que tende a suplantar a lógica do modelo ainda predominante da indústria fonográfica (as *majors* e seu *modus operandi* contratual) pela lógica do “**mercado médio**” cultural, pautado pelos princípios da **economia solidária** aplicados às cadeias produtivas da **economia da cultura**, em especial, da **música independente** (CARTA DE PRINCÍPIOS, 2009. Grifos do documento.)

Além da Carta de Princípios, desde janeiro de 2013, a organização tem um novo Regimento Interno (o primeiro foi elaborado em 2009) que regula seu funcionamento. Algumas modificações importantes foram observadas, em função do crescimento e expansão das atividades do coletivo, a começar pela sua denominação: “rede sociocultural Fora do Eixo”. A própria definição do coletivo traz algumas mudanças, apresentando a organização também como movimento social. Vejamos:

O Fora do Eixo é uma rede colaborativa de coletivos de cultura distribuídos pelo mundo, e pautados em conceitos de Economia Solidária, Tecnologia Social e compartilhamentos livres de conhecimentos. A rede se caracteriza como movimento social e circuito cultural, sendo que o primeiro tem como foco o desenvolvimento das redes temáticas, através de práticas de articulação de diversos parceiros e redes. O segundo tem como foco o fortalecimento das redes produtoras enquanto Arranjos Coletivos Locais autônomos (REGIMENTO INTERNO, 2013).

O documento normatiza ainda a organização política e a organização estrutural da rede, assunto do nosso próximo capítulo, e descreve as suas várias instâncias de deliberação e atuação, além de estabelecer critérios para o ingresso e a exclusão de coletivos.

Com esse lastro, o coletivo decide migrar para o coração do eixo, instalando-se em São Paulo, em janeiro de 2011. “Agora, com a trama bem costurada em 112 cidades, a estratégia é ganhar o *mainstream*, atrair artistas com carreiras mais consolidadas e criar um polo para atrair gente, dinheiro e oportunidades”, explica Bruno Torturra, integrante do coletivo, em reportagem da revista Trip<sup>31</sup>

Após a mudança, alguns episódios na trajetória do coletivo merecem destaque. O primeiro deles foi o embate com a ministra de Cultura Anna de Hollanda, em 2011. A mudança nas diretrizes do Ministério com a retirada da licença *Creative Commons* do site do ministério, a discussão sobre os direitos autorais e o papel do Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (ECAD) e a verba para os Pontos de Cultura foram alguns dos assuntos que provocaram a crise entre o MinC e diversos setores culturais, dentre eles o coletivo *Fora do Eixo*. “Ela mal assumiu e já anunciou um grande retrocesso, é o retorno de uma política ultrapassada. E veio

---

<sup>31</sup> Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/revista/199/reportagens/ministerio-da-cultura.html>>.

em uma hora muito errada. Agora era a hora de acelerar... Não de termos uma ministra analógica”, declarou Capilé à revista Trip.

Ao participar e colaborar na organização de algumas manifestações na cidade de São Paulo, como a “Marcha para a Liberdade” (2011), “Existe amor em São Paulo”, “Festival amor sim, Russomano não” (ambos em 2012), o *Fora do Eixo* ganhou projeção e força política, conquistou aliados, mas também recebeu fortes críticas.

Em 2013, o coletivo participa ativamente dos protestos realizados no Brasil, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, e ganha destaque pela cobertura realizada pela Mídia Ninja (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação), frente temática da rede *Fora do Eixo*. O grupo se coloca como alternativa à imprensa tradicional e torna-se mundialmente famoso após as Jornadas de Junho, ocasião em que transmitiu os protestos ao vivo, usando câmeras de celulares.

Entrevistados no programa Roda Viva, da TV Cultura, em 5 de agosto de 2013, Pablo Capilé, representando o *Fora do Eixo*, e Bruno Torturra, integrante do Mídia Ninja, foram sabatinados por um grupo de jornalistas e falaram sobre as ações, financiamento e organização do coletivo. A entrevista repercutiu nos meios de comunicação de massa e, a partir daí, o coletivo sofreu uma avalanche de críticas. As controvérsias afloraram e o debate sobre a produção cultural no Brasil, as políticas públicas de cultura e as propostas do *Fora do Eixo* foram alvo de muitas disputas.

Compreender como o *Fora do Eixo* se estruturou foi um verdadeiro desafio, pois o coletivo está em constante mudança e as informações são muitas vezes desconstruídas, o que exigiu um esforço redobrado para checá-las e desenhar a trajetória do coletivo, dada nossa opção de conhecê-lo seguindo seus rastros na web. Ademais, eles estão sempre se organizando, mudando suas frentes temáticas, elaborando novos projetos e abandonando outros. Apesar das possíveis lacunas, o trabalho revela os principais momentos do Espaço Cubo/Fora do Eixo sob a ótica de seus integrantes, desde sua criação até a mudança para São Paulo.

Com base nas informações colhidas foi possível traçar uma linha do tempo com o objetivo de dar visibilidade à fase do coletivo em solo cuiabano e registrar as raízes do *Fora do Eixo*. Chama atenção a ausência do coletivo na cidade desde sua mudança. Não há sequer um coletivo, associação, ONG ou qualquer outro tipo de

organização que se declare parceira do *Fora do Eixo*. Após a mudança a antiga sede do grupo foi ocupada por mais alguns meses (até o contrato terminar, conforme informações de um ex-integrante) pela Central Única das Favelas (CUFA), parceira do coletivo em alguns projetos desenvolvidos na cidade. Hoje, a simples menção do nome do coletivo em círculos de artistas e produtores, provoca, muitas vezes, manifestações acaloradas, mostrando que o *Espaço Cubo/Fora do Eixo* ainda provoca controvérsias mesmo depois de três anos de ausência na capital mato-grossense.





### 3 A LÓGICA DA ORGANIZAÇÃO

Grande parte das controvérsias sobre o *Fora do Eixo* diz respeito às práticas do grupo que estão diretamente relacionadas aos modos de organização, de vida e de trabalho adotados. Por esse motivo, antes de passarmos à cartografia realizada, precisamos compreender como se estrutura o *Fora do Eixo*. No capítulo anterior, ao mostrarmos a trajetória e os princípios nos quais se pauta a ação do coletivo, foi possível visualizar como atuam.

Com a evolução e o crescimento da rede, sua organização tornou-se mais complexa e, dada suas características, mudanças ocorrem constantemente. Em 2013, o novo Regimento Interno passou a regular o funcionamento do *Fora do Eixo* e nele a organização do coletivo é apresentada em duas dimensões: política e estrutural. Com base no conteúdo de documentos, em depoimentos de seus integrantes e em outras informações encontradas no portal do grupo, continuamos seguindo a rede na web e, por meio da descrição, desenhando um mapa que nos permita compreender a lógica organizacional do *Fora do Eixo*.

#### 3.1 ORGANIZAÇÃO POLÍTICA

De acordo com o coletivo *Fora do Eixo*, a lógica organizacional foi concebida para atender as necessidades do cenário de música independente no Brasil. Nesse sentido, o coletivo trabalhou para construir plataformas coletivas, lutando pela organização do setor musical e pela criação de políticas públicas estruturantes para o setor de cultura. “Para nós, está claro que apenas a livre concorrência do mercado é uma lógica excludente e que não resolve o problema, e isso está comprovado historicamente” (FORA DO EIXO, 2013).

A organização política do *Fora do Eixo* abrange três esferas: organizações e pessoas; instâncias representativas e executivas e pontos de articulação, conforme representado no diagrama a seguir.

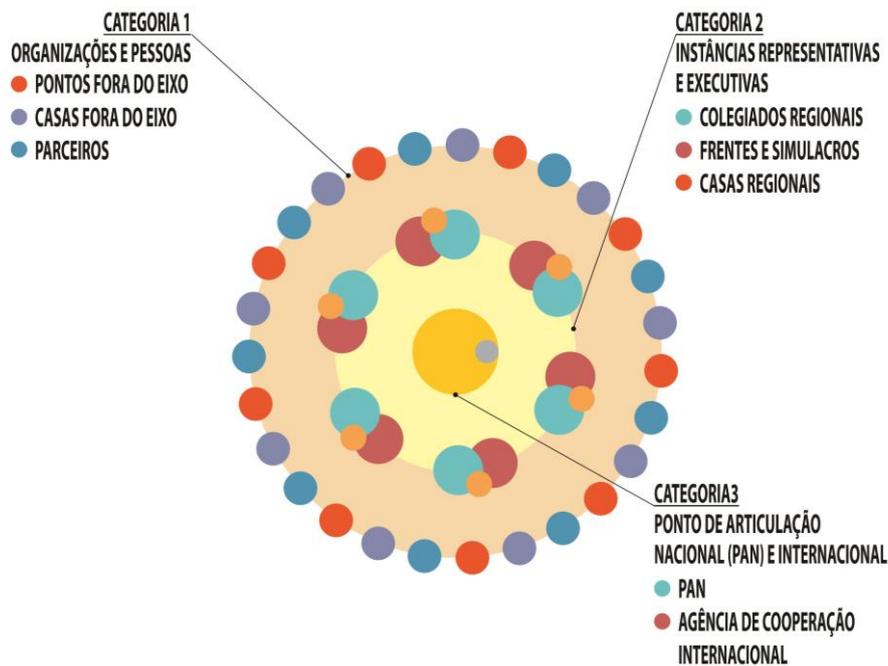


Figura 14: Organização política do *Fora do Eixo*.

Os **Pontos Fora do Eixo** são movimentos ou organizações, formais ou não, que mediam toda ação ligada ao coletivo em sua cidade. Os integrantes da rede *Fora do Eixo* podem ser associações, ONGs, Oscips, fundações sem fins lucrativos e MEIs (micro empreendedores individuais). Cada cidade pode ter mais de um Ponto Fora do Eixo com a função de desenvolver medidas estruturantes capazes de gerar e estabelecer relações entre os pontos de conexões da rede e os pontos parceiros, assim como conectar novos agentes.

Segundo Felipe Altenfelder, “cada ponto tem liberdade e autonomia pra decidir com que linguagem artística que vai trabalhar, como que vai se organizar e como que vai dialogar com o seu próprio público local, quais são seus objetivos e assim por diante”.<sup>32</sup>

Os **Pontos Parceiros** são formados por organizações de quaisquer natureza jurídica e área de atuação (restaurantes, hotéis, lojas de instrumentos musicais...), tudo depende das demandas do coletivo. Por isso, eles podem funcionar como pontos de distribuição, pontos de mídia, pontos de pesquisa, atuando conectados ao

<sup>32</sup> A afirmação foi feita durante o 2º Encontro Rede Cultura Jovem, projeto da Rede Cultura Jovem, da Secretaria de Cultura do Espírito Santo. Informação disponível em: <<https://www.youtube.co/786hSmWPh8>>.

Ponto Fora do Eixo. Os parceiros do coletivo podem também solicitar a participação em reuniões e ambientes deliberativos e, se aprovada, participam como ouvintes e até votam em algumas instâncias deliberativas.

As **Casas Fora do Eixo** (CAFES) são residências culturais responsáveis pela execução das atividades institucionais do coletivo. Funcionam como agência ou Banco Fora do Eixo, campus da Universidade Livre Fora do Eixo, diretório do Partido da Cultura, Estação de Mídia, Ponto de Hospedagem Solidária e articuladores de redes. São responsáveis por executar e acompanhar a operacionalização do programa da organização nas regionais, além de atender, assessorar e dar suporte aos pontos de sua região, atuando em consonância com os Colegiados Estaduais e Regionais. As casas podem ainda funcionar como espaço de imersão, quando integrantes de coletivos vivem experiências *in loco*, participando de debates, reuniões, capacitações para aprimorar a compreensão dos objetivos, metas e modo de organização do *Fora do Eixo*.



Figura 15: Anúncio de imersão e edital de vivência das CAFES

Na categoria instâncias representativas, encontramos os **Colegiados do Fora do Eixo** que são classificados em dois tipos: territoriais, deliberam no âmbito do município, do estado, da região e/ou da nação; e temáticos, que atuam pelo desenvolvimento de uma frente temática, artístico-cultural ou social. Cabe aos Colegiados estimular a pró-atividade dos Pontos Fora do Eixo, a circulação e as

trocas, a formação de novos Pontos e facilitar encontros presenciais, dentre outras responsabilidades.

Na última categoria da organização política estão os **Pontos de Articulação** nacionais e internacionais, representados pela Agência de Cooperação Internacional que reúne os pontos de articulação latinos e pontos parceiros internacionais, além do Ponto de Articulação Nacional, instância deliberativa, composta por membros dos colegiados, que têm a função de gerir e cancelar ações de âmbito nacional e de mediar conflitos.

A maior instância deliberativa do coletivo é o Congresso Fora do Eixo. Realizado anualmente, o congresso reúne representantes de todos os Pontos Fora do Eixo, constituindo-se em um espaço para troca de experiências, proposições de novas frentes temáticas e de demandas. Antes do Congresso as regionais realizam seus encontros e deliberam para encaminhar suas demandas durante o evento nacional.

### **3.2 ORGANIZAÇÃO ESTRUTURAL**

A organização estrutural do Fora do Eixo é representada pelas redes temáticas, pelos simulacros e pelas redes produtoras, conforme podemos observar na figura abaixo.

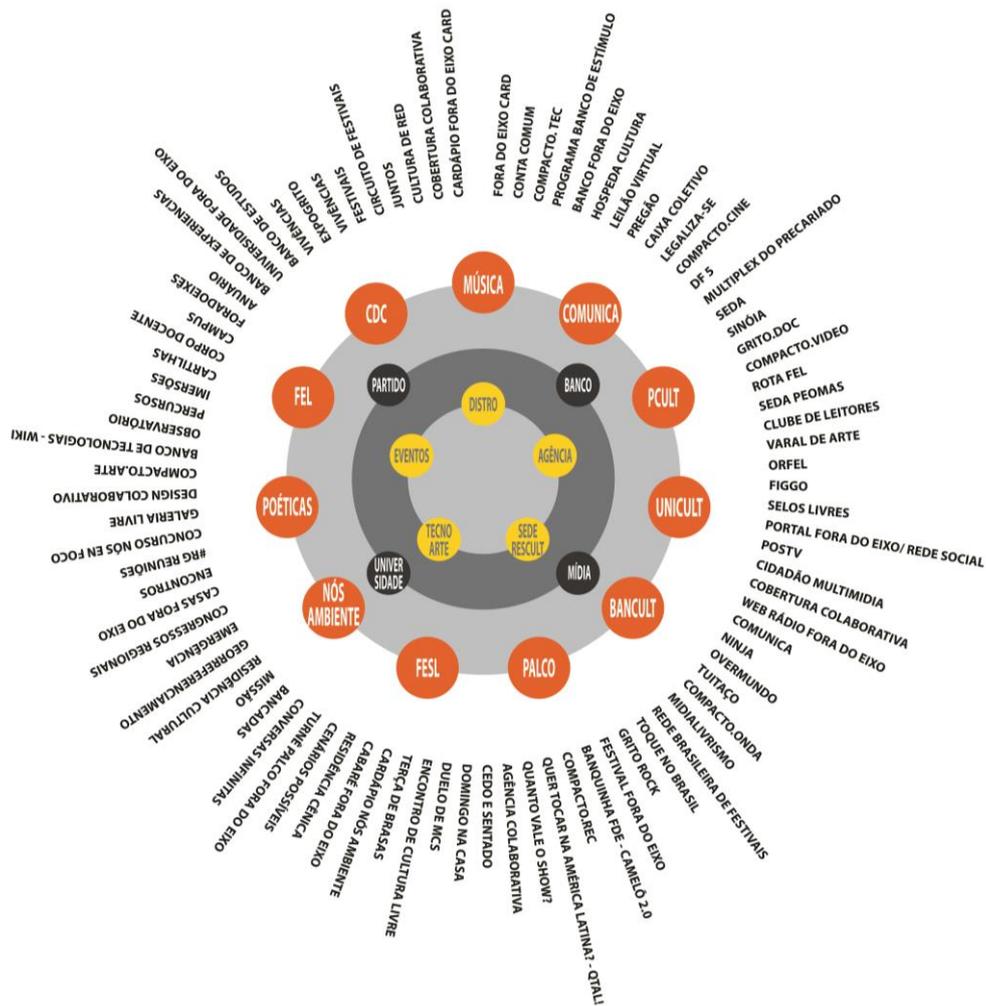


Figura 16: Organização estrutural do *Fora do Eixo*

Em um primeiro nível encontramos as **Redes Gestoras Temáticas**, constituídas pelos núcleos com agentes *Fora do Eixo* externos à rede, que representam linguagens artísticas, culturais e sociais, aglutinando agentes culturais que concebem projetos para serem desenvolvidos na rede. O papel dessas redes é definir a atuação do coletivo e mobilizar novos agentes de forma permanente: São elas: Música, Clube de Cinema, Palco, Fora do Eixo Letras, Poéticas Visuais, Ninja - Narrativas Integradas de Jornalismo e Ação (comunicação livre em várias plataformas e linguagens), Nos Ambiente (focado nas questões socioambientais), Hacker Fora do Eixo (atividades relacionadas ao ciberativismo e às tecnologias livres), Esporte Fora do Eixo, dentre outras.

As frentes gestoras mediadoras, denominadas como **Simulacros**, têm o papel de gerar o fluxo entre as Redes Temáticas e as Redes Produtoras. São elas que

elaboram os mecanismos de sistematização, mapeamento, pesquisa, concepção, execução, sustentabilidade, mobilização, articulação, comunicação e dinâmica entre os indivíduos e as coordenações institucionais do coletivo. Pensada dessa forma, a estrutura, segundo o coletivo, democratiza as tecnologias e decisões aprovadas, provocando a transversalidade entre todas as redes. São Simulacros: o Banco Fora do Eixo, o Partido da Cultura Fora do Eixo, o Centro Multimídia Fora do Eixo e a Universidade Fora do Eixo.

Segundo Capilé, os simulacros foram criados para serem conduzidos em oposição às estruturas hegemônicas existentes:

[...] a gente não concordava com a universidade, criou uma; não concordava com os partidos, criou um partido, não concordava com os bancos, criou um banco; a gente não tinha dinheiro a gente fez dinheiro, criou uma moeda; a gente não tinha uma indústria na música a gente construiu uma a gente não tem uma no audiovisual, a gente vai construir uma, a gente gosta de esportes mas não tem onde fazer essas interlocuções, a gente vai ter um clube de esportes e vai discutir o Fora Ricardo Teixeira, vai discutir a lei do passe, vai discutir o clube-empresa, vamos dar visibilidade pro *rugby* que é um esporte fora do eixo; então, é entender que a partir da união de braços e pernas a gente consegue fazer o que a gente quiser (CAPILÉ apud BARCELLOS, 2012, pp. 192-193).

O Banco Fora do Eixo é o responsável pelas ações de sustentabilidade da rede, administrando e organizando as ações de pesquisa, diagnósticos, projetos, caixas coletivos, moedas complementares. O foco de trabalho do Banco é a atuação sistêmica da rede.

A articulação política do coletivo, assim como a elaboração de estratégias para o coletivo, está a cargo do Partido da Cultura Fora do Eixo. Dentre suas principais funções, destacam-se: promover a expansão da rede (realização de palestras, seminários, oficinas, denominados Colunas FDE); relacionar-se com os Pontos de Cultura do governo federal para trocar tecnologias e trabalhar o mercado e a ação política da rede.

O Centro Multimídia do coletivo é o núcleo que trabalha com toda a comunicação do coletivo, dando suporte aos Pontos Fora do Eixo para o desenvolvimento de mídias independentes locais. A rede de comunicação abrange a Rede Social do Fora do Eixo, rádio, TV, redação, assessoria de imprensa e design e mídia.

Outro simulacro é a Universidade Fora do Eixo que é produto da necessidade de se compartilhar o conhecimento gerado pelo coletivo, difundindo as tecnologias sociais utilizadas e buscando a conexão com parceiros e integrantes.



Figura 17: Simulacros do Fora do Eixo

Responsáveis pela execução dos trabalhos demandados pelas Redes Temáticas do Fora do Eixo, as **Frentes Produtoras** são aquelas que transformam projetos em realidade, sendo a fonte de produção do trabalho (Card) necessária para suprir as demandas das redes temáticas e dos parceiros integrados ao sistema, atendendo a cadeia produtiva local. São redes e frentes produtoras: Eventos Fora do Eixo, Agência Fora do Eixo, Fora do Eixo Distro, Tecnoarte (Teca) e a Residência Cultural.

Ao compararmos as estruturas organizacionais dos dois coletivos – *Espaço Cubo* e *Fora do Eixo* – percebemos a semelhança entre ambos, sendo a construção do organograma do *Fora do Eixo* mais refinada devido ao tamanho do coletivo, sua evolução e maior complexidade. Por isso, entendemos que o *Espaço Cubo* funcionou como um laboratório em escala menor para que o grupo pudesse, posteriormente, ampliar seu leque de ações e sua abrangência. O *Fora do Eixo* constitui-se então em uma rede de redes, um coletivo de coletivos, como se autodenominam, ou ainda uma “central de coletivos” (TORTURRA, 2011), conformando um território relacional representado no diagrama a seguir.

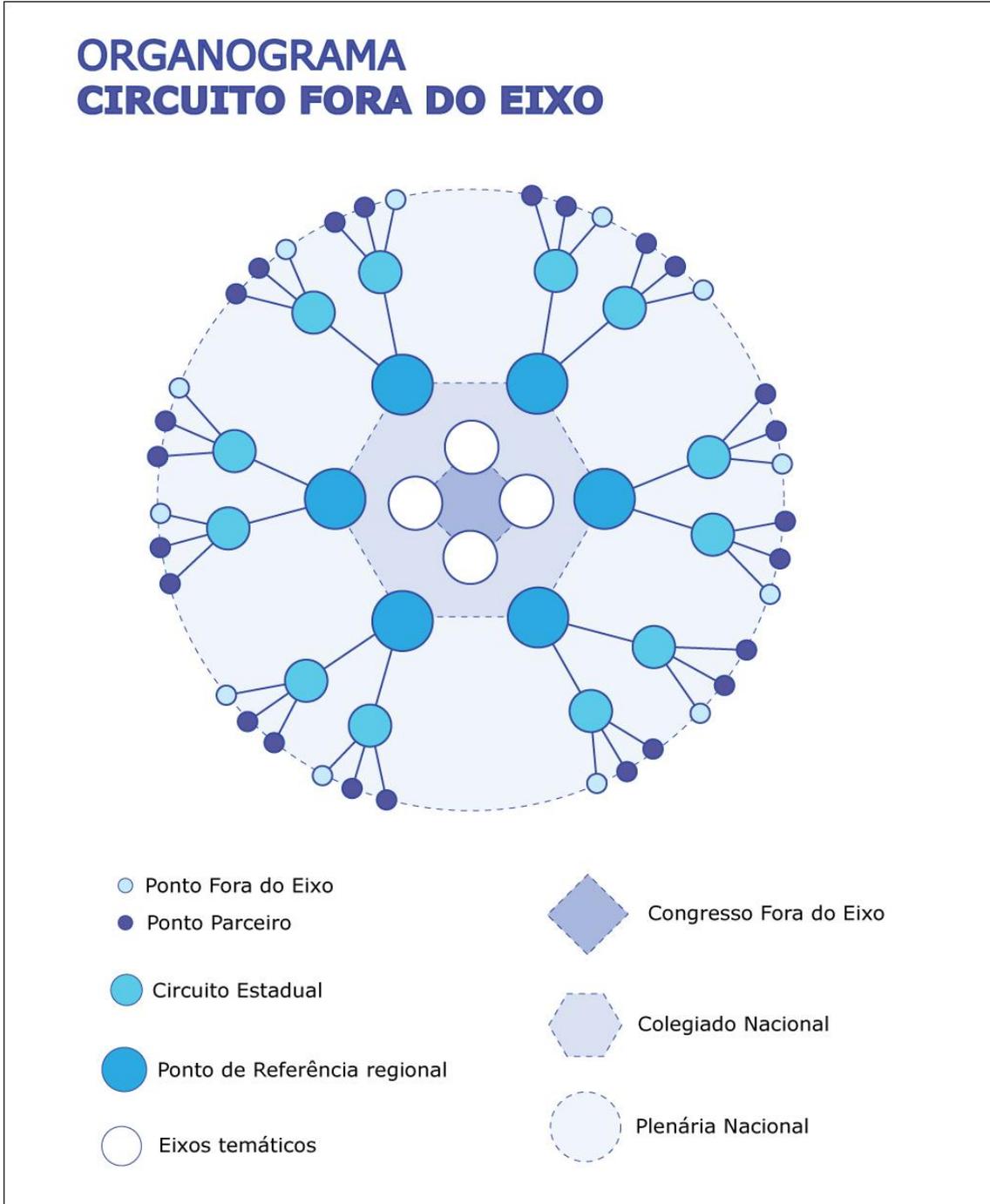


Figura 18: Representação da Rede Fora do Eixo

### 3.3 FORA DO EIXO EM NÚMEROS

Falar de números do Fora do Eixo é muito complicado. Esses dados são, geralmente, descontraçados e difíceis de serem apurados. Com base em alguns

documentos garimpados na web, vamos procurar representar o tamanho da organização, ressaltando, porém, que a maioria desses números está baseada em estimativas. Os próprios membros reconhecem que muita coisa escapa ao controle do coletivo, dado o incentivo à autogestão e a falta de instrumentos para controlar.

De acordo com o relatório Fora do Eixo em Números<sup>33</sup>, divulgado em 2012, a rede conecta 2 mil pessoas diretamente e cerca de 20 mil indiretamente, mobilizadas em 27 estados brasileiros e 15 países da América Latina, atingindo 8 milhões de pessoas, 2.800 parceiros e 116 pontos de articulação. O Fora do Eixo Card movimentou, nesse ano de 2012, \$ 88,4 milhões, sendo \$13 milhões em reais (15%) e \$ 77,4 (85%) em cards, utilizando 30 moedas diferentes.

Foram cinco mil produtos distribuídos pela Distro<sup>34</sup> e 10 mil *downloads* no compacto.rec<sup>35</sup>, segundo o relatório, que também informa que o coletivo organizou 25 turnês, 37 festivais, 6 mil shows, mil noites Fora do Eixo, fazendo circular 30 mil bandas no mesmo ano. A Rede Brasileira de Festivais atingiu, também em 2012, 632 milhões de pessoas em seis circuitos, estando os festivais assim distribuídos: 20 no Circuito Paulista; outros 20 em Minas Gerais; 12 no sul do país; também 12 no Nordeste; 8 no Circuito Goiano e 7 no Amazônico.

Ainda de acordo com o documento, no setor de comunicação, o grupo abrange 100 páginas no Facebook, que alcançam 500 mil pessoas; 120 sites em operação, que registram 4 milhões de acessos e 600 contas no Twitter, gerando 600 *trend topics*. Veicularam 30 mil fotos no Flickr, acessadas por 1.500 usuários. Em 2012, realizaram 300 reuniões *online*, distribuíram 72 *newsletters* e cem mil e-mails e ainda realizaram 240 coberturas colaborativas.

O último mapeamento dos pontos FdE que encontramos foi criado em 2011 e atualizado em maio de 2012<sup>36</sup> e seus números não coincidem com os divulgados no relatório. O documento indica e relaciona a existência de 103 Pontos Fora do Eixo, distribuídos conforme o mapa abaixo.

<sup>33</sup> Disponível em < <http://issuu.com/foradoeixo/docs/fdeemnumeros-final>>

<sup>34</sup> Projeto responsável pela distribuição de CDs, camisetas, bottons, adesivos, livros, revistas e outros produtos culturais de produção independente.

<sup>35</sup> Projeto de lançamento mensal de álbuns virtuais em rede. O objetivo é estimular a circulação e distribuição de bandas da cena independente brasileira.

<sup>36</sup> Disponível em < <https://maps.google.com.br/maps/ms?vpsrc=6&ctz=120&ie=UTF8&msa=0&ll=-10.368431,63.764648&spn=48.967396,46.933593&t=m&msid=212703666479230504134.0004ae78e96c874019114&source=embed&dg=feature>>



Figura 19: Mapa de Pontos Fora do Eixo

Em números oficiais, divulgados em setembro de 2013<sup>37</sup>, a rede contava com 91 coletivos e 650 coletivos parceiros e 18 casas em todo Brasil. Segundo a rede, eles vêm investindo no que chamam de “pós-marca”, ou seja, no fortalecimento de outras redes autônomas ao *Fora do Eixo* que apresentam os seguintes números, em 2012: 130 festivais da Rede Brasil Festival, 80 Semanas do Audiovisual (SEDA), 300 Gritos Rock e 200 pontos de hospedagem solidária em todo Brasil (Hospeda Cultura).

Sobre os recursos recebidos, o *Fora do Eixo* relata a dificuldade em apurar o valor, dada a gestão descentralizada da rede. Cada coletivo, segundo eles, tem autonomia de gestão e não existe um caixa único, uma vez que o Banco Fora do Eixo apenas auxilia a fazer os levantamentos. E, conforme o último levantamento realizado por meio de formulário aplicado junto aos coletivos no final de 2012, a

<sup>37</sup> Informações disponíveis em: <<http://foradoeixo.org.br/2013/09/04/faq-perguntas-frequentes/>>.

estimativa é de que a rede movimentou cerca de R\$ 5 milhões, entre recursos públicos e privados. Até setembro de 2013, o balanço do ano anterior ainda não havia sido finalizado, segundo o *Fora do Eixo*, porque são feitos de forma colaborativa, o que dificulta chegar a números mais precisos.

Ainda conforme as informações oficiais, desse montante, R\$ 2,8 milhões são recursos próprios, arrecadados com prestação de serviços, bilheteria, doações, R\$ 1,7 milhão são provenientes de recursos públicos e R\$ 500 mil são patrocínios privados. Esses valores estão distribuídos pelos vários pontos da rede e podem variar, pois não há um controle dos recursos dos envolvidos.

Nesse levantamento foram mapeados 20 CNPJs de coletivos integrantes da rede, mas o número que verdadeiramente impressiona é o de R\$ 62 milhões movimentados através das moedas sociais do Fora do Eixo, os cards. Esse valor corresponde, sempre de acordo com o coletivo, a prestação de serviços não remunerados a parceiros, investimento em projetos próprios, trocas e permutas, além de doações.

Apesar de dizerem que as planilhas estão sempre abertas e à disposição de quem quiser vê-las, encontramos algumas de difícil análise, com dados incompletos, o que impede que sejam compreendidas em sua totalidade. Quando foram questionados a esse respeito, informaram, por meio das respostas a perguntas frequentes (FAQ)<sup>38</sup> que essas não são planilhas de prestação de contas, e sim são “um banco de dados que reúne projetos culturais elaborados por coletivos da rede e parceiros”. As planilhas que dão conta de toda a movimentação do Fora do Eixo são compartilhadas nas cerca de 100 listas de atuação da rede. Cada frente de trabalho tem uma lista e há uma única lista geral.

Com relação ao número de projetos apresentados e aprovados para captação de recursos, o coletivo informa que varia a cada ano. Mais uma vez, dizem, os números não são precisos porque os coletivos só disponibilizam as informações que quiserem, “não há um centralismo administrativo”. Desse modo, informaram que, em 2012, de 120 projetos apresentados, 28 foram aprovados. Em 2013, 28 coletivos elaboraram 103 projetos que foram registrados no banco de dados, dos quais apenas 9 haviam sido aprovados para captação de recursos.

---

<sup>38</sup> Disponível em: < <http://foradoeixo.org.br/2013/09/04/faq-perguntas-frequentes/>>.

Em decorrência das acusações e críticas recebidas pela falta de transparência, quando, em agosto de 2013, o coletivo foi alvo de nova onda de polêmicas sobre suas práticas, o *Fora do Eixo* reformulou seu site, denominando-o de Portal da Transparência e anunciou sua intenção de ampliar a acessibilidade às informações. Nele, até o encerramento deste estudo, encontramos no link Prestação de Contas as planilhas de três projetos: Projeto Centro Multimídia, realizado de maio de 2011 a maio de 2012 e financiado pela Petrobrás; Projeto do IV Congresso Fora do Eixo, realizado em novembro de 2011, com financiamento de R\$ 300 mil da SABESP e da Fundação Vale e o Projeto da Universidade Livre Fora do Eixo, no valor de R\$ 590 mil, realizado de março de 2012 a março de 2013, financiado pela Petrobrás<sup>39</sup>. Há ainda outras planilhas disponíveis no link Caixa Coletivo<sup>40</sup>, como a prestação de contas da Rede Brasil de Festivais, o balanço do Coletivo Mundo de Pernambuco, o relatório da divulgação do filme *Bollywood Dream*, de Beatriz Seigner, e a reprodução das outras planilhas já mencionadas.

### 3.3. VIDA FORA DO EIXO

Casa *indie*, Casa Civil, quartel-general ou simplesmente Casa Fora do Eixo (CAFE) são alguns dos nomes dados às residências regionais do coletivo, localizadas em São Paulo-SP, Belo Horizonte-MG, Porto Alegre-RS, Fortaleza-CE e Belém-PA. Há ainda outras casas espalhadas pelo interior do país, totalizando 20 residências, segundo Schulz (2013), moradora da Casa Fora do Eixo Porto Alegre. Nelas integrantes do *Fora do Eixo* vivem, trabalham, se hospedam e experimentam um modo de vida baseado no compartilhamento, no comum. E é esse modo de vida, que causa estranhamento a muitos, que vamos procurar descrever nesta seção, sempre baseados no discurso dos integrantes do coletivo, conforme foi definido na abordagem metodológica.

As Casas Fora do Eixo são campus de vivências avançados que vem possibilitando o aperfeiçoamento de tecnologias sociais capazes de gerar processos de sustentabilidade a agentes culturais que buscam o desenvolvimento de cadeias produtivas da cultura numa perspectiva solidária e socializante. São espaços que vem proporcionando

---

<sup>39</sup> Disponível em: < <http://foradoeixo.org.br/prestacao-de-conta/>>

<sup>40</sup> Disponível em: < <http://foradoeixo.org.br/category/caixa-coletivo-2>>

experimentos de metodologias e projetos diversos relacionados à redes de midialivramento; circulação de agentes culturais, ideias e conhecimentos; distribuição de produtos culturais, além de práticas solidárias de gestão de recursos econômicos, tais como, as moedas solidárias e o caixa coletivo (SCHULZ, 2013).



Figura 20: CAFEs Minas Gerais e São Paulo

Na explicação de Dríade Aguiar, que mora na Casa Fora do Eixo de São Paulo (CAFE-SP), as casas fazem parte de um projeto presencial para apresentar todos os *cases* do coletivo dentro de um espaço. Em vídeo postado no You Tube<sup>41</sup>, ela apresenta a casa de São Paulo, onde, em 2011, ano em que foi inaugurada, viviam 14 pessoas em caráter permanente, oriundas de várias partes do país. A casa também recebe moradores temporários (no momento em que gravou o vídeo havia 30 residentes) que fazem imersão ou participam de projetos dos coletivos que integram a rede.



Figura 21: Logomarcas de Casas Fora do Eixo

As casas trabalham com o sistema de gestão colaborativa dos recursos financeiros que vai todo para um caixa coletivo. O dinheiro arrecadado é usado para custear as despesas da casa (aluguel, luz, água, alimentação etc.) e também para

<sup>41</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=FM3nQ7e71bw>>

cobrir gastos pessoais e, segundo depoimentos os moradores, tudo tem que ser justificado e anotado<sup>42</sup> A experiência na CAFE-SP é descrita no jornal Folha de São Paulo:

Quem entra na casa não tem salário, mas ganha a senha de cartões de crédito coletivos. Assim, custeiam despesas comunitárias e individuais, como roupas (vale o bom senso: se quiser comprar grife, pode, mas boa sorte explicando essa "necessidade"). Os gastos são anotados num caderno batizado de "Livro Caixa". Por mês, vão-se cerca de R\$ 17,5 mil, de material gráfico para projetos (R\$ 400) a produtos para higiene pessoal (a conta da farmácia fica em R\$ 500). Em média, sacam R\$ 6.300 por mês para alimentação. Saem uns 40 almoços por dia (além dos residentes fixos, há dezenas de visitantes diários). (BALLOUSIER; MAGENTA, 2013).



Figura 22: Caixa coletivo<sup>43</sup>

Na visão de Claudia, moradora da Casa Fora do Eixo de Porto Alegre, o caixa coletivo não está relacionado apenas ao compartilhamento da gestão de recursos financeiros, mas, principalmente, “à radicalização da horizontalidade e do compartilhamento do ser e estar em um novo mundo possível, dos conflitos, tristezas e alegrias do dia a dia, das roupas, dos bens que passam a ser comuns”. Para ela,

as casas promovem novas perspectivas de protagonismo social a jovens de todo o país, através da dinamização de redes de relações que alimenta a compreensão de que trabalho é instrumento de construção e transformação de realidades, e que, através de processos coletivos, é possível alimentar a Felicidade Interna Bruta (FIB) de cada indivíduo, promovendo, em consequência, estímulo necessário capaz de retroalimentar métodos de colaboração diversos (SCHULZ, 2013).

<sup>42</sup> A esse respeito ver depoimentos no capítulo 4.

<sup>43</sup> Imagem publicada na Revista Trip. Disponível em: Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/revista/199/reportagens/ministerio-da-cultura.html>>.

Os integrantes do Fora do Eixo estão sempre trabalhando e dedicando-se às ações do coletivo. Munidos de *smartphones* e *notebooks* de última geração, os agentes passam o dia alimentando as redes sociais, comunicando-se com outros integrantes da rede ou desenvolvendo algum projeto. O jornalista Bruno Torturra, do Mídia Ninja, braço de comunicação do coletivo, explica, em reportagem que escreveu para a revista Trip, a questão da remuneração no *Fora do Eixo*, confirmando o uso do cartão coletivo.

Nem Pablo Capilé nem nenhum de seus colegas que trabalham diretamente no Fora do Eixo tem um salário. Vinte e oito pessoas têm a senha do cartão do banco e podem utilizá-lo livremente para suas despesas pessoais. Tudo que precisam fazer é discriminar e justificar o gasto. Em resumo: se você entra e trabalha para o Fora do Eixo, você tem todas suas despesas pagas. E esse tipo de remuneração é seguido por até 2 mil pessoas pelo país nos coletivos ligados ao circuito. A medida são o bom-senso e a dedicação de cada um (TORTURRA,2011).



Figura 23: Jovens trabalhando nas Casas Fora do Eixo

As casas integram hoje o que o coletivo denomina de Sistema de Casas Fora do Eixo. A organização de cada uma delas perpassa diferentes camadas do próprio modo de organização da rede. Elas funcionam como “grandes aceleradoras de partículas”, como explica Schulz (2013), pois aplicam diariamente inúmeras tecnologias de gestão que são utilizadas para realizar e acompanhar projetos de residência cultural de cada casa integrada ao Sistema.

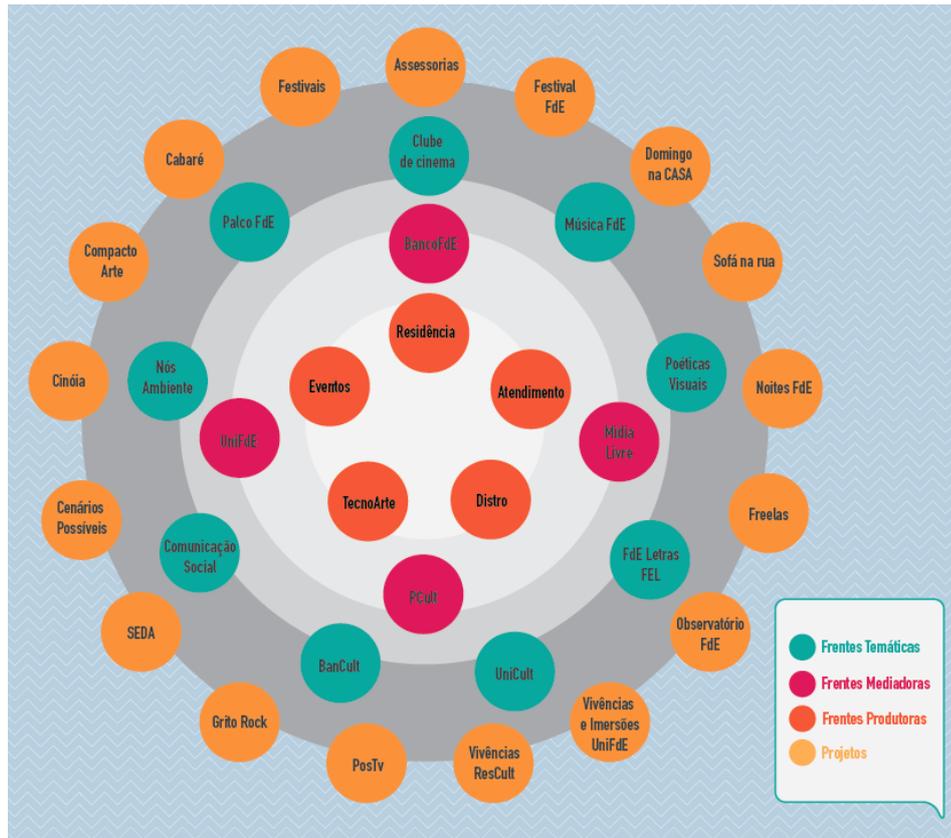
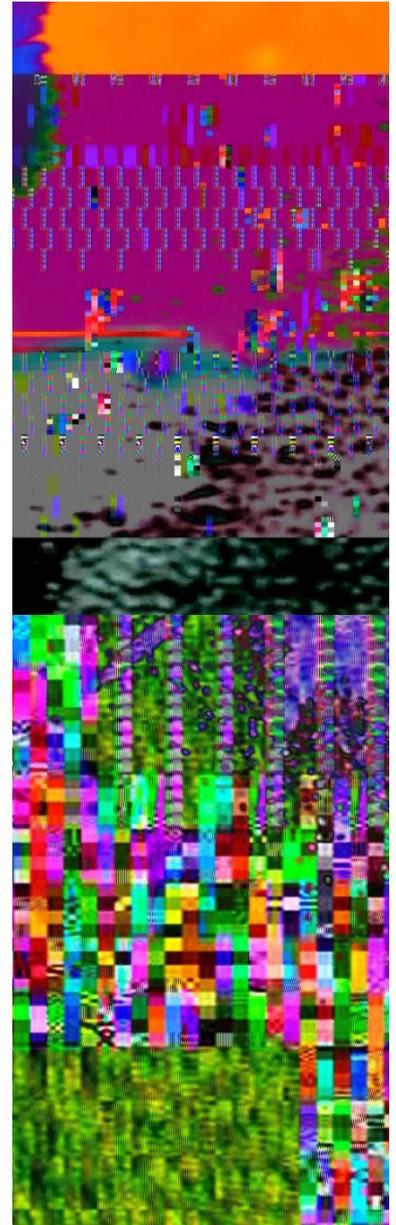


Figura 24: Modo de Organização de uma casa

Claudia explica que

cada Casa Fora do Eixo é uma célula produtora de tecnologias sociais e um espaço de convergências que abriga em sua estrutura organizacional a Agência do Banco FdE (sustentabilidade), o Ponto de Mídia Livre (comunicação), o Diretório do PCult (Partido da Cultura), o Escritório de Ponto de Articulação Regional, Ponto de Distribuição, Ponto de Hospeda Cultura, Ponto Nós Ambiente (política e prática ambiental) e Campus da Universidade Livre, além de desenvolver projetos estratégicos como Domingo na Casa, Noite FdE, Imersões, Vivências, PosTv, entre outros. Quem transita pelos espaços físicos de uma Casa consegue visualizar esses ambientes ou práticas.

A experiência de viver juntos em uma mesma casa começou também em Cuiabá, quando, por questões de economia, alguns integrantes do grupo decidiram morar juntos e, assim como a estrutura organizacional do coletivo, a organização da Casa Fora do Eixo também foi se sofisticando, ajustando-se às demandas que surgiram. Nos próximos capítulos será possível observar como essas práticas do *Fora do Eixo* são controversas e como o grupo é traduzido por outros atores que passam a integrar a rede constituída em torno ao coletivo.



Pedro Paulo Rocha

## PARTE II CARTOGRAFANDO A REDE

#### 4 DAS CONTROVÉRSIAS ÀS TRADUÇÕES

Na primeira parte deste estudo pudemos observar o desenvolvimento do coletivo *Espaço Cubo/Fora do Eixo* e traçamos sua trajetória desde o surgimento em Cuiabá-MT, no ano de 2002, fazendo um relato da rede. Compreendemos então como o grupo se coloca em cena por meio do discurso de seus integrantes e dos princípios e regras que normatizam o seu funcionamento em rede. Dessa maneira, foi possível entender o desenvolvimento e a expansão do coletivo, assim como o modo de vida que levam, os princípios que norteiam suas práticas e a lógica que rege sua organização.

Nesse percurso, verificamos que a trajetória do coletivo sempre foi atravessada por inúmeras denúncias, críticas e questionamentos referentes a suas práticas e posicionamento político. Em alguns períodos, as controvérsias aparecem com mais intensidade que em outros e, às vezes, circulam em ambientes de acesso mais restrito, mas sempre estão presentes. Foi por esse motivo que optamos por rastrear os sentidos atribuídos ao discurso e às práticas do *Fora do Eixo* durante os períodos controversos, entendendo que nesse processo poderíamos encontrar diferentes traduções de atores que atuam como importantes mediadores na rede conformada pelo coletivo. As conexões nos revelaram tensões, desvios e deslocamentos no processo de construção do social e, nesse percurso, procuramos entender a ação do coletivo *Fora do Eixo*.

Dessa forma, nesta segunda parte do trabalho seguimos em nosso processo de descrição, conforme o método de análise de controvérsias (VENTURINI: 2010, 2012). Fizemos isso rastreando sentidos no conjunto de materialidades comunicativas reunidas em dois momentos da trajetória do coletivo.

O primeiro deles corresponde ao período em que ocorre a participação do *Fora do Eixo* nas diversas mobilizações ocorridas de janeiro a junho de 2011 em São Paulo. A porta de entrada nas controvérsias do primeiro período recortado é o artigo veiculado no jornal *online* do coletivo Passa Palavra no dia 17 de junho de 2011.

O segundo momento abrange o período em que o grupo tem intensa cobertura da imprensa, depois de revelada sua ligação com a Mídia Ninja<sup>44</sup>, que teve atuação destacada na cobertura dos protestos ocorridos em junho de 2013 no Brasil. Durante o segundo período, rastreamos a rede a partir do programa Roda Viva, exibido na TV Cultura em 5 de agosto de 2013.

#### 4.1 A MEDIAÇÃO DO PASSA PALAVRA

Para compreendermos as disputas que se configuram em torno ao *Fora do Eixo*, usamos o artigo veiculado pelo Passa Palavra em seu jornal *online* para, a partir dele, rastrear outras apropriações feitas acerca das práticas do grupo. Por isso, é necessário entendermos qual a tradução do Passa Palavra sobre o coletivo e quais argumentos arregimenta para sustentar sua posição. Mas, antes de qualquer coisa, indagamos: o que é o Passa Palavra? Encontramos a resposta no site do jornal<sup>45</sup>:

Somos um grupo de orientação anticapitalista, independente de partidos e demais poderes políticos e econômicos, formado por colaboradores de Portugal e do Brasil, cujo intuito maior é o de construir um espaço comunicacional que contribua para a articulação e a unificação prática das lutas sociais. [...] Se você luta por uma outra forma de viver a vida, mais justa pelos poderes públicos e privados, conhece casos de exploração, opressão e discriminação de todo tipo, possui quaisquer informações ou relatos valiosos a esse respeito e sente a necessidade de fazê-los circular: aqui, tem lugar a sua palavra. **Passe-a!** [grifo do Passa Palavra].

As ações desse coletivo são orientadas por princípios descritos em três documentos também disponíveis no site: Pontos de Partida, Estatuto Editorial e Organização Interna. Dentre os pontos de partida relacionados no documento, encontramos a luta por uma sociedade na qual os meios de produção sejam de propriedade coletiva e onde os trabalhadores sejam aqueles que organizem o processo de trabalho. De acordo com o documento, o Passa Palavra considera que a exploração da força de trabalho não deixou de ser a principal relação social, na

---

<sup>44</sup> Sobre a Mídia Ninja ver capítulo 1..

<sup>45</sup> As informações sobre o Passa Palavra estão disponíveis em: <<http://passapalavra.info/quem-somos>>

qual assentam todas as outras e que define o posicionamento de cada pessoa na sociedade.

Na luta para combater o capitalismo, o coletivo decidiu criar uma rede para ligar as diversas formas de contestação, por meio de um espaço comunicacional (o jornal *online*) que pudesse favorecer o contato entre as diferentes correntes anticapitalistas. Dessa forma, o grupo acredita estar contribuindo para a unificação prática das lutas sociais. No jornal, encontramos matérias informativas, artigos, charges e comentários sobre os movimentos sociais, denúncias sobre abusos, criminalização e vigilância social. Rege a linha editorial do veículo a necessidade de “dar voz aos setores mais esquecidos e explorados por políticas que conduziram a sociedade à situação em que se encontra”

No que se refere a sua forma de organização, o Passa Palavra baseia-se na horizontalidade e na decisão coletiva, sedimentado nos princípios da escolha em comum, da rotatividade de funções e partilha de competências, e do controle permanente sobre quem exerce os cargos. Além disso, o documento garante a paridade na participação de integrantes luso-brasileiros.

Não há no site qualquer referência a nomes de integrantes do grupo. Nos comentários do artigo, ao seguirmos os links oferecidos na identificação dos participantes, encontramos alguns (Arth, Xavier, Manolo, por exemplo) que nos levavam direto à página do site, indicando sua conexão com o coletivo.

Ainda sobre a identificação dos integrantes do coletivo, encontramos nos comentários uma referência a João Bernardo como um dos idealizadores do Passa Palavra. Trata-se de um pensador marxista português, com vários livros publicados em Portugal e no Brasil, que sustenta a tese de que os gestores constituem outra classe da sociedade capitalista, além da burguesia e do proletariado.

É nessa perspectiva que o artigo “A esquerda fora do eixo”<sup>46</sup> é escrito e assinado coletivamente pelo Passa Palavra, dando concretude e visibilidade a um debate que já ocorria em círculos menores. A posição do Passa Palavra desencadeia a controvérsia que seguimos a partir dos comentários feitos no site. Foram 159 comentários até o dia 31 de julho de 2011 para o artigo “A esquerda Fora do Eixo”. Destes, muitos foram publicados em outros espaços da web, sendo

---

<sup>46</sup> Disponível em: <<http://passapalavra.info/2011/06/41221>>.

reproduzidos por seus próprios autores, ou por outros participantes do debate nos comentários do artigo em questão.

Poucos dias depois, o Passa Palavra divulga outro artigo sob o título “Domingo na Marcha”. Na verdade, o texto foi dividido em cinco partes, nas quais o coletivo continua a exposição e defesa de seus argumentos sobre os temas debatidos. Voltamos a frisar que seguimos a discussão que se instalou na web, seguindo a rede por meio dos *posts* nos comentários acompanhados até o final do mês de julho de 2011. A partir deles, chegamos aos demais atores que compõem esta rede de controvérsias.

#### 4.1.1 A esquerda fora do eixo<sup>47</sup>

O artigo tem o propósito de demonstrar que as mobilizações ocorridas em São Paulo durante o primeiro semestre de 2011 foram esvaziadas politicamente, revelando uma “[...] fragilidade prática e teórica da esquerda num cenário de ascensão e transformação econômica”. Começa analisando o que ocorreu em cinco mobilizações e reconhece a presença de um novo público nas manifestações: “uma ‘nova juventude’, de classe média, estudantil, ligada às mídias sociais”, constatando que “o campo social presente nas manifestações ultrapassou os limites daquele ativista-militante e político-partidário”.

Na sequência, quatro seções são dedicadas ao *Fora do Eixo*, que foi tomado como modelo desse novo público que se aproximou das manifestações. O texto também vincula as ações do grupo com a política instaurada pelo Ministério da Cultura, sob a gestão de Gilberto Gil (2003-2008), e faz alusão ao modo de trabalho adotado pelo coletivo. Nessa perspectiva, o Passa Palavra traduz as ações do coletivo *Fora do Eixo* como um **novo modelo de negócio**, situando-o no campo do capitalismo. E mais: identifica o grupo com a nova **classe de gestores** em ascensão no Brasil.

Para exemplificar o esvaziamento político da Marcha da Liberdade<sup>48</sup>, o Passa Palavra descreve como se deu a participação do *Fora do Eixo* na sua organização:

---

<sup>47</sup> Os títulos das subseções deste capítulo são reproduções dos títulos dos artigos cartografados.

<sup>48</sup> Nome usado para substituir o de “Marcha da Maconha”, que em anos anteriores havia sido proibida pela Justiça por apologia ao uso de drogas.

[...] Pablo Capilé, articulador do FdE, assumiu as tarefas relacionadas à comunicação da manifestação, como transmissão online, e seu coletivo também arcou com os custos das flores que seriam distribuídas no dia. Capilé ainda mencionou a possibilidade de patrocínio da Coca-Cola à marcha; segundo seu argumento, hoje em dia as empresas buscam contato direto com os grupos e movimentos sem que seja necessário expor as suas marcas<sup>49</sup>.

Além disso, segundo o artigo, Pablo Capilé, dentre outros, foi contra pautar como reivindicação da marcha a promoção de um projeto de lei para proibir o uso de armas menos letais em manifestações, considerando não ser necessário pautar qualquer coisa que não fosse a “própria ideia de liberdade”. De acordo com o Passa Palavra, esta foi a maneira encontrada para neutralizar politicamente a marcha.

Sob o argumento que “o campo social presente ultrapassou os limites daquele ativista-militante e político-partidário e se expandiu com pessoas que não participavam das lutas”, o artigo conclui sua primeira seção, entendendo que

[...] as mídias sociais – principalmente o *Facebook* e o *Twitter* – mobilizaram conjuntamente novos setores da classe média, mas por outro lado, houve também um caráter diferenciado da pauta tradicional dos movimentos sociais e da esquerda em geral. A pauta genérica de algumas delas (e mesmo neutra) ou de grande relação com os direitos individuais – como explicitamente no caso da descriminalização das drogas e da liberdade de expressão – tem possibilitado a aproximação de elementos da classe política – tanto de esquerda como de direita – e também novas empresas e ONGs com foco no marketing virtual, publicidade e na cultura.

O *Fora do Eixo* é utilizado como exemplo desse novo elemento que se aproximou das manifestações e passa a ser identificado como uma empresa, que executa um novo modelo de negócio: “partem da inovação tecnológica e jurídica realizada pelo Software Livre que, quando transportados para o campo da cultura, criam uma produção com a ausência ou flexibilidade do direito autoral, permitindo assim novas formas de geração de valor”.

---

<sup>49</sup> Sobre esse episódio, no decorrer do debate, Lenissa Lenza, integrante do *Fora do Eixo*, reproduz nos comentários do site do Passa Palavra a resposta dada por Pablo Capilé na lista da marcha: “Fabricio, Só entrei pra dizer que esse papo de patrocínio da Coca Cola é uma grandessíssima de uma mentira inventada. O contexto do papo avaliava patrocínios de festivais de música no Brasil. E o que foi colocado era que no meu ponto de vista não havia muita diferença entre ser funcionário dos Frias e um festival captar um patrocínio da Coca-Cola. Em nenhum momento falamos de Coca Cola na marcha da liberdade! Sem falar que nenhum dos autores do artigo estavam presentes no papo, pegaram a info via “telefone sem fio”, repassada por terceiros. abs!”.

Oona Castro, da Fundação Getúlio Vargas<sup>50</sup>, explica que o modelo, chamado de *open business*, é baseado em algum tipo de *commons*. Trata-se de um modelo de negócio sustentável, sem geração de receita pelos direitos de propriedade intelectual ou por direitos autorais.

A liberação do uso de uma obra pode se dar pela utilização de um instrumento legal como a licença *Creative Commons* ou por uma situação social, em que a ausência de estruturas de propriedade intelectual gera, na prática, o compartilhamento de conteúdo.

Em geral, as principais características de modelos de negócios abertos são a sustentabilidade econômica; flexibilização dos direitos de propriedade intelectual; horizontalização da cadeia de valor; ampliação do acesso à cultura; e contribuição da tecnologia para ampliação desse acesso<sup>51</sup>.

Transpondo o modelo para a prática, temos, na tradução do Passa Palavra:

É a transformação de um modelo de negócios de um mercado monopolista em concorrencial, ou seja, dada a natureza não rival do bem digital e a cópia a custo próximo de zero, o lucro passa a depender da produção material (camisetas, adesivos etc.) e, principalmente, dos shows; caminha-se assim da renda para os serviços.

Na versão dos autores, isso significa uma ameaça para as transnacionais da cultura e os oligopólios culturais regionais, que deixam de fazer a intermediação entre o mercado e o consumidor, o que significa também ameaçar a extração de lucro por renda. E é nesse sentido que o Passa Palavra faz sua crítica mais contundente: como o negócio do *Fora do Eixo* está na comercialização de seus serviços, seria essa a razão pela qual o coletivo se opõe à figura dos intermediadores. Ou seja: a intenção do coletivo é mercadológica.

Demonstrando que o coletivo é só mais um tipo de negócio, talvez um novo negócio, mas nada que exclua o caráter empresarial do grupo, o Passa Palavra desloca o discurso político do *Fora do Eixo*, situando-o no campo contrário ao da

<sup>50</sup> Ela participou de um projeto de observação e mapeamento de *open business* no Brasil, coordenado pelo Centro de Tecnologia e Sociedade Fundação Getúlio Vargas Direito Rio, juntamente com o Overmundo. O projeto foi realizado em conjunto com a Inglaterra e a África do Sul. No Brasil, resultou no livro “Tecnobrega: o Pará reinventando o negócio da música”, escrito por Ronaldo Lemos et al. Mais informações sobre *open business* podem ser encontradas em :<<http://openbusiness.cc/>>.

<sup>51</sup> A pesquisadora cita o Espaço Cubo, em Mato Grosso como expressão de modelo aberto no Brasil. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/cultura-livre-negocios-abertos>>.

esquerda anticapitalista: o mesmo campo dos patrões e empresários, em oposição à classe trabalhadora.

Nesse processo, os autores relacionam a ideologia da cultura livre às práticas mercadológicas do Fora do Eixo, pois argumentam que a ideia de flexibilização da propriedade intelectual associada à concorrência do livre mercado estimula a criação e democratiza a informação. Dessa forma,

[...] quanto maior a flexibilização da propriedade intelectual, maior a produtividade dos trabalhadores e, por isso, maior a produção de riqueza a ser apropriada e transformada em mercadoria. Em síntese, a cultura livre é a própria regra do jogo do capitalismo, a apropriação de algo que a classe capitalista não produz.

Para dar mais força ao argumento, afirmam que os artistas do catálogo do coletivo representam um nicho de mercado em crescimento e, como em qualquer outro, corre o risco de estagnar-se, embora este seja consumido como uma novidade, como “o diferente”. Desse modo, a mudança do coletivo para São Paulo significaria a expansão do mercado, “divulgando a marca ‘Fora do Eixo’ em mobilizações de jovens com o perfil consumidor de seus produtos”.

É assim que o *Fora do Eixo* se apropria das manifestações sociais. E como faz isso? De acordo com o Passa Palavra, “eles se apropriam da comunicação para se projetarem, capturar o ‘status’ de organizadores e depois capitalizar esse público em seu circuito comercial.” Dessa maneira, “nos limites da renovação e modernização das elites, com esta ‘geração em rede’ mascara-se o conteúdo político das ações de um setor ascendente de uma classe dominante para evitar que se perceba isto que é e jamais poderá deixar de ser um confronto político”.

Em concordância com a tradução feita pelo Passa Palavra, encontramos diversos posicionamentos nos comentários do artigo. Transcrevemos apenas alguns que, ao reforçar essa tradução do *Fora do Eixo*, acrescentam outros questionamentos ou algum aspecto que não foi mencionado no texto inicial.

É assim quando Irlan aponta o papel do Estado em uma sociedade capitalista:

E desde quando nunca se tentou “economia solidária” ou processos colaborativos de produção econômica? Em toda história da humanidade tentaram experiências parecidas. Não deu certo porque existe uma estrutura imensa chamada ESTADO. Essa estrutura imensa considera todo o território ao seu redor parte do seu controle. O ESTADO, nos marcos do

capitalismo, o sistema político-econômico no qual estamos inseridos, é controlado pela burguesia, e fim! Não tem muito o quê explicar além disso (Irlan, em 18 de junho de 2011, 01:44).

Ou quando outros dois participantes destacam a apropriação das novas tecnologias pelo mercado:

Sempre foi uma preocupação, para mim, essa noção de que as novas tecnologias (ainda que abertas etc.), sem um projeto político-ideológico que as levasse para algum lugar, seriam prontamente apropriadas pelo mercado. Da mesma maneira que diversos setores alternativos e o discurso ecológico o foram...

Hoje o que caracteriza, em grande medida, os processos de *open source* [código aberto] etc. não é mais do que uma forma alternativa para se buscar o mercado. Com um discurso mais modernizado, é verdade. E independente do discurso de “organização horizontal”, “rizomática”, ou qualquer coisa que o valha, isso está sendo feito em proveito do capitalismo (Felipe C., em 18 de junho de 2011, 03:14)<sup>52</sup>.

Durante toda a história da luta anticapitalista buscou-se inverter a lógica das coisas. O que sempre aconteceu é de as tecnologias criadas pelos trabalhadores (e aqui se fala em tecnologia no sentido mais amplo, incluindo as formas organizativas e não só os artefatos) serem assimiladas pelos padrões. Essa assimilação que, de início, parecia uma vitória porque melhorava significativamente as condições de trabalho, permitiu ao capitalismo recuperar a sua legitimidade e as taxas de lucro e significava, no tempo, a derrota de toda uma geração. Outra geração surgia, e mais uma vez essa dinâmica se iniciava. E mais uma assimilação acontecia (dancaribe, em 20 de junho de 2011, 15:48).

O primeiro comentário favorável ao *Fora do Eixo* aparece no debate do site somente no terceiro dia após a veiculação do artigo:

Temos várias manifestações ocorrendo pelo mundo de forma espontânea, não tendo muitas destas uma bandeira clara, mesmo assim as ruas têm sido ocupadas por milhões de pessoas. Mas uma coisa é certa, queremos descentralizar o poder, que historicamente sempre ficou na mão de poucos. A procura pela democracia REAL de fato. E fome de mudanças rápidas por sinal (Dom, em 20 de junho de 2011, 07:32).

Defendendo a cultura digital, o participante ressalta a capacidade de articulação do coletivo e a rede colaborativa de trabalho constituída, o que confere ao grupo poder para mobilizar e encarregar-se da comunicação das manifestações,

<sup>52</sup> O leitor se identifica como um integrante da geração que se formou no contexto das mobilizações de “resistência global” no Brasil, meio no qual, segundo ele, muito dessa discussão de tecnologias alternativas surgiu. Quando o livro *Movimentos em Marcha* (2013) foi publicado, um dos textos selecionados foi o comentário de Felipe C. Só então soubemos que ele é Felipe Corrêa, editor e pesquisador, militante da Organização Anarquista Socialismo Libertário (OASL), com mestrado no programa de Participação Política e Mudança Social da Universidade de São Paulo.

pois tem “um centro multimídia bem formado por jornalistas, *videomakers*, designers, publicitários, editores etc.” Ao que outro participante contra-argumenta:

Não precisamos de uma agência de publicidade ou uma assessoria de comunicação ou uma gestão, precisamos, ao contrário, que no meio da luta a publicidade, a comunicação em si, a gestão e outras técnicas e “ciências” criadas por e para o capitalismo sejam superadas, ressignificadas, disseminadas, socializadas (**dancaribe em 20 de junho de 2011, 15:48**).

#### 4.1.2 A esquerda nos eixos

A controvérsia se polariza e ganha corpo quando Ivana Bentes<sup>53</sup> escreve um artigo em resposta ao Passa Palavra, intitulado “A esquerda nos eixos e o novo ativismo”. O texto é postado pela autora no blog Trezentos e nos comentários do site do Passa Palavra, em 22 de junho de 2011. Nele, Bentes define o *Fora do Eixo* como “um dos mais potentes laboratórios de experimentações das novas dinâmicas do trabalho e das subjetividades. Que tem como base: autonomia, liberdade e um novo ‘comunismo’”. Esse novo comunismo é percebido pela autora nas práticas do grupo de “construção de comum e comunidades, com caixas coletivos, moedas coletivas, redes integradas, economia viva e mercados solidários” e na “politização do cotidiano”. Por isso, o *Fora do Eixo*

não é o “inimigo” a combater, estão forjando as novas armas para os movimentos em fluxo, então criando redes, fazendo midiativismo, estão relendo e reinventando, de forma empírica e genial, dinâmicas e processos decisivos dos embates políticos: situacionismo, Maio de 68, experiências de Seattle, hackerativismo, cultura livre, estão na deriva e na luta. A “geração em rede” não mascara nenhum tipo de “conteúdo político oculto e perigoso” que precisa ser desmascarado, ela é o novo conteúdo e linguagem política, ela encarna as novas lutas e está inventando futuros alternativos.

Em contraste ao entendimento do Passa Palavra de que o modelo de negócio do *Fora do Eixo* é mais um empreendimento capitalista, Bentes situa as práticas do *Fora do Eixo* no campo das “revoluções do capitalismo”, dentro “do” capitalismo.

<sup>53</sup> Ivana Bentes é professora da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e à época da divulgação do artigo exercia seu segundo mandato como diretora da ECO. Também foi gestora do Pontão da ECO, ponto de cultura digital da Escola. O artigo foi veiculado inicialmente no blog do coletivo Trezentos, em 22 de junho de 2011 e está disponível em: <<http://www.trezentos.blog.br/?p=6056>>.

Para ela, há uma nova dinâmica social que vem “criando experiências e conceitos que explodem o arsenal de teorias maniqueístas fordistas de uma esquerda pautada pelo capitalismo do século XX”. A autora refere-se aqui ao “capitalismo cognitivo (pós-fordista, da informação ou cultural)”, conceito anteriormente defendido por ela em outro artigo, ao abordar a produção estética. Recorrendo a Negri e Hardt,<sup>54</sup> ela afirma:

Podemos dizer que a “chamada” economia “material” depende cada vez mais dos elementos “imateriais” [...] que a ela se agregam e a qualificam: ou seja, da produção de conteúdos simbólicos, afetivos, linguísticos, estéticos, educacionais etc. Nesse sentido, a “duração” dos ciclos de crescimento no capitalismo está cada vez mais ligada ao fato da produção cultural e estética tornar-se (ou não) a própria base de sustentação da mobilização produtiva. Eis, portanto, toda a dimensão da cultura/estética como componente estratégico do desenvolvimento capitalista (BENTES, 2007, p. 2).

Ela cita “O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia”, de Deleuze e Guattari, como marco da discussão que vem ocorrendo sobre essas revoluções do capitalismo e ampara-se, novamente, nas análises de Negri a respeito das mutações do capitalismo para dizer do medo que a esquerda clássica tem diante das novas dinâmicas que estão sendo gestadas e experimentadas. O medo, segundo Bentes, deixa claro “quem” fala e de “onde” fala o Passa Palavra, ao afirmar que “é praticamente impossível para um observador desatento ou viciado nas velhas estruturas identificar e combater o novo sujeito formado por este coletivo (ou rede)”<sup>55</sup>.

Ainda sobre a crise do capitalismo, Bentes entende que sua desestruturação tem como horizonte a universalização dos meios de produção e infraestrutura pública, a constituição de novos circuitos e mercados e a emergência de uma intelectualidade de massa, com a possibilidade de apropriação tecnológica por diferentes grupos: “não mais o ‘proletariado’, mas o ‘cognitariado’”.

Ela vê crise e paradoxo onde o próprio crescimento gera e multiplica precariedade, mas também enxerga novas dinâmicas e modelos. “O capitalismo da ‘abundância’ produz crise ao entrar no horizonte da gratuidade / compartilhamento /

<sup>54</sup> A autora refere-se aos livros Império e Multidão de Michael Hardt e Antonio Negri, editados no Brasil em 2001 e 2005, respectivamente.

<sup>55</sup> Frase retirada do artigo “A esquerda fora do eixo”, do Passa Palavra.

colaboração com uma mutação da própria ideia de ‘propriedade’ (ver a crise do Direito Autoral).”

Diferentemente do Passa Palavra, ao referir-se à participação do coletivo nas mobilizações do primeiro semestre de 2011, Bentes afirma:

O Fora do Eixo está apontando para as novas formas de lutas, novas estratégias e ferramentas, que inclui inclusive PAUTAR AS POLÍTICAS PÚBLICAS, PAUTAR o Parlamento, PAUTAR A MÍDIA, Pautar a Globo, como as marchas conseguiram fazer! Ser bem sucedido aí, onde muitos fracassaram, é o que parece imperdoável [grifos da autora]!

Nesse sentido, o *Fora do Eixo* tem enorme potência para articular não apenas a classe média urbana, mas se articular com os pobres e precários das periferias e favelas, ao se conectarem a outras redes.

[...] a base de um novo ativismo contemporâneo, a da emergência do precariado<sup>56</sup> cognitivo, ou cultural, ou seja, da explosão e da percepção que o sistema trabalhista fordista e previdenciário clássicos não dão mais conta da dinâmica de ocupações “livres” (mesmo que frágeis e sem segurança) no capitalismo da informação.

Consonante com a posição de Bentes, Alexandre Youssef já havia traduzido as práticas do Fora do Eixo em reportagem da revista Trip<sup>57</sup>. No artigo “O partido pós-rancor”, Youssef comenta a descrença da juventude na política institucional e sua dificuldade em se mobilizar em quadros tão engessados. Mas, diz ele, em contraposição a essa lógica, alguns movimentos culturais ganharam força: “a dobradinha poderosa de cultura e internet abriu um flanco que revigorou a capacidade de aglutinação e envolvimento da juventude em causas culturais”.

Como exemplo dessas novas organizações que vem chamando a atenção de vários setores sociais, Youssef cita os movimentos de arte urbana e cultura de rua, o hip hop, o funk carioca, o tecnobrega do Pará, os novos blocos carnavalescos e, dentre eles, o *Fora do Eixo*, assim traduzido:

<sup>56</sup> Segundo Bentes, “o novo produtor de cultura das favelas e periferias faz parte de um precariado global, são os produtores sem salário nem emprego. São os trabalhadores do imaterial.” (2007, p. 55).

<sup>57</sup> Youssef foi fundador do site Overmundo [<<http://www.overmundo.com.br>>] junto com Hermano Viana e Ronaldo Lemos. À época da veiculação do artigo e da declaração para a Revista Trip era proprietário do Studio São Paulo, casa de show parceira do Fora do Eixo na cidade.

[...] quando nos aproximamos podemos ver algo diferente, muito poderoso, e com um potencial impressionante, especialmente pela sua capilaridade capaz de gerar contato com todos os setores listados acima. Imaginem um liquidificador em que se possa colocar as ramificações da esquerda, com estratégias e lógicas de mercado das agências de publicidade, misturando rock, rap, artes visuais, teatro, um bando de sonhadores e outro de pragmáticos, o artista, o produtor, o empresário e o público. Tudo junto e misturado. O caldo dessa batida é uma nova tecnologia de participação e engajamento que funciona de forma exemplar para a circulação e produção musical, mas que acima de tudo é um grande projeto de formação política.

O Fora do Eixo cria, portanto, uma geração que se utiliza sem a menor preocupação ideológica de aspectos positivos da organização dos movimentos de esquerda e de ações de marketing típicas dos liberais. É, como disse o teórico da contracultura Cláudio Prado, a construção da geração pós-rancor, que não fica presa a questões filosóficas e mergulha radicalmente na utilização da cultura digital para fazer o que tem que ser feito (YOUSSEF, 2011)

O posicionamento de Youssef foi também citado no artigo “A esquerda fora do eixo”, do Passa Palavra, e utilizado como argumento pelos autores para desqualificar o *Fora do Eixo*. A referência à “geração pós-rancor” conduziu o debate do site do Passa Palavra para um enfrentamento entre gerações, o que provoca a participação de Cláudio Prado<sup>58</sup> na discussão para opinar e definir como rancor a “indignação equivocada das esquerdas [...] diante do sucesso evidente do que está acontecendo no mundo das marchas, mais um sinal de resistência conservadora do século. [...] O mais grave é ver meninos gritando palavras de ordem do século 19.” Para ele, o rancor nasce da consciência das tiranias, da indignação, mesclado com o fundamentalismo que transformou sistematicamente as grandes ideias em dogmas.

Em contraposição a esse posicionamento rancoroso, ele cita o tropicalismo, o movimento hippie, o movimento ecológico, movimentos pelas liberdades sexuais, das drogas, da questão feminina (e não feminista), dentre outros, colocando o *Fora do Eixo* nessa mesma posição.

Vários comentários dos participantes dizem respeito ao rancor. Eis alguns deles:

Esse site ainda está na fase do rancor, da luta de classes, do marxismo, dessas caretices todas... Não percebe que o mundo mudou, e está mudando cada vez mais alucinadamente! Nunca vai admitir que tem

---

<sup>58</sup> Produtor cultural e ex-empresário dos Mutantes e dos Novos Baianos nos anos 70, Cláudio Prado se autodenomina um “hippie digital”, teórico da contracultura e da cultura digital. Foi coordenador da ação de Cultura Digital da Secretaria de Programas e Projetos do Ministério da Cultura entre 2004 e 2008, durante a gestão Gilberto Gil/Juca Ferreira.

um pessoal mais conectado com as novidades, que já transcendeu essa caretece toda, faz muito tempo! Por que tanto medo de disputar pela internet os corpos, os corações, as mentes, os mercados? **(Júh 2.0, em 20 de junho de 2011, 23:51).**

Agora mais essa de pós-rancor. [...] ontem era a pombinha do sou da paz, agora é a teclinha do pós-rancor. Aperte essa tecla e sorria! [...] A paz e o pós-rancor deles acaba rapidinho no primeiro Perdeu Playboy! Que eles tomam na orelha. Aí reaparece o rancor e eles pedem mais polícia pra cima de nós! **(Nêgo Bang em 21 de junho de 2011, 15:46).**

Aos defensores do pós-rancor eu digo: é fácil não ter rancor sendo rico, bem alimentado, tendo um bom emprego, morando numa casa boa, estudando em boas escolas [...] **(mauricio, em 22 de junho de 2011, 17:22).**

Me incomoda profundamente a expressão pós-rancor, lembra a expressão “transição pacífica”, que é usada basicamente pela centro-direita brasileira **(Roberta, em 22 de junho de 2011, 21:06).**

Temos é que assumir nosso rancor!!!! Rancor é muito diferente de ressentimento. Temos é que tornar esse rancor produtivo, torná-lo movimento, articulando diferentes setores da sociedade como gado, ... [...] Temos que ser contra muita coisa sim, ter rancor de pagar uma passagem cara pra ser tratado como gado, ter rancor de tomar tapa na cara de policial, ter rancor de um estado que sempre beneficia grandes empresários em prejuízo da população, como no caso de Belo Monte... **(Pajeu Belo Monte, em 22 de junho de 2011, 23:08).**

Convido a esses expoentes da classe média “sem rancor” a pegarem um trem do ramal Japeri, às 7h da manhã na cidade do Rio de Janeiro para verificarem “empiricamente” a presença da exploração e da precarização do trabalho e dos direitos básicos do trabalhador, típicos de século XIX **(Rafael V., em 27 de junho de 2011, 19:58).**

A denominação de “esquerda pós-fordista” atribuída por Ivana Bentes ao Fora do Eixo abre outra frente no debate, com tentativas de definir de qual esquerda está se falando. É assim que encontramos a definição em um e-mail que circulou na lista da Marcha da Liberdade e foi reproduzido nos comentários do artigo do Passa Palavra. O autor explica que a esquerda é constituída por indivíduos e grupo que têm um projeto de luta contra o capitalismo, seja ele qual for.

Há várias esquerdas, mas didaticamente é possível dividir em dois ramos: a esquerda que acha que a transformação ocorrerá pela tomada (violenta ou via eleitoral) do poder do Estado e a esquerda que acha que isso se dá pela construção do poder popular, pelo trabalho de base.

Os pós-modernos que dizem que, nos tempos atuais, não há como dividir o mundo entre direita e esquerda, na minha opinião, mesmo que inconscientemente, agem pela manutenção do capitalismo. Ser contra o capitalismo e agir de forma organizada para a superação do capitalismo é ser, pura e simplesmente, de esquerda **(João, em 24 de junho de 2011, 00:00).**

Outro debatedor, pensando politicamente em termos de correlação de forças, questiona o quê essa “nova esquerda” tem a oferecer para o modelo capitalista em que vivemos. Com a ressalva, “se é que ela é esquerda, pois para mim já se caracteriza como de direita”, ele mesmo responde: “Obviamente nada. O projeto não acumula força e foca-se em setores que nem sequer são aqueles que têm sofrido realmente os efeitos do capitalismo” **(Felipe C., em 18 de junho de 2011, 03:14, no site do Passa Palavra).**

Considerando a proposta do Fora do Eixo como o melhor caminho para uma saída honrosa dos movimentos sociais rumo ao século XXI, Claudio Prado discorda dessas posições, afirmando que o coletivo não é de esquerda nem de direita e fecha o diálogo com aqueles que pensam diferente.

A grande maioria das pessoas da esquerda e da direita realmente acham que esta polarização define a humanidade, são adeptos conscientes ou inconscientes da Teoria do Fim do Mundo, na qual o Mercado as engole fatal e definitivamente. E contra o qual (Mercado) vocês têm que lutar estoicamente através dos tempos eternamente... [...] Em última instância, acho que o problema de vocês, das esquerdas, é este: O Fora do Eixo não é de esquerda. Para vocês, conseqüentemente seria de direita. E, assim sendo, a discussão está encerrada... não vale a pena...[...]. **(Cláudio Prado, em 21 de junho de 2011, 14h36, no site do Passa Palavra)**

Com o mesmo argumento, André Azevedo Fonseca<sup>59</sup> critica o texto do Passa Palavra, argumentando que ele se prende às noções tradicionais da política e da disputa por poder em instâncias partidárias, tornando-se refém das dicotomias ideológicas do século XX. E indaga: “esquerda?” “liberal?”. Azevedo relaciona o Passa Palavra a projetos políticos de parte significativa de ativistas da mesma geração dos autores do texto, considerada por ele uma visão tradicional, embora perfeitamente legítima, representada por organizações tais como a UNE (União Nacional dos Estudantes), a UJS (União da Juventude Socialista), dentre outras.

É visível que os autores [do texto “A esquerda Fora do Eixo”] ignoram a discussão sobre culturas híbridas de Canclini (as culturas “populares” são ressignificadas e se relacionam com o mercado com mais

---

<sup>59</sup> Professor e pesquisador no Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA) da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

naturalidade do que o purismo dos folcloristas gostaria de ver em suas realizações) e Martín-Barbero (que mostra as tramas de cumplicidade entre discursos hegemônicos e subalternos e critica o esquematismo dos frankfurtianos, inadequados para as realidades da América Latina). E mesmo Maffesoli, que ao contrário de Bourdieu [...], evidencia a importância do componente lúdico e mítico nas novas configurações políticas expressas pelas tribos urbanas. (O FdE tem algumas características da tribo maffesoliana, mas tampouco se enquadra por completo no conceito) **(André Azevedo da Fonseca, reproduzido nos comentários do site do Passa Palavra, em 26 de junho de 2011, 15:03, por Jorge Iuri SP)**

Foram muitos os comentários contrários aos argumentos defendidos por Bentes. A seleção abaixo teve como critério a não repetição dos contra-argumentos. Assim, alguns acreditam que os argumentos de Bentes ratificam a posição do Passa Palavra:

Está aí, claramente exposta, a tentativa dos novos gestores em criar condições para assimilar as lutas em favor de novos patamares de produtividade capitalista, reforçando a precariedade da vida da atual classe trabalhadora. Proporcionar alianças de classes, “pautar” as instituições de dominação e exploração, criar mercados “solidários” e “novas” moedas, etc. Esse é o objetivo desses novos gestores. Tentar enquadrar as lutas e manter a revolta dentro da ordem capitalista **(Tales Pinto, em 22 de junho de 2011, 17:21)**.

Outros concordam com a autora ao admitir a existência de *hackers* do capitalismo, mas consideram que seus melhores representantes não são o *Fora do Eixo*, citando o *indymedia*, as rádios livres ou ainda os *hackers* do Wikileaks como exemplos mais acertados desse movimento.

Existem sim grupos que estão hackeando as estruturas capitalistas, se apropriando de tecnologias em busca de uma superação do capitalismo.

Mas é importante lembrar que o contrário também ocorre frequentemente (e esse é o caso presente): o fluxo capitalista hackeando grupos através de uma retórica puramente estética, onde celebram-se discursos sobre horizontalidade e auto-organização, mas na prática há apenas uma postura que visa o lucro, o *mainstream*, os editais. As corporações e os estados ganham com as estatísticas de apoio cultural/social e com a construção de uma fachada descolada, que respeita o meio ambiente, que usa *software* construído colaborativamente etc.. Até a Globo.com tem se promovido nesse sentido (venha trabalhar conosco *hackers*, nós usamos software livre!!)

O capitalismo rizomático não irá libertar as populações indígenas ou os semi-escravos que exploram silício ou que produzem processadores no oriente. É nesse sentido que não podemos perder o mote anti-capitalista. Fiquemos atentos, pois a raiz aprendeu como se disfarçar de rizoma! **(Luther Blisset, em 22 de junho de 2011, 17:27)**.

Em artigo mais recente (2012), a Universidade Nômade Brasil posiciona-se contrariamente a Bentes no que se refere à afirmação de que o coletivo está hackeando as estruturas do capitalismo. Argumentando que, diferentemente do que ocorre com o *Fora do Eixo*, que se apropria daquilo que é produzido de modo colaborativo para extrair renda (na forma de um capital social), a ética hacker seria a da não-colaboração porque, nesse sentido, seria uma prática mais sabotadora e radical.

A colaboração entre os hackers se dá através da não-colaboração com práticas anti-democráticas, cada ato de desestabilização e/ou destruição feito pelos hackers é também um ato de cooperação, entre singularidades que se mantêm enquanto tais: o fazer-se da multidão!

A questão do trabalho imaterial também é discutida, como podemos observar no comentário abaixo.

[...] muitos teóricos já vem refletindo que o contexto de produção do capitalismo contemporâneo mudou. A questão da “produção imaterial” vem gerando formas de opressão que já não envolvem mais apenas o operariado clássico – aliás, vem criando maneiras de produzir que já não precisam mais incluir operários num quadro regular de trabalho. Isso cria uma situação em que as fronteiras entre classe média e baixa mudam muito, dependem muito mais do “saber” (o tal “know how”) do que propriamente de “títulos”.

Mas não quer dizer que essas fronteiras desapareceram! **(Arth, em 22 de junho de 2011, 19:14).**

Ivana Bentes volta a participar dos comentários no site do Passa Palavra no dia 23 de junho de 2011, quando reproduz um texto de Sandro Fornazari<sup>60</sup>, intitulado “Filosofia prática” para, segundo ela, deixar “claro que as marchas da liberdade, os Pontos de Cultura, o ativismo dos coletivos estão mais próximos da proposição (que vem com o Maio de 68!!!) da emergência das diferenças e minorias [...] do que do limitado conceito de ‘luta de classes’”.

No texto, Fornazari retoma o pensamento político de Deleuze e Guattari, afirmando que os autores defendem uma filosofia política centrada na análise do capitalismo e seus desenvolvimentos. No caso, o interesse dos autores por Marx “é a análise do capitalismo como sistema imanente que se reproduz sempre em escala crescente, incorporando inclusive as forças produtivas que se constituem,

<sup>60</sup> Professor adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

originalmente, a sua margem e, no mais das vezes, em resistência a ele”. Ele cita os novos conceitos criados pelos autores para pensar a singularidade da experiência política da Europa pós-68.

Entre eles, o conceito de linha de fuga (ao invés de contradição) para explicitar os movimentos constitutivos de cada sociedade para além dos regimes jurídicos e institucionais que visam à uniformização e o regramento da vida social.

Além disso, o conceito de classe dá lugar ao de minoria, que não se define pelo número, pois ela pode ser mais numerosa que uma maioria. A maioria se apresenta como um modelo que procura se impor como norma, enquanto a minoria é antes um processo que uma adequação ao mesmo (modelo); a minoria é um devir-outro, uma ruptura com o mesmo e uma abertura para o novo enquanto processo de criação **(Fornazari, reproduzido por Ivana Bentes, em 23 de junho de 2011, 3:18)**.

A discussão prossegue com a intervenção de Leo Vinicius<sup>61</sup>, que se diz surpreso com o uso do discurso teórico de Negri e outros que colocam a luta de classes como algo anacrônico.

Me surpreende a afirmação de que o conceito de luta de classes é limitado e no seu lugar se propõe falar de “minorias”, ou lutas de minorias. Conceitos não são neutros, e eles expressam objetivos, valores. Ora, o conceito de luta de classes expressa a visão de que existem exploradores e explorados, opressores e oprimidos. Há na sociedade quem manda e quem obedece. Ora, a propriedade privada é base disso na sociedade capitalista.

Para demonstrar a leitura equivocada de que os conceitos dele significariam um fim do proletariado, ou da luta de classes, Vinicius cita Negri:

Exploração deverá significar de fato, apropriação de uma parte ou de todo o valor que foi construído em comum. (Este “em comum” não quer dizer que, na produção, trabalhadores e patrões estejam juntos: absolutamente não! A luta de classe continua!). A emergência do comum que se dá no processo produtivo não elimina o antagonismo interno à produção, mas o desenvolve – imediatamente – no nível de toda a sociedade produtiva. Trabalhadores e capitalistas se chocam na produção social, porque os trabalhadores (a multidão) representam o comum (a cooperação), enquanto os capitalistas (o poder) representam as múltiplas mas sempre ferozes – vias de apropriação privada **(Vinicius, em 23 de junho de 2011, 4:35, citando NEGRI: 2001, pp. 266-267)**.

---

<sup>61</sup> Doutor em sociologia política, organizador dos livros Urgência das Ruas e Apocalipse Motorizado, além do relato A Guerra da Tarifa. Participou do Movimento Passe Livre. Informações disponíveis no livro Movimentos em Marcha (2013).

Em outras postagens nos comentários encontramos duas citações de Felix Guattari, com o mesmo propósito, ironicamente assinadas com o nome do autor:

Fomos levados, ao contrário de muitos intelectuais contemporâneos, a reafirmar, a relegitimar a validade das lutas sociais, das lutas de classe. Insisti muito nisso durante toda a viagem porque acho que temos de parar de pensar na relação entre a autonomia e as lutas sociais em grande escala em termos de uma lógica dualista, pois já estamos fartos de saber onde isso nos leva (**Em 24 de junho de 2011, 2:43, citando GUATTARI; ROLNICK: 1996, p. 292**).

E na sequência:

Sem dúvida este tipo de determinação continua existindo. É óbvio que os antagonismos sociais fundados nas relações estratégicas de força — relações de classe, de casta etc. — não desapareceram, e dependem de níveis específicos de análise e de referência. As abordagens a partir das contradições econômicas e sociais permanecem válidas (**Em 24 de junho de 2011, 2:59, citando GUATTARI; ROLNICK: 1996, pp. 140-141**).

#### 4.1.3 Capitalismo e cultura livre

O professor Pablo Ortellado<sup>62</sup> entra no debate para responder a algumas concepções do artigo “A esquerda fora do eixo” sobre a constituição do campo da cultura livre e da relação entre a contracultura e a luta social, reproduzindo um texto de sua autoria, sob o mesmo título utilizado nesta subseção<sup>63</sup>.

No que se refere à afirmação do Passa Palavra, de que a cultura livre é a própria regra do jogo capitalista, sugerindo que o processo de constituição dessa cultura foi movido pelo empresariado, ao apropriar-se de algo que não produz, Ortellado posiciona-se contra essa argumentação, alegando que ela deixa de ressaltar a agência do processo que descreve. Para ele, a plataforma da cultura livre nunca foi impulsionada por empresas e, sim, pela agência de ativistas que resistiram às indústrias culturais, como as do livro, da música e do audiovisual.

Ao contrário do que aponta o Passa Palavra, ao afirmar que houve uma aliança política em oposição às transnacionais e aos oligopólios regionais da cultura

<sup>62</sup> Ativista e professor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.

<sup>63</sup> Também disponível em: <<http://www.gpopai.org/ortellado/2011/06/capitalismo-e-cultura-livre/>>.

sem que houvesse uma reflexão crítica sobre o que viria em seu lugar, Ortellado assegura:

A discussão sobre as implicações políticas desta aliança anti-velha-indústria e de como lutar para que o processo de transformação em curso se oriente mais para a desmercantilização da cultura e menos para a modernização da indústria por meio de novos modelos de negócio foi o cerne dos debates de toda a esquerda que esteve envolvida no campo da cultura livre (**Pablo Ortellado, em 23 de junho de 2011, 21:45**).

Outro aspecto comentado por Ortellado é a leitura classista da luta pela cultura livre. Nesse ponto, ele concorda com o Passa Palavra, ao entender que a estrutura da sociedade capitalista fordista está constituída por três classes: a de proprietários, a de gestores profissionais e a de trabalhadores. Alicerçada na propriedade privada e no trabalho assalariado, o elemento chave dessa estrutura “era que a organização fordista separava a concepção da execução do trabalho e limitava o acesso às funções de concepção por meio do monopólio profissional”.

No entanto, o autor adverte que essa estrutura está mudando, embora para ele ainda não tenha linhas gerais completamente claras. Ortellado indaga sobre o impacto dessas mudanças no âmbito do trabalho e reconhece que ainda não encontra respostas satisfatórias. Porém, ele aponta para a necessidade de se “olhar para este mundo que se transforma e não para o mundo fordista que, aos poucos, desaparece”.

Para Ortellado, a emergência da contracultura, as novas demandas sociais e a “culturização” da luta social estão ligadas ao processo de transformações na estrutura de classes e na natureza do trabalho. “A drástica ampliação do ensino superior e a massificação das tecnologias de informação e comunicação ‘culturalizaram’ as ‘camadas médias urbanas’, o que repercutiu na forma de expressão das suas lutas, inclusive quando tiveram orientação anticapitalista”. O crescimento de mobilizações com essas características, como a Marcha da Liberdade a que se refere o Passa Palavra, é, para ele, uma tendência marcante.

O autor deixa um alerta para que os antagonistas do sistema capitalista voltem seu olhar para essa novidade, argumentando que

Nos anos 1860, Karl Marx vivia num mundo predominantemente agrário, cuja maior parte da classe trabalhadora era camponesa. Ele não teorizou sobre a luta no campo, mas sobre o incipiente mundo industrial. Acho que ainda é a atitude adequada a seguir **(Pablo Ortellado, em 23 de junho de 2011, 21:45)**.

#### 4.1.4 Nem eixo nem seixo

Outra contribuição para o debate é o artigo cujo título é o mesmo desta subseção, escrito por Henrique Parra e Gavin Adams<sup>64</sup>, indicado e reproduzido em inúmeros sítios da internet que seguiam a discussão. Considerando que o debate se constrói em torno das formas de organização social e da ação política presente nas últimas manifestações, os autores entendem que

[...] as questões colocadas pelo debate indicam que tanto a reflexão teórica quanto a prática política compartilham um limite comum frente às urgências que têm aflorado o real. Como resultado, na ausência de condições (tanto teóricas como políticas) para que as análises deem conta da complexidade do problema, as ferramentas analíticas parece que se tornam prisioneiras dos projetos políticos dos sujeitos que estão enunciando e problematizando os ‘fatos’ **(Parra e Adams em 26 de junho de 2011, blog Trezentos)**.

Segundo eles, tanto a análise do Passa Palavra como a de Ivana Bentes estão atreladas a “uma vontade/desejo de fazer realizar um certo projeto político, seja a luta de classes em seu porvir revolucionário, seja a multiplicidade sem totalidade de devires de resistência criativa”. Dessa maneira, os autores passam a traduzir a análise de ambos artigos.

No artigo “A esquerda fora do eixo”, Parra e Adams entendem que

no sistema analítico mobilizado pelo Passa Palavra, a forma e a dinâmica do conflito e de seus sujeitos já está dada a priori. A análise não abre mão da economia como gerador de protagonismos sociais, e já se sabe qual é a luta relevante a esse tipo de análise e onde se deseja chegar, faltando apenas encontrar ou produzir tais sujeitos (classes populares? Novo operariado?) para que a luta aconteça na direção esperada.

Por outro lado, no artigo de Ivana Bentes,

---

<sup>64</sup> Henrique Parra é professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo e Gavin Adams é artista e pesquisador, com atuação junto a vários coletivos de São Paulo.

sabe-se quem são os sujeitos políticos, sabe-se quais são suas formas de ação (a resistência pela multiplicidade, a luta das minoridades – que não se confunde com as minorias...) sendo necessário produzir e dar forma à sua luta política (não representativa, não unitária, não totalitária).

Com base nesses argumentos, os autores constatam a necessidade de mais estudos que possam embasar as análises da problemática colocada em questão, duvidando que os problemas enunciados pelo debate tenham respostas fáceis ou prontas.

#### 4.1.5 Sair dos eixos à esquerda

A tradução de Bruno Cava<sup>65</sup> sobre o debate parte do que ele chama de “algo crucial: *como* organizar-se politicamente, *como* mobilizar-se de modo expansivo, *como* fazer a luta de maneira coordenada, potente e eficaz?” [grifos do autor]. Em uma série de três artigos<sup>66</sup>, Cava se propõe a “pensar ao contrário”, repassando e problematizando os principais textos produzidos sobre o assunto: A esquerda fora do eixo e quatro artigos Domingo na Marcha, do Passa Palavra, além do artigo A esquerda nos eixos e o novo ativismo, de Ivana Bentes.

Referindo-se ao primeiro artigo, o articulista considera pertinente algumas preocupações manifestadas pelo Passa Palavra. É assim quando se manifestam criticamente a respeito da burocratização e aparelhamento dos movimentos sociais que, dessa forma, se reinscrevem no sistema de controle e exploração capitalistas.

Cava também concorda com a preocupação crítica do Passa Palavra ante os riscos de cooptação de ONGs, coletivos e movimentos, quando estes se aproximam demais do estado ou aliam-se a empresas. “Com muita razão, toda nova forma de organizar e resistir está exposta ao capitalismo. O modo de produção dominante e

---

<sup>65</sup> É midialivrista, militante da Rede Universidade Nômade e mantém o blog autoral Quadrado dos Loucos desde 2009. Em 2008 publicou o livro “A vida dos direitos: ensaio sobre modernidade e violência”.

<sup>66</sup> Sair dos eixos à esquerda (1). Disponível em: <<http://www.quadradosloucos.com.br/1612/sair-dos-eixos-a-esquerda-1/>>; Pós-modismo pós-festivo (2). Disponível em: <<http://www.quadradosloucos.com.br/1644/pos-modismo-pos-festivo-2/>>; Dormindo na marcha (3). Disponível em: <<http://www.quadradosloucos.com.br/1691/dormindo-na-marcha-3/>>.

global não cessa de identificar essas novidades e passará a tentar reapropriar-se das dinâmicas” (**Cava, em 29 de junho de 2011, em Quadrado dos Loucos**).

Assim como o Passa Palavra, o autor reconhece a ambiguidade dos movimentos 2.0, porém, segundo ele, isso não justifica sua desqualificação como “genéricos”, “vagos”, “vendidos”, “desviantes”. Para Cava, “incomoda naquele artigo o apelo à tradição da “esquerda em geral”, o que me parece um argumento de autoridade. Aborrece a insinuação que tais lutas, talvez por contarem com “setores da classe-média”, estariam desviando-se da *linha justa*”.

Ao referir-se ao *Fora do Eixo*, Cava situa o coletivo no mesmo grupo dos movimentos de composição nova que resistem, o que também significa, segundo ele, “autocrítica”, “esquiva”, “reinvenção”, “reconstituição”. E adverte: “[...] se eles [os movimentos] terminarem capturados pelo capitalismo, terá sido a gente, a esquerda, que os perdemos, quero dizer *nós teremos perdido*. Mas não perdemos porque a luta continua com eles, através deles e neles”.

Sobre o texto de Ivana Bentes, o autor escreve outro artigo, intitulado “Pós-modernismo pós-festivo”, veiculado em 3 de julho de 2011, no qual considera que não cabe ao texto a acusação de pós-modernismo débil, esvaziado de lutas concretas.

No tom glauberiano, o texto de Ivana Bentes responde ao coletivo Passa Palavra no nível da linguagem. Exprime poeticamente que a história das lutas não passa pela *linha justa*, por alguma dogmática unicamente didática. Mas por uma narrativa esburacada, multidimensional, cheia de fios soltos e coisas inacabadas – uma narrativa que se debate com a linguagem mesma, atrás de uma alternativa ética e política, simultaneamente.

Argumentando que a teoria pode ajudar a derrubar os muros que separam as práticas e, por sua vez, a prática pode ajudar a derrubar os que separam as teorias, o autor defende novamente que as esquerdas devem renovar os modos de lutar, reinventando a roda da resistência. Nisso, Cava coincide com Bentes, entendendo que os movimentos mais radicais serão aqueles que souberem inventar e reinventar outras formas de organização transversal, em rede.

Chegamos então ao coletivo *Fora do Eixo* e o autor afirma que o único aspecto a ressaltar na réplica de Ivana Bentes é o fato dela não haver avançado na crítica, “de modo mais esclarecedor e concreto”, sobre a práxis do coletivo.

O exame tem de ser caso a caso, mas esse coletivo está no cerne da questão, pelo vulto, simbolismo e referencial prático. Essa análise concreta deve servir não para incensar uns e desqualificar outros, como etiqueta, o que nada acrescenta a nada. E sim para encontrar o ponto em que a luta se concretiza e range, em que a exploração e a resistência se chocam. Para, a partir daí, desse antagonismo crítico e premente, adotar estratégias que fortaleçam o sentido da libertação.

#### 4.1.6 A esquerda sem fantasias

Em um pequeno texto, intitulado “A esquerda sem fantasias: justiça e solidariedade”, Alexandre Abdo<sup>67</sup> afirma que “a esquerda, qualquer que seja sua versão, não escapa de erguer-se sobre duas bases: justiça e solidariedade. Justiça como ação do coletivo sobre o indivíduo. Solidariedade como ação do indivíduo sobre o coletivo”. Abdo argumenta que “somente na medida em que justiça e solidariedade operam juntas e em sinergia, por caminhos mais sacrificados, há potencial de transformação”. Nessa perspectiva separatista, continua ele, há riscos:

A realização da justiça parte de estruturas, sendo ação do coletivo. Quem observa por sua lente não foge às lutas classistas e não abre mão de operar sobre pautas de enfrentamento da estrutura vigente. Respectivamente, a realização da solidariedade parte de culturas, sendo ação do indivíduo. Quem observa por sua lente não foge às mobilizações inclusivas e não abre mão de operar sobre pautas de enfrentamento da cultura vigente. Assim orientados, cada qual teme perder sua coerência e mesmo sua posição no presente balanço, em movimento, das forças. Acuados pelos riscos que uma aproximação oferece, trocam acusações, à semelhança de um cachorro latindo para o espelho.

Inferimos então que essa tradução nos leva a identificar o posicionamento do Passa Palavra com a realização da justiça e o de Ivana Bentes com a realização da solidariedade. O autor salienta a necessidade de que ambos operem juntos, de forma complementar.

---

<sup>67</sup> Cientista molecular que desenvolve projetos de pesquisa em saúde pública na USP e na Fiocruz, Abdo Organiza cursos livres sobre colaboração, compartilhamento e o papel das tecnologias nas possibilidades de organização social (informação retirada do livro *Movimentos em Marcha*). Seu texto está disponível em: <<http://www.trezentos.blog.br/?p=6126>>

#### 4.1.7 O comum e a exploração 2.0

Seguindo a rede, encontramos o texto publicado no site da Universidade Nômade (Uninômade)<sup>68</sup> em 11 de fevereiro de 2012. No texto, além de compreender o *Fora do Eixo* como rede centralizadora de redes, a Uninômade entende que as práticas do coletivo se encaixam no “novo modelo de negócios que tenta rearticular o capital no campo dos comuns, para rearranjá-lo no interior mesmo de sua nova crise”. Traz ainda uma reflexão crítica e materialista sobre o uso do comum feito pelo *Fora do Eixo* e apresenta uma possível saída contra as tentativas de reestruturação do capitalismo.

Motivou o artigo o fato de o *Fora do Eixo* determinar, segundo a Uninômade, o calendário, a composição das mesas e a pauta do 3º Fórum de Mídias Livre. O texto explica que a decisão foi capitaneada pelo coletivo e os assuntos em questão pré-definidos por um círculo fechado, impedindo que a maioria dos midialivristas participasse da decisão.

A partir da descrição desse episódio, o artigo discorre sobre a desqualificação do dissenso e a verticalização na organização do Fórum, que “lembra não só a burocracia estatal, como também aparelhos meramente partidários, em que são camufladas a hierarquização e a fragmentação por meio da mística do consenso.” Diante disso, os autores do texto fazem diversos questionamentos, dentre eles o que está em jogo nesses consensos cada vez mais impermeáveis e institucionalizados e, principalmente, o que significa que as redes devem constituir-se em uma só rede, como menciona uma das mensagens dirigida a parceiros do *Fora do Eixo*.

Ao abordar expressões que se tornaram costumeiras, como “gestor de redes” e “redes em rede”, o texto destrincha a atuação em rede dos novos modelos de negócio de maneira muito próxima à leitura do *Passa Palavra*.

---

<sup>68</sup> Trata-se de “uma rede transnacional, que se compõe de militantes, intelectuais, artistas, grupos de pesquisa, coletivos, ativistas de cursinhos pré-vestibulares populares, blogues, e pontos em geral dispersos em redes sociais, produtivas e colaborativas. É também um *estilo de militância*, baseado nos conceitos de *multidão*, *enxame*, *êxodo* e *produção do comum*, que se organiza e nomadiza de um modo autônomo, independentemente de um centro orgânico, uma “sede” ou qualquer tipo de organização rígida de princípios, membros ou diretivas”. Disponível em: <<http://uninomade.net/caravana-nomade/>>.

Por gestão de redes se entende a atividade de ligar os pontos e trançar os fios do que passa a ser uma cadeia produtiva. O gestor opera como um agregador dos múltiplos nós produtivos da economia da cultura. Por um lado, gere o fluxo de equipamento e trabalhadores (gestão de eventos, carreiras, plataformas); por outro, o fluxo do dinheiro (editais, patrocínios, investimentos, lucros). [...] A marca, por sua vez, é construída como um modo de engajamento de seus trabalhadores, um jeito característico de trabalhar, vestir-se, negociar, em suma, uma ética e uma estética, uma forma de vida: um coletivo.

Baseado em técnicas de marketing, aplicam-se conceitos de *brand management*<sup>69</sup> e “o processo vai produzindo sinergia e se constituindo como mercado (cultura) flexível, eficiente, sinérgico, horizontal, em suma, livre como na expressão livre mercado”. Assim, o *Fora do Eixo* é situado na esteira desse modelo de negócio ensinado nos cursos de administração de empresas, contando com o que denominam de “gestores orgânicos”, dedicados 24 horas para a “causa”. Outro aspecto da organização do *Fora do Eixo* ressaltado no artigo e que coincide com a análise feita pelo Passa Palavra é a aplicação do modelo da Cauda Longa<sup>70</sup>, de Chris Andersen.

O texto da Uninômade considera insuficientes as críticas feitas ao coletivo. Considera também reacionário to argumento de que o *Fora do Eixo* depende de verbas estatais porque, além de os grupos hegemônicos também se beneficiarem com investimento público (e com montantes bem mais vultosos), “o Estado tem por função constitucional promover o acesso, a qualificação e a produção da cultura”.

No que se refere às avaliações acerca do posicionamento político do Fora do Eixo – principalmente a de que sua aparência esquerdista não passa de estratégia de marketing para cooptar o sentimento de revolta e insatisfação da juventude, ou a de que o coletivo banaliza as lutas sociais e marchas, esvaziando seu caráter conflitivo –, a Uninômade entende que esses argumentos “acabam reduzindo a crítica à denúncia do desvio entre teoria e prática”. E, nesse sentido, avaliam que é necessário avançar na análise dos conceitos que perpassam essas práticas, como a matriz da exploração no capitalismo cognitivo, ou de composição de classe de resistência.

<sup>69</sup> Também denominado *branding*, o *brand management*, conforme apontam Tybout e Calkins (2006), é uma atividade multidisciplinar que trata da construção e do fortalecimento de marcas ou de seu gerenciamento.

<sup>70</sup> Sobre o assunto ver *A esquerda fora do eixo*, disponível em: <<http://passapalavra.info/2011/06/41221>>.

Também são insuficientes as críticas sobre a não remuneração direta à maioria dos artistas que se apresentam em seus eventos e a de que o Fora do Eixo tem um comportamento predatório dos mercados. No primeiro caso, o contra-argumento é a própria concepção de cultura como cadeia produtiva: “a economia da cultura se faz com a cauda longa de produtores, trabalhadores e serviços agregados. Daí a menor importância conferida aos cachês, em relação à retroalimentação do processo como um todo”. Quanto à predação, o Uninômade insiste em que o “Fora do Eixo não esconde a sua estratégia de inserção e dominação dos mercados”.

É assim que a contribuição da Universidade Nômade no debate se insere, argumentando em favor da necessidade de se tratar de todas essas questões no contexto de luta contra o capitalismo, de antagonismo ao sistema vigente, pois sem isso as críticas não passam de simples denúncias, não permitindo avançar do ponto de vista crítico e materialista, como propugnam no texto.

Para ir além das denúncias, a Uninômade propõe que se adote a perspectiva do comum como outra gramática organizacional, fundada no antagonismo. Trata-se do comum,

não só como modalidade de convivência, cooperação e produção, mas também como base material para a auto-formação e auto-valorização a partir de formas de vida, da constituição antropofágica de perspectivas de mundos além do capitalismo. O comum está além do público-estatal e do privado, como esfera transversal onde cultura, economia e política se amalgamam gerando potências de vida: biopolítica e auto-valorização.

É sob essa perspectiva antagônica do comum que seria possível abordar e elaborar estratégias para os mais diferentes campos políticos. Mas não é um antagonismo ao capital para efetuar uma luta contra-hegemônica, esclarecem, é sim um antagonismo “enquanto relação social, dentro qual estamos todos, da mesma maneira que as relações de poder”

## 4.2 A POSIÇÃO DO FORA DO EIXO

O *Fora do Eixo* só se manifesta nos comentários do artigo do Passa Palavra após duas provocações feitas por outro participante, cujo nome oferece um link que

nos direciona para o site do jornal *online*, indicando assim sua ligação direta com os autores do texto. Diz ele: “Garanto que o pessoal criticado já leu e retuitou o artigo. Mas duvido que tenham algo a dizer além do que já foi dito” (**Manolo, em 18 de junho de 2011, 05:30**). A segunda postagem foi em tom aproximado, às 23h45 do mesmo dia.

Dois dias depois, Lenissa Lenza<sup>71</sup> escreve em nome do grupo, propõe um debate público com o Passa Palavra e solicita um contato ao mesmo tempo em que informa: “estamos compilando vários textos, artigos e estudos sobre o FdE pra colocarmos aqui pra avaliação dos que estão debatendo”. Esta sua primeira intervenção termina com um convite a todos para conhecer o coletivo visitando a Casa Fora do Eixo. “É só chegar”, diz ela informando o endereço da Casa. (**Lenissa Lenza, em 20 de junho de 2011, 22:30**).

Outras duas postagens de Lenissa, em 21 e 22 de junho, às 22:26 e 19:18, respectivamente, reiteram a proposta do debate, revelando não haver conseguido um contato com o coletivo, apesar da insistência. E

la então propõe que o Passa Palavra organize o debate: “Ao vivo é sempre bacana, tet-a-tet, com mediadores, pessoas perguntando, assistindo, o contraditório exposto diretamente. Isso não inviabiliza o debate em artigos, textos e respostas nos comentários, mas cria novas possibilidades de ampliação.” E provoca: “Alguma outra entidade ou pessoa aí que esteja dentro dos critérios/padrões aceitáveis pelo PASSA PALAVRA poderia puxar esse debate? Estamos e continuamos à disposição.” [grifo de Lenissa].

Entre as postagens de Lenissa encontramos comentários contrários e favoráveis à realização do debate. Com a repercussão do artigo e a intensificação do debate, em 22 de junho, o jornal Passa Palavra publica a primeira de cinco partes de um novo artigo intitulado “Domingo na marcha”. Precede o artigo a seguinte nota dos editores:

---

<sup>71</sup> Integrante do coletivo que mora na Casa Fora do Eixo em São Paulo, também fundadora do *Espaço Cubo* em Cuiabá e responsável pelo Banco Fora do Eixo.

O coletivo *Passa Palavra* recebeu a seguinte mensagem de Pablo Capilé, do Fora do Eixo:

«Olá,  
Gostaria de convidar o coletivo Passa Palavra para um debate público sobre a “Esquerda Fora do Eixo” e a Marcha da Liberdade, que foi tema de artigo do site na semana passada. Acredito que o objetivo de vocês ao escrever a referida reportagem tenha sido o de ampliar o debate, portanto gostaria de dar sequência a essa iniciativa com um debate aberto, público e com transmissão ao vivo, na data que escolherem e no local que escolherem. Estaremos a disposição. Fico no aguardo.  
abs!»

Enquanto espaço de debates do campo anticapitalista, não participamos de eventos organizados por entidades do “ativismo empresarial”, já que para nós as classes existem e são bem definidas. Porém, nos preocupamos com o caminho que seguirão daqui para a frente as lutas sociais. Por isso, a continuidade da reflexão – pública e ampla – segue aqui, em forma de uma série de artigos, e não numa atividade a ser protagonizada por aqueles que se colocam como os novos gestores das redes.

No dia seguinte, Lenissa responde a participantes que cobram a participação do Fora do Eixo no debate que se trava nos comentários do site.

Acredito que o artigo do Passa Palavra e o Artigo da Ivana já são bons o suficiente pra definir quais os campos de disputa estão colocados.

Nos próximos dias outros artigos estarão saindo sobre o tema, que ajudam ainda mais a dar luz a esse debate. Dessa forma não acredito que seria mais saudável ficarmos dando voltas aqui nos comentários sendo que os artigos estão ai e um debate público pode ser organizado.

Já deixamos bem claro que estamos querendo debater e a resposta do Passa a Palavra é que não aceita participar de um debate organizado por uma “entidade capitalista”. Então por que não organizam o debate? Felipe, chame você o debate, estaremos lá, quando quiserem, onde quiserem, com os convidados que quiserem colocar também.

Nossas infos estão todas publicadas, públicas, abertas, como o próprio autor do artigo teve acesso, tanto aqui na casa quanto nas nossas paginas que deixam tudo disponível pra download e para demais pesquisas.

A Casa também tá aberta para quem quiser vir conhecer e se aprofundar. E o debate tá proposto.

Em suma, estamos à disposição. Querem uma resposta detalhada item por item do artigo? Podemos fazer e postar aqui mesmo no Passa Palavra se nos derem abertura. Querem que compilemos mais artigos que escreveram sobre o FDE podemos trazer os links aqui também.

Aqui no Passa Palavra a maior parte dos leitores tendem a concordar com o artigo, lá no Mobiliza Cultura a maior parte se identificam mais com o artigo da Ivana. Ou seja, esse debate não é mais somente sobre o FDE ou seus métodos é sobre visões e programas políticos distintos, que poderiam ser complementares.

Sendo assim, o debate está só começando e um encontro presencial reverberaria mais, ampliaria o debate e traria novos agentes pra discussão.

Nenhum dos que comentaram aqui se dispõe a puxar? **(Lenissa Lenza em 23 de junho de 2011 07:48)**

### 4.3 A MEDIAÇÃO DA IMPRENSA

O segundo período de controvérsias selecionado para este estudo iniciou-se após a exibição do programa Roda Viva, em 5 de agosto de 2013, quando Pablo Capilé e Bruno Torturra falaram sobre o funcionamento do Fora do Eixo e da Mídia Ninja<sup>72</sup>. Além da discussão sobre a cobertura jornalística (ou não) da Mídia Ninja nas jornadas de junho daquele ano, o interesse dos jornalistas centrou-se na sustentabilidade do Fora do Eixo e em seu sistema financeiro.

Interrogado várias vezes sobre as verbas públicas que o *Fora do Eixo* recebe e sobre sua aplicação, Capilé respondeu que entre 3 e 7% dos recursos do coletivo (que gira em torno de R\$ 3 a 5 milhões por ano) provém de editais públicos e explicou que esse dinheiro é distribuído na rede, ressaltando que o trabalho colaborativo é o que permite a sustentabilidade do coletivo. Os patrocínios de empresas públicas em outros projetos do coletivo também foram abordados, assim como os posicionamentos políticos do grupo, de Bruno Torturra e de Pablo Capilé<sup>73</sup>.

A repercussão da entrevista ao Roda Viva redundou em outra onda de controvérsias sobre as práticas do *Fora do Eixo*, desta vez com maior impacto porque contou com a divulgação nos meios de comunicação de massa tradicionais. Incrementada pelo depoimento da cineasta Beatriz Seigner sobre sua experiência com o *Fora do Eixo*, a polêmica ganhou força e um tom sensacionalista em alguns veículos. Postado inicialmente no *Facebook*, o texto de Beatriz criticando duramente o grupo e Pablo Capilé, foi reproduzido parcial, ou integralmente, em inúmeros sítios da internet e pautou diversas outras reportagens.

Estimulados pelo relato de Beatriz, artistas, produtores e ex-integrantes do coletivo que, igualmente, e por variadas razões, sentiam-se descontentes com o *Fora do Eixo* resolveram se manifestar. Conseqüentemente, os integrantes do *Fora do Eixo* e os defensores de suas propostas reagiram e responderam com outra série de depoimentos, refutando as acusações e críticas recebidas. Muitos deles foram procurados pela grande imprensa (sobretudo os que faziam acusações ao coletivo) tiveram suas opiniões registradas e divulgadas ao público. A maioria, contudo, fez

---

<sup>72</sup> Ver mais informações sobre o programa e sobre o Mídia Ninja no capítulo 1.

<sup>73</sup> A íntegra da entrevista pode ser assistida em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vYgXth8QI8M>>.

isso apenas usando as redes sociais (*Facebook*, principalmente) que, depois, foram reproduzidos em diversos sítios da web.

Desse modo, passamos a descrever nesta seção os sentidos atribuídos às práticas do coletivo na tentativa de chegar às traduções da rede, por meio das experiências relatadas por integrantes, ex-integrantes e outros atores ligados diretamente ou não à rede. Continuamos na tentativa de produzir um relato em rede, conectando as textualidades com o objetivo de descrever as tensões, contrastar/aproximar os argumentos para avaliar as disputas em jogo.

Sobre a abordagem das materialidades, optamos por manter aquela já adotada, apresentando os argumentos arregimentados de acordo com os posicionamentos de seus defensores.

#### **4.3.1 Os de fora do eixo**

A cineasta Beatriz Seigner<sup>74</sup> constrói sua crítica ao *Fora do Eixo* com base no trabalho que foi feito para exibir seu filme *Bollywood dreams* em um circuito alternativo, composto por cineclubes e outras entidades articuladas pelo coletivo. Além da exibição do filme, ela também participou de uma tournée de debates após a exibição do filme. O interesse em participar desse projeto, segundo Beatriz, adveio da sua crença na necessidade de democratizar o acesso aos bens culturais no país.

Pela sua participação, a cineasta não seria remunerada, pois o *Fora do Eixo* lhe explicou que “aquele ainda era um projeto embrionário, sem recursos próprios, mas que poderiam pagá-lo com ‘Cubo Card’, a moeda solidária deles, que poderia ser trocada por serviços de design, de construção de sites, entre outras coisas”. Ocorre que Beatriz afirma nunca ter “visto nenhum centavo deste cubo card” e que tampouco encontrou a plataforma que disponibiliza o menu dos serviços oferecidos e onde a moeda é tocada.

Após reconhecer os pontos positivos do projeto, dizendo que “foi muito animador ver a quantidade de pessoas sedentas por cultura alternativa em todas as cidades de pequeno e médio porte pelas quais passei”, ou que “foi também incrível

---

<sup>74</sup> A cineasta dirigiu o filme *Sonhos Bollywoodianos* financiado por um produtor indiano e lançado em 2011 no circuito comercial de cinemas, em mais de 19 cidades brasileiras, distribuído pela Espaço Filmes.

conversar com cinéfilos por Skype”. Beatriz alega haver perdido a conta do número de debates e exposições que participou. Ela diz que a culpa disso foi do Fora do Eixo que não lhe entregou uma foto de cada exposição, por meio da qual fosse possível visualizar o número de público, e uma tabela com as cidades e quantidades de exposições que foram feitas.

Embora não tenha um número preciso de espectadores, a cineasta mostrou-se “empolgada com a quantidade de pessoas que não querem consumir cultura de massa em todas essas cidades.” Beatriz cita “cidadezinhas do Acre, Manaus, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Bahia, Paraíba, Mato Grosso, Goiania, Santa Catarina, Distrito Federal, Rio de Janeiro, São Paulo”, dentre outras, estimando haver visto “entre 50 a 150 pessoas em cada sessão”.

Nesse processo, Beatriz conviveu por cerca de um ano com os integrantes do coletivo e revela “sustos” e “choques” com a sua atuação: a solicitação do *Fora do Eixo* para colocar a logomarca no seu filme<sup>75</sup>; o fato de o SESC ter patrocinado algumas sessões de exposição e ela não ter sido informada<sup>76</sup>; a constatação de que eles superfaturam os números de pessoas presentes em seus eventos para reforçar seu poder de articulação<sup>77</sup>; a liderança sem questionamento de Pablo Capilé; a centralização da rede em torno a uma “cúpula” ou “primeiro escalão”, mesmo ela se autodenominando descentralizada e horizontal; o fato de Capilé ser contra o pagamento de cachês aos artistas; o modo de vida das pessoas nas Casas Fora do Eixo.

Sobre a atuação de Pablo Capilé, “fundador da marca/rede Fora do Eixo”, a cineasta afirma que

[...] ele quer fazer shows, exibir filmes, peças de teatro, dança, simplesmente porque estas ações culturais/artísticas juntam muita gente em qualquer lugar, que vão sair nas fotos que eles tiram e mostram aos seus patrocinadores, dizendo que mobilizam “tantas mil pessoas” junto ao poder público e privado, e que, portanto, querem mais dinheiro, ou privilégios políticos.

<sup>75</sup> O Fora do Eixo foi informado por ela que para inserir sua logomarca o custo mínimo cobrado seria de R\$ 50 mil e o negócio não se concretizou.

<sup>76</sup> Posteriormente a cineasta recebeu o valor de R\$ 900 que o Sesc destinou a pagamento de cachê do artista. A cineasta reclama que demorou nove meses para receber o dinheiro, mas, segundo o Fora do Eixo, foi a empresa de Beatriz que demorou 9 meses em emitir a nota e por isso o pagamento atrasou.

<sup>77</sup> A constatação de Beatriz se baseia nas informações dadas por Capilé à diretora de marketing da Vale do Rio Doce, durante jantar que compartilharam.

Beatriz traduz como “esperta” essa atitude, exemplificando:

Se Pablo Capilé dizer que vai falar num palanque, não iria aparecer nem meia dúzia de pessoas para ouvi-lo, mas se disserem que o Criolo vai dar um show, aparecem milhares. Ou seja, quem mobiliza é o Criolo, não ele. Mas depois ele tira fotos do show do Criolo, e vai na Secretaria da Cultura dizendo que foi ele e sua rede que mobilizou aquelas pessoas. E assim, conseqüentemente, com todos os artistas que fazem participação em qualquer evento ligado à rede FdE.

Outra crítica a Pablo diz respeito à sua atitude contrária ao pagamento de cachê aos artistas, “pois se pagasse valorizaria a atividade dos mesmos e incentivaria a pessoa ‘lá na ponta’ da rede, como eles dizem, a serem artistas e não DUTO como ele precisava” (grifo do texto). Por isso, para ela, Pablo Capilé alimenta ódio pelos artistas e também pelas artes, não tem paixão pela produção cultural ou artística porque “diz que ver filmes ‘é perda de tempo’, que livros [...] são ‘tecnologias ultrapassadas’”.

Segundo a cineasta, a prática se estende aos moradores das Casas Fora do Eixo também porque eles não têm tempo para desfrutar das obras culturais, “pois estão 24 horas por dia, 7 dias por semana, trabalhando na campanha de marketing das ações do FdE no facebook, twitter e demais redes sociais”. Para Beatriz, trata-se de “frenesi coletivo por produtividade”.

O fato de não receberem salário nem terem horário definido de trabalho faz com que a cineasta compare a atuação do coletivo ao de uma seita religiosa, cujos integrantes acreditam no mantra “trabalho é vida”. Ela conta ainda que muitas dessas pessoas são incentivadas por Pablo Capilé a abandonarem suas faculdades para se dedicarem integralmente Fora do Eixo: “quanto menos autonomia intelectual e financeira estas pessoas tiverem, melhor para ele”.

Como o trabalho é coletivo, assinado apenas pelo Fora do Eixo, as pessoas não conhecem seus autores e, quando eles decidem sair do coletivo, não têm um *portfolio*. Da mesma forma, como abdicam de seus salários, tampouco têm fundo de garantia. Por causa disso, segundo Beatriz, “acabam se submetendo àquela situação de escravidão (pós)moderna, pois não veem como sobreviver da produção e circulação artística fora da rede”. Dado o poder de intermediação conquistado por Capilé junto ao Estado e aos patrocinadores de cultura do país, os integrantes têm

medo de sair e sofrerem retaliações, serem “queimados” e até mesmo sofrerem agressões físicas.

Ao arremeter esses argumentos para traduzir o *Fora do Eixo*, a cineasta sustenta que “aquilo que falam, ou divulgam, não é aquilo que praticam. É a pura cultura da publicidade vazia enraizada nos hábitos diários daquelas pessoas”. Assim, para Beatriz, o coletivo é uma “seita religiosa-política”, que “abduz” pessoas para trabalhar gratuitamente, em regime análogo à escravidão, e que se utiliza de “falácias” para capitalizar a rede e captar recursos públicos e privados.

Para finalizar o texto, a cineasta afirma que, com esse testemunho público sobre sua experiência com o coletivo, acredita estar contribuindo para a discussão do que é o *Fora do Eixo* e “para que outras pessoas possam tomar a decisão de forma mais consciente caso queiram ou não colaborar com ela”. Além disso, ela conclama os jornalistas a investigar o trabalho escravo nas casas; os patrocinadores para cobrar mais transparência do coletivo, e outras pessoas para publicarem seus relatos e “assim teremos uma polifonia importante para quebrar a máscara de consenso ao redor do *Fora do Eixo*”.

A ex-integrante do *Fora do Eixo* Laís Bellini<sup>78</sup> também postou seu relato no *Facebook*, dizendo-se estimulada pela coragem de Beatriz Siegner. Ela escreve um longo texto sobre sua experiência de nove meses com o coletivo, contando como é o dia a dia dos integrantes da Casa *Fora do Eixo* São Paulo, onde morou junto com a “cúpula” do coletivo.

Em tom emocional, Laís conta que se encantou com as ideais do *Fora do Eixo* de construir um mundo diferente e a paixão a cegou durante esse período até culminar com sua traumática saída. Conforme o depoimento, sua trajetória na rede foi meteórica e, em pouco tempo, ela ocupou cargos importantes na organização. Primeiro, junto ao núcleo duro de Bauru, depois junto à “cúpula” na Casa *Fora do Eixo* São Paulo.

O “núcleo duro”, segundo Laís, “é o grupo que está mais envolvido com a rede, dentro de um ponto (numa cidade) da rede e, por consequência, tem mais poder de fala, mais poder de decisão, mais poder, enfim, ou melhor, como eles

---

<sup>78</sup> Estudante de jornalismo da Unesp, de onde são os integrantes do Enxame Coletivo, ponto da Rede *Fora do Eixo* em Bauru, Laís abandonou o curso de jornalismo para dedicar-se ao trabalho no coletivo de Bauru, inicialmente, transferindo-se para São Paulo em 2011.

dizem mais ‘lastro’”. A Casa Fora do Eixo São Paulo é a central que controla todas as outras cidades do país e a ligação com os integrados na América Latina. É nela onde vivem as principais lideranças do coletivo, conformando a “cúpula”, como nomeia Laís. São eles: Pablo Capilé, Lenissa Lenza, Marielle Ramires, Felipe Altenfelder e Carol Tokuyo.

Laís afirma que o *Fora do Eixo* é uma das estruturas mais engessadas que já conheceu, referindo-se à estrutura hierárquica da rede em oposição ao princípio da horizontalidade anunciado pelos seus integrantes. Prova disso é o desejo das pessoas de “subir na rede”, mas isso só ocorre com quem tem “lastro”. Esse lastro é medido pela dedicação e compromisso das pessoas para com as atividades da rede. A falta de democracia e a centralidade das decisões podem ser percebidas, segundo Laís, pelas reuniões gerais pré-definidas e em seus encaminhamentos.

Todos mandam suas pautas até dias antes da reunião. Horas antes [...] há reunião da cúpula, em off... preparam textos já combinados com encaminhamentos pré-definidos. Não é explícito, mas quem vive lá dentro sabe, sente, mas não pergunta nada. Durante a reunião todos falam, expõem sua opinião, mas depois vem a ordem: apresentar o que foi escrito por eles ali.

Numa tentativa de evitar o dissenso, Laís relata que, imediatamente após a aprovação do encaminhamento, alguém diz “chuva de sim” ou “chuva de ok” e começam a aparecer no *Facebook* expressões como “massa” ou “curti muito sua ideia”. Além disso, “qualquer mudança de rumo no meio das reuniões eles estão conectados em gtalk e rapidamente se apoiam”.

Esse traço de verticalidade e autoritarismo, de acordo com Laís, é estendido a todos os que se opõem ou questionam a rede e “são tachados de esquerda demais”. Laís diz haver presenciado esse comportamento com relação às posições do professor Giuseppe Cocco, do jornalista Arbex e do coletivo Passa Palavra, quando estes teceram críticas ao *Fora do Eixo*. De acordo com ela, a atuação da rede com relação às críticas é a de contra-atacar com depoimentos positivos sobre o *Fora do Eixo*: “escrevam aí sobre o quanto você curte estar vivendo isso aqui, o quanto a gente faz coisa massa”. Em 15 minutos, diz Laís, o *Facebook* tinha 300, 400, 500 textos com a mesma quantidade de “curtir” e “compartilhar”. Aliás, ela aponta como uma das demandas diárias compartilhar na rede tudo o que Pablo Capilé e outros integrantes do *Fora do Eixo* postavam.

Sobre a vida na Casa, o depoimento de Laís é contundente. Ela descreve um clima muito tenso, as pessoas só trabalham não se divertem e têm sua liberdade cerceada, pois há muita dificuldade, segundo diz, para sair, encontrar familiares e amigos que não sejam do *Fora do Eixo*. Todas as conversas são controladas e “as pessoas têm medo de questionar, medo da cúpula, medo de opinar, medo de responder... Então, acredita que é melhor fazer o que estão pedindo”. Durante o período em que viveu na Casa, ela diz que trabalhava das 8/9h da manhã até 3/4h da madrugada.

Parecia uma nóia coletiva de um querer demonstrar mais trabalho que o outro para o seu gestor. Sim, porque ali dentro havia gestores. A galera nova que chegava tinha seu gestor, dependendo em que área ia trabalhar. [...]

Todo mundo focado. Foco ali é passar o dia inteiro fazendo marketing online do FdE. Toma banho rápido. Vai no banheiro correndo. Ninguém na casa lê livro algum, porque não dá tempo, isso não existe. Cinema... tem um clube de cinema dentro da rede e marcávamos uma vez por semana (que era nossa hora de descanso da semana) para assistir algum filme.

Outra prática muito comum na Casa, de acordo com Laís, é o chamado “choque pesadelo”, que consiste em conversas em *off*, com muita pressão psicológica, sempre que a pessoa tem um comportamento considerado inadequado. Com o passar do tempo, ela diz que foi entendendo o verdadeiro sentido da rede e, por isso, era considerada um “vírus” na casa, sendo chamada inúmeras vezes para o “choque pesadelo”.

Outra questão contraditória apontada por ela é o sexismo existente na Casa. Para uma rede que diz apoiar feministas, Laís aponta comportamentos que considera contrários a essa filosofia:

A sala das meninas é a sala do Banco, da Universidade... a sala dos meninos é a sala da música, da política. E por favor, que cada um tire suas conclusões. Mas o direcionamento é algo bem nítido. Me pergunta qual o sexo do gestor da cozinha. E me pergunta quem sai pra uma ou outra noitada do Fora do Eixo pra dar as caras na festa com uma “galera”.

A desigualdade também foi percebida por ela na divisão das tarefas da Casa. Segundo Laís, as pessoas da cúpula nunca cozinham, lavam banheiros ou fazem outras tarefas corriqueiras, além de também não prestarem contas sobre o dinheiro utilizado do caixa coletivo, pois têm coisas mais importantes para realizar.

Com relação ao trato recebido por parte das integrantes da cúpula, Laís cita prepotência, aspereza e intimidação, com a intenção de fazer as pessoas sentirem medo e não questionarem. “Ali é cobrança 24 horas por dia. [...] você vive dentro da Casa Fora do Eixo São Paulo e isso é a sua vida”.

Afirmando não ter provas sobre o que declara, Laís conta que associações e outras organizações que fazem parte da rede e podem emitir notas fiscais são as que vendem serviços ao *Fora do Eixo* que, assim, justifica os gastos junto a seus patrocinadores e presta contas ao governo sobre a utilização de verbas públicas.

Sobre Pablo Capilé, ela é enfática: classifica-o de muito bom argumentador, líder absoluto do *Fora do Eixo*, rei, cuja vontade é sempre obedecida, nunca contestada porque as pessoas têm medo. “A parada ali acontece quando o Pablo quer. Quando, como, onde e da maneira que ele quiser. [...] já ouvi me falarem que tem que ficar quieto porque ele sabe o que tá fazendo e que a gente tem que confiar e não ficar perguntando muito”. No entanto, apesar de todo esse poder, Laís não sabe onde Capilé quer chegar.

Sinceramente até hoje eu não sei o que é que realmente o Capilé quer fazer da vida dele, nem até onde ele quer chegar. Antes eu pensava que ele queria, sei lá, virar ministro da Cultura. Hoje eu acho que isso tá pequeno pra ele. Ele quer mais, e é por isso que não se diz de partido algum, surfa no mar de vários, tem interlocutor no partido da Marinão que eu sei, tem interlocutor no PT (que é o partido que esteve sempre mais próximo). Hoje eu vejo o Fora do Eixo como uma rede que tá alimentando a imagem do Pablo Capilé, o grande criador da moeda solidária, que é o tal maldito ‘card’.

Enfim, Laís também traduz o *Fora do Eixo* como uma seita na qual tudo vem embolado,

com cara de culturalmente popular, musicalmente descolada, pessoalmente encantadora, internamente... cheia de gente incrível que está cega como eu já estive e com um número contável nas mãos de quem são os controladores e administradores da rede querendo consumir só uma coisa em você: a sua mente.

O fato que fez Laís decidir sair do *Fora do Eixo* foi ela ter descoberto outra prática do coletivo conhecida como “catar e cooptar”. Conforme seu relato, a rede busca pessoas com perfil estratégico para integrá-la e, nas reuniões da cúpula, é definido quem da rede vai fisgar essas pessoas. Isso ocorreu com ela quando entrou e também quando lhe propuseram “sair pra catar e cooptar”, pois dessa forma

estaria demonstrando seu comprometimento com a rede. “Uma semana depois dessa conversa eu estava fora”.

Cada pessoa que sai da casa, segundo Laís, sofre um processo de desqualificação que é acompanhado de uma *hashtag*<sup>79</sup> (#traíra, #loca). A dela foi #desistente, como forma de demonstrar que ela não aguentou, que ela fraquejou. A esse respeito, Laís cita uma frase de Capilé para quando alguém saía: “pode ir, pra cada um que sai chegam 10 a mais”.

Na condição de ex-integrante do *Fora do Eixo* e único remanescente da formação inicial da banda Macaco Bong<sup>80</sup>, caso de sucesso do coletivo durante anos, o guitarrista Bruno Kayapy desabafa em longa entrevista concedida ao Rock em Geral<sup>81</sup>. O relato de sua história com o Fora do Eixo apresenta várias coincidências com o de Laís Bellini, configurando o que o site traduz como “tudo o que sofreu ao ser cooptado por um projeto político/messiânico”. Resumindo a entrevista, o site descreve assim o que o leitor vai encontrar em seu conteúdo: “apropriação de criação artística, pressão psicológica, manipulação da boa fé alheia, trabalho árduo sem reconhecimento e remuneração [...], projeto de perpetuação no poder, descaso, abandono, ingratidão, falta de solidariedade [...]”.

Segundo Bruno, o desmanche da banda se deu porque seus colegas Ney Hugo e Ynaiã assumiram novas demandas de trabalho com a rede, passando a se dedicar integralmente às tarefas do *Fora do Eixo*. Em sua análise, à medida que a banda fazia mais sucesso ela ia sendo esvaziada politicamente pelo coletivo, obrigando seus integrantes a fazer uma escolha entre a banda ou o processo.

As saídas dos ex-integrantes do Macaco Bong se basearam nas mesmas causas e circunstâncias e isso tudo fica muito claro para mim que tudo aquilo foi conversado, foi de certa forma uma estratégia, bastava a banda estar em um bom momento dela que esse “DualApp” (como vou chamar aqui o tal “aplicativo da dualidade”) era instalado e tensionado no grupo.

<sup>79</sup> Sinal gráfico que acompanha palavras chave (tags) ou expressões associadas a um assunto ou tópico de discussão para ser indexado no aplicativo Twitter.

<sup>80</sup> Formada em Cuiabá em 2004, a banda é composta por três integrantes, dos quais Bruno é líder, executando música instrumental. A banda destacou-se no cenário nacional alavancada pelo coletivo Fora do Eixo e, em 2008, lançou seu primeiro álbum cujo título “Artista Igual Pedreiro” reflete a filosofia do coletivo. Posteriormente lançou o EP (Extended Play) “Verdão e Verdinho” (2011) e o segundo álbum “This is Rolê” (2012), quando a banda se desfez e Kayapy se desligou do *Fora do Eixo*.

<sup>81</sup> A entrevista está disponível em: <<http://www.rockemgeral.com.br/2013/08/29/enfim-livre/>>

Essa escolha entre o lado artístico e o *Fora do Eixo* só pode ser compreendida se entendermos o que significa o processo, assim descrito por ele:

[...] é estar pronto para qualquer demanda, aceitar todas as condições sem questionar, desde limpar o chão, carregar caixa, organizar eventos, tocar, buscar gente no aeroporto... As articulações mesmo quem faz a frente são sempre os mesmos, não muda os cargos. Quem entra e sai são esses que são “pau-para-toda-obra”, entendendo que você tem que apenas fazer de tudo sem questionar ou justificar seu erro, aceitando ser chamado de incompetente e entender isso como estímulo. Se não você não entende o processo, além de que, se você questionar, você está sendo “arrogante” diante das leis do processo.

As normas que obrigam o agente voluntário a se render às premissas de um estatuto são outras internamente, de acordo com Kayapy. Tudo isso porque, segundo ele, “o maior interesse na Cultura para o FDE é a mobilização, e não a arte. A arte enquanto construção ou desconstrução é finalidade atrativa, não é vista como meio, a que estimula para uma continuidade”. Para exemplificar, Bruno cita o conceito de artes integradas utilizado pelo coletivo, que, para ele, prioriza o número, a quantidade e não a arte em qualidade e acesso.

O incentivo e o estímulo ao aumento da qualidade das prestações de serviços através da formação de ‘novos’ agentes que somam a rede é de fato modelo de gestão industrial, com ênfase no entretenimento. É importante não confundirmos cultura com entretenimento. Cultura vem dos costumes de uma região que não é o caso do slogan das artes integradas [cultura livre ligada em rede], e o entretenimento, sim, usa do agregar números restringindo o acesso aos mais envolvidos. É modelo empresa, é igual ao Lollapalooza.

Ainda na tradução do músico, o conteúdo programático da rede está definido sempre em função dos benefícios pautados pelos editais, por isso rejeita a execução de projetos que escapem a essa lógica. Por esse motivo, diz Kayapy, a rede não é autossustentável e, embora ainda não se defina como indústria e mercado, adota um modelo de gestão que muitas empresas utilizam hoje.

Para que o processo de troca entre os integrantes e a rede dê certo, é necessário que as pessoas abdicuem de si mesmas em prol da causa e qualquer interferência nesse processo gera tensão. Foi o que aconteceu com ele e a banda, de acordo com seu relato.

Conforme o Macaco ia crescendo, conforme meu nome foi saindo em listas de melhores guitarristas, entre outras coisas que aconteciam nesse sentido, era instantâneo o aumento do nível de tensão comigo, temendo que eu fosse reconhecido, sim, pela minha arte, e não pela minha militância no processo junto ao FDE.

Em 2008, a banda conquistou o primeiro lugar dentre os 25 melhores discos nacionais, segundo a revista *Rolling Stone*. Essa conquista, conta Bruno, deu motivo a uma reunião interna do coletivo, na qual lhes foi dito que o mérito era do *Fora do Eixo*.

O papo foi reto e saí da conversa com aquele sentimento de que o Macaco Bong não significava nada dentro daquilo tudo que estava sendo posicionado. Era tudo política. Ali eu entendi o jogo, isso deu certo baque na banda e ao mesmo tempo nenhum de nós jamais conversava entre nós sobre isso. [...] o Pablo sempre estava colocando a banda pra baixo, assim como as pessoas ao redor, e vi que aquilo não estava sendo saudável e também não contribuía com nada a não ser com as necessidades do Fora do Eixo.

Com relação à remuneração, Kayapy afirma diversas vezes que nunca recebeu nada do *Fora do Eixo*, que “toda a grana ia para o Banco FDE”. A banda Macaco Bong foi citada como exemplo do modelo de gestão *Fora do Eixo*, mas, de acordo com o guitarrista, eles só receberam em troca o custeio com as viagens (passagens, comida, hospedagem).

Toda a grana que o Macaco movimentou, de 2005 a 2010, serviu para pagar almoços, jantãs, passagens, hospedagens e contas da Rede. [...] A rede nunca teve grana para se bancar realmente. Estão sempre no vermelho e agora vivem um terror de serem acusados de uma série de coisas, porque ficaram por aí pagando de patrão para cima e para baixo, falando de números irreais, esbanjando poder de articulação e ganância, bancando jantar caríssimos, encontros.

Assim como Laís, o músico revela que era apaixonado pelas atividades do *Fora do Eixo*, “pela possibilidade da construção de um novo mundo”. Hoje, ele afirma que “as coisas ali tendem a caminhar somente para onde o vento assoprar”. Sobre o relacionamento na rede, Kayapy é taxativo: “não existe amizade na rede, existe o processo”, afirmando que a banda nunca pode desfrutar de sua independência e liberdade, pois isso “era supérfluo, era um crime na dinâmica interna do processo”. Ele também denuncia a desigualdade dentro da rede:

As lideranças tinham liberdade da grana, podiam pegar a quantia que quisessem, quando quisessem, comer em restaurantes caros, e a gente comendo marmita, quentinha, sempre o mesmo rango do restaurante do Inácio<sup>82</sup>, aquele que saiu no jornal esses dias com milhares de cards em cima da mesa parado. Já as lideranças, andavam de carro de cima para baixo, viajavam a hora que queriam, bancavam tudo para os outros, chancelando o rolê.

Kayapy também fala sobre o processo de desconstrução de imagem após desligar-se do *Fora do Eixo*. Nos comentários da matéria no site Rock em Geral, observamos o apoio recebido por Kayapy, com muitas ofensas a Pablo Capilé e reprovação às práticas do coletivo. Mas também encontramos manifestações de usuários, lembrando a Kayapy que o mesmo tratamento que hoje ele repudia com relação aos que não concordam com o *Fora do Eixo*, o músico também já praticou. É o caso de Gerard (em 30 de agosto de 2013, às 21:05), quando menciona que foram muitos anos de “ou soma, ou some”, “ou tá com a gente, ou então é guerra”. Ou ainda, como se refere Lopes (em 4 de setembro de 2013, às 11h58), de “lima fulano, lima sicrano, isso pra não falar de coisas bem piores”. Rubão Lisboa (em 4 de agosto de 2013, às 17h34) disse: “Kayapy você sentiu na carne o que muitos aqui [referindo-se à Cuiabá] sentiram, o que PC [Pablo Capilé] e seus subordinados faziam com as bandas locais, caso não topassem as propostas que era bom apenas para ele”.

Para Kayapy, o *Fora do Eixo* vem tropeçando sempre nos mesmos erros, deixando de estimular a autogestão. Exemplo disso, segundo ele, é que na fase embrionária, quando se debatia a cena de Cuiabá-MT, a Volume (Voluntários da Música)<sup>83</sup> serviu para atender as demandas do *Espaço Cubo*, organizando aproximadamente 100 eventos por ano na cidade junto com o coletivo. “Depois que o Cubo foi embora e montou a Cafe-SP, sabe quantos eventos tem hoje em Cuiabá, por ano? Nem 10. Isso é mais um símbolo de que os interesses eram capitalizar a Rede, porque São Paulo já era meta, no fundo”. Hoje, Bruno assegura: “[...] desde o início, antes do FDE, no início do Cubo, não mudou nada para mim, vendo hoje a galera defendendo o processo e também os modelos de acusações. É o mesmo rolê

---

<sup>82</sup> Ele se refere a José Ignácio Lima, entrevistado pela Folha de São Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/08/1328179-fora-do-eixo-deixou-rastro-de-calotes-na-origem-em-cuiaba.shtml>>.

<sup>83</sup> Ver mais sobre o assunto no capítulo 2.

de 10 anos atrás, não muda”. Numa análise sobre as ambições culturais e políticas do *Fora do Eixo*, ele afirma que 90% é política e 10% cultura.

A revista Carta Capital publicou matéria sobre a rede intitulada “Fora do Eixo – ex-integrantes da entidade controladora do Mídia Ninja falam com exclusividade para Carta Capital e condenam práticas da organização”. Os repórteres Lino Bocchini e Piero Locatelli informam que ouviram oito ex-integrantes, mas que apenas quatro deixaram-se identificar. Além de reproduzir trechos dos relatos de Beatriz Seigner e Laís Bellini, a reportagem traz também depoimentos do fotógrafo Rafael Rolim e do designer Alejandro Vargas que confirmam o relato de Laís quanto ao modo de vida nas casas Fora do Eixo.

Rolim passou três anos na organização, segundo a revista, em contato direto com Capilé e relata o “processo” de isolamento a que são submetidos os integrantes da rede e a apropriação da sua produção. Tanto Rolim como Alejandro Vargas, que morou três anos na Casa Fortaleza, falam à reportagem sobre a prática do “catar e cooptar”, endossando o depoimento de Laís.

Outra prática relatada por ambos diz respeito à utilização coletiva dos cartões de crédito e de outros bens (como o carro de Laís, por exemplo) dos que moram na casa. Foi o que aconteceu com Vargas que, até a data da reportagem (16/8/2013), segundo ele, tinha seu nome inscrito nos órgãos de proteção ao crédito. Já Rolim conta que foram gastos R\$ 21 mil no cartão de crédito que tinha junto com seus pais para comprar passagens, além de um computador para Pablo Capilé.

Em Porto Alegre, o jornal Zero Hora também ouviu pessoas que estiveram relacionadas ao *Fora do Eixo* e o DJ Maximiliano Chami afirma: “Já fui bem próximo das pessoas que comandam o *Fora do Eixo* em minha cidade. Posso afirmar que a grande maioria das críticas que eles vêm recebendo se confirma aqui. É um sistema predatório, utilitarista e calcado em falácias”.

O jornalista Márvio dos Anjos, cantor e compositor das bandas Glamourana (2002/03) e Cabaret (2004/2010), que participou de vários festivais independentes, afirma ser crítico de Pablo Capilé e do *Fora do Eixo* desde 2008, quando percebeu que eles praticavam uma “política perversa de apropriação de capital cultural e de dinheiro público”. Em artigo intitulado “A Nobre Farsa”<sup>84</sup>, ele mostra que Capilé é

---

<sup>84</sup> Disponível em: <<http://nobrefarsa.blogspot.com.br/2013/08/pablo-capile-e-verdade-sobre-sua.html>>

contra o pagamento de cachês a artistas, diferentemente do que declarou em entrevista ao UOL, em 9 de agosto de 2013<sup>85</sup>.

Segundo Márvio, desde 2008, quando a Abrafin (Associação Brasileira de Festivas Independentes) conseguiu o patrocínio da Petrobrás, Capilé “passou a defender que os artistas mais novos e menos conhecidos – que tocavam por apenas 20 minutos nos festivais – não ganhassem passagem nem cachê”, mesmo contrariando a determinação do primeiro edital da Petrobrás para Festivais, em 2007, que tem como pré-requisito: “Todos os artistas devem ser remunerados”.

Analisando o posicionamento do coletivo de que os festivais funcionam como mostras, não como plano de sustentabilidade financeira, e que, por isso, não se deve pagar cachês às bandas, Márvio afirma que isso é uma falácia e que Capilé “apenas faz o *branding* do *Fora do Eixo*, travestindo-o de política cultural coletivista e, hoje, em última instância, de movimento social”.

Na mesma linha, o músico e compositor João Luiz Woerdenbag Filho, o Lobão, é um dos mais severos críticos do *Fora do Eixo*, colocando-se frontalmente contra o não pagamento de cachê ao artista e também em oposição ao conceito de artista-pedreiro defendido pelo coletivo. Segundo o cantor, após o programa *Roda Viva*, Capilé aceitou o convite de Lobão para participar de um debate ao vivo, via internet, mas desmarcou depois. Em entrevista à revista *Veja*, Lobão afirmou: “Ele desapareceu. [...] Fui procurá-lo novamente no Facebook e ele não me respondeu.” Então, para marcar sua discordância com as práticas do coletivo, Lobão escreveu a canção “Eu não vou deixar”, lançando-a durante o Festival *Agreste in Rock*, em agosto de 2013, em Caruaru, Pernambuco.

Por todos esses anos  
 Por tudo que eu passei  
 Por tudo o que eu faço  
 E ainda o que eu farei,  
 Não vem com esse papo de hiponga  
 Que eu não vou deixar

A palavra é minha arma  
 Minha bala é minha canção  
 Nem vem mexer com aquilo  
 Que você não tem noção  
 Não adianta insistir, meu irmão,

<sup>85</sup> Disponível em: <<http://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2013/08/09/nao-temos-essa-politica-do-calote-diz-pablo-capile-sobre-fora-do-eixo.htm>>

Que eu não vou deixar

Cadê a sua lábia?  
 Seu tempo se esgotou  
 Quem foge da conversa  
 Já perdeu de W.O.  
 Te aviso companheiro, não se esconda  
 Que eu não vou deixar

E agora? Aonde está  
 A banca que você botava?  
 E agora? De quem é mesmo  
 O pesadelo que você armava?  
 E agora? Eu estou aqui e é você  
 Que foi embora...  
 E agora ,você deu o fora,  
 Mas que papelão!

Mané querendo mudar o mundo  
 Engenheiro social  
 Tungando a grana de artista  
 Inventando edital  
 Direito autoral ele também não quer,  
 Mas eu não vou deixar  
 Patrulha e desespero,  
 Evangelho coletivo  
 Doutrina de carola estatizado e vendido  
 Rebelde chapa-branca quer que eu cale  
 Mas eu não vou deixar

De bem intencionados  
 Eu não aguento mais  
 Tem otário se achando valente  
 Mas quando me vê, mija pra trás

Acabou sua pilantragem, sabe por quê?  
 Porque eu não vou deixar

Ainda segundo Lobão, a música é um “grito de guerra” contra o coletivo que “monopolizou toda a rede de música independente. Se você não reza na cartilha deles, você não existe. Isso prejudica os novos artistas. É uma situação muito grave. Meu desejo é que essa instituição seja desmantelada”. O cantor tocou todos os instrumentos da música, de acordo com ele, para “mostrar que um indivíduo inteiro estará sempre muito mais apto a fazer uma coletividade” e que “o conceito de toda música é isso, que o indivíduo é forte, o autor é indissociável. O autor sempre será a célula inicial da criação. Não se pode desvalorizar o trabalho do artista. Nem abrir mão do direito autoral que é o seu ganha-pão”.

Sobre a música e a crítica, Capilé respondeu no site UOL: “Lobão fez uma música pra mim? Que surpresa! O cara anda fazendo tanta micagem por aí que pensei que tinha deixado de ser músico... E virou colunista da Veja? E defende a ditadura? E chama Gilberto Gil de picareta? Tô no lugar certo então, bobão”

#### 4.3.2 Os de dentro do eixo

São inúmeros os depoimentos favoráveis ao *Fora do Eixo*, principalmente no *Facebook*, ambiente onde a polêmica se desencadeou mais fortemente, mas que foi excluído de nosso *corpus*. Trabalhamos apenas com aquelas respostas, relatos e depoimentos que pudemos rastrear na web, sem acessar o *Facebook*. Dessa forma, encontramos depoimentos de integrantes do *Fora do Eixo*, alguns moradores da Casa Fora do Eixo São Paulo e membros da chamada “cúpula” ou “núcleo duro” do coletivo, dentre eles duas fundadoras do coletivo *Cubo Mágico/Espaço Cubo*, que estão juntos a Pablo Capilé desde 2001 – Lenissa Lenza e Marielle Ramires. Também acompanhamos as entrevistas concedidas por Pablo Capilé e acessamos todos os textos produzidos oficialmente pelo *Fora do Eixo*, disponíveis no site do coletivo.

Marielle Ramires fundamenta seu relato na experiência que ela tem com o coletivo desde sua fundação e, por isso, retoma e reforça princípios e práticas do Fora do Eixo com o objetivo de deixar claro que eles nunca esconderam suas intenções. É assim então quando explica que, para a rede, “a cultura é e sempre foi comportamento”. Esse comportamento, segundo ela, envolve a maneira como se articulam, se relacionam, fazem políticas, gerenciam e administram abundâncias, se comunicam, produzem conhecimentos e encaram a arte e as multifacetadas do fazer simbólico.

Nessa perspectiva, Marielle passa a expor a filosofia do coletivo, explicando que trata-se de um “projeto político de transformação de sociedade”, no qual ela se engajou por sonhar com um mundo justo desde os 10 anos de idade e acreditou que poderia contribuir com o que chama de “revolução histórica”. Ela conta: “Só queria, dentro de uma visão até cristã, que fosse possível vivermos num mundo mais de todo mundo”.

Marielle reconhece que, desde o começo do processo, conviveram com pessoas criticando e fazendo “troça” das práticas do coletivo, mas não admite que as pessoas se sintam “desavisadas”, pois o coletivo nunca escondeu que a política era sua motivação.

A rede nasce como uma atitude política, se articula a partir de desejos políticos de criar rotas alternativas de produção cultural que gerasse sustentabilidade a um circuito até então invisível no país. Em acreditar no óbvio, que o Estado tinha o papel de co-formular junto com a sociedade, políticas culturais abrangentes.

Enfatizando o caráter experimental da rede, Marielle afirma que trata-se de proposta empírica e afirma categoricamente: “Nós NÃO SOMOS UMA EMPRESA. Nossos LABORATÓRIOS, como desde os nossos primórdios sempre fizemos questão de classificar, é realizado [sic] em cima de erros e acertos” (grifos da autora). Com essa perspectiva, Marielle procura explicar as práticas do coletivo, sem responder diretamente cada uma das críticas recebida, falando de forma abrangente sobretudo sobre o trabalho e modo de vida no Fora do Eixo.

Ela diz que “o instrumento trabalho é usado para transformar realidades” pelo coletivo. A partir da necessidade de que os envolvidos no projeto pudessem viver daquilo que gostavam de fazer, o grupo buscou desenvolver tecnologias que propiciassem sua sustentação. Desse modo, surgiu o card como moeda complementar e o sistema de trocas como forma de desmonetizar a economia. Marielle argumenta que “a riqueza desse novo olhar sobre a questão é racionalizar a relação, evidenciando a capacidade que essas forças de cooperação têm em gerar e distribuir riquezas, sem, na maior parte das vezes, o envolvimento de dinheiro”. Para ela,

A capacidade que os projetos possuem em estimular esses escambos ou levantar doações a partir das trocas ou práticas voluntárias é a “moeda complementar” existente nessa economia, que movimenta inúmeros processos culturais dentro do setor. Sem ela, ousado dizer, a cultura brasileira, em sua abrangência, se moveria numa velocidade muito menor. Pensar nessa perspectiva, pelo menos a meu ver, é motivo de plena esperança: primeiro porque a história oficial contada sobre a economia da escassez cai por terra como falácia diante dessa matemática, como bem já conceituou a “Economia Solidária”.

Sobre a vida em comum nas casas Fora do Eixo, a moradora da CAFE São Paulo compara a experiência a vários casamentos, pois “cada pessoa com quem você divide uma casa é alguém com quem se é casado”. O compartilhamento, segundo Marielle, demanda disciplina, comprometimento, coragem, firmeza e boa vontade. “Para querer avançar nas limitações pessoais tem que ter disposição para ser paciente, e sim, aprender a comprar desgastes, aprender a ser franco [...], ‘abrir os códigos’ para permitir a interação orgânica como o outro; avançar; ser generoso”.

Ela defende a superexposição de Pablo Capilé, definindo-o como uma grande liderança. “É um cara que consegue despertar muita gente do transe da descrença, do medo e cinismo que todos os dias nos servem em doses homeopáticas de notícias na tevê, páginas nos jornais e em tantos outros meios”. E indaga: “Será que vai demorar tanto tempo assim para compreenderem o que representou aquele Roda Viva da última segunda-feira (05/08)?”

Numa espécie de prospecção, Marielle afirma que o *Fora do Eixo* é só um eventual nome necessário para simbolizar o projeto criado e “do mesmo modo que optamos por abrir mão de salários, apê, carro do ano etc, em prol de uma vida comunitária, desapegar dessa marca é coisa de ‘dois tempos’. Não é à toa que falamos há anos em pós-marca”.

A responsável pelo Banco Fora do Eixo, Lenissa Lenza, também escreve longamente sobre sua experiência com o coletivo, recuperando sua história desde o surgimento do Cubo em Cuiabá, do qual participou ativamente, e ressaltando também seu caráter de laboratório.

Sem a pretensão de ter um plano mirabolante, só nos entregamos à prática diária em conjunto, “depositando” tempo, desejos, angústias, problemas, anseios, estímulos, propostas e o que mais possuíamos individualmente, num caixa comum que fosse gerido coletivamente. [...] Os resultados dessa “salada orgânica de singularidades” apropriadas coletivamente, “ditariam” os próximos passos e assim sucessivamente. Isso se tornou premissa pra tudo: o laboratório, o experimento coletivo, em que nós éramos os primeiros “ratos do laboratório”, experimentando qualquer invenção que criássemos, sentindo e concluindo por conta própria, se era positivo ou não. Se formando a partir do empírico, do instituto, do afeto, da colaboração, da entrega e de qualquer visão que nos identificássemos ou elaborássemos. Desnudar-se de manter somente a elaboração subjetiva, teórica, pré-concebida, fruto dos cérebros alheios e dos nossos próprios, pra concretizá-los em práticas de nós mesmos. Em vida. E assim, diminuir cada vez mais a distância entre o que se faz e o que se fala. Conselho sábio de Paulo Freire pra determinar um dos primordiais e principais elementos da nossa experiência: autonomia e liberdade.

No que se refere à vivência coletiva, Lenissa, assim como Marielle, relata as dificuldades enfrentadas cotidianamente e critica aqueles que se “apropriam da VERDADE, tornando-a absoluta e por um único filtro, é garantia de distorção dos fatos”, referindo-se, obviamente, ao depoimento de ex-integrantes, como Laís Bellini, mas sem mencioná-los. Lenissa questiona:

Já se imaginou morando com mais de 20, 30 [pessoas], acordando e dormindo todo dia, às vezes sem comer direito, às vezes dormindo no chão, usando as roupas disponíveis no armário comum, aprendendo a respeitar, compartilhar, amar e trocar com qualquer um que esteja aberto para isso? Já se imaginou tendo que se abrir pra receber qualquer um que esteja afim de provar que tá aberto a viver isso, ainda que mil “pré conceitos” estejam ao entorno desse um? Ainda que não se saiba exatamente se é confiável e nunca vais saber se realmente não experimentar, não der a chance? Muito se fala em direitos, deveres, em princípios e valores nobres, mas duvido que muita gente esteja disposto a se superar pra exercê-los, mantê-los e continuá-los de fato.

As críticas de Beatriz Seigner também não são rebatidas abertamente por Lenissa, embora ela leve a discussão para o conceito de artista defendido pelo coletivo, colocando em lados contrários aqueles que são definidos pelo grupo como “artistas iluminados” e “artistas pedreiros”. Segundo Lenissa, o *Fora do Eixo* sempre trabalhou melhor com o setor da música, em especial o rock, porque esta é uma frente mais agregadora, “mais pedreiros” do que “artistas exclusivos e iluminados”. O setor do audiovisual, de acordo com ela, aproxima-se do coletivo por precisar de várias pessoas exercendo funções para executar seu produto.

Nesse sentido, Lenissa fala de relações mais horizontalizadas (caso da música) e outras mais verticalizadas (caso do audiovisual). No entanto, ressalta que também tiveram muita resistência de artistas “que queriam só tocar e receber o (alto) cachê com base no seu prestígio-subjetivo-intelectual-artístico-técnico-glorial. Mesmo que esse ‘prestígio’ não rendesse em R\$ o que ele valia”. Esse é um paradigma que o *Fora do Eixo* precisa enfrentar, segundo Lenissa: o cachê do músico superando o custo da própria plataforma necessária para gerar a rentabilidade.

Não tô dizendo que as bandas ou qualquer outro trabalhador não tenha que receber pelo trabalho. Tô dizendo que existem contextos onde isso como “imposição” vira mais hegemonia verticalizada e autofágica do que justa, legítima e horizontal. Especialmente quando essa “imposição” é

feita desconsiderando vários outros trabalhadores dessa ação comum que estão investindo seu próprio “trabalho” para que tudo aconteça. Além disso, cachês e salários são negociáveis em qualquer espaço e tempo. Se não quiser, é só não fazer. O problema é berrar pros 4 cantos do mundo querendo “vender” a ideia isolada de que sem cachê é desonesto. O Ladislau Dowbor<sup>86</sup> pode dar uma palestra pra casa fora do eixo de quase 2 horas, sair dela conhecendo e conversando com todo o público que foi lá pra vê-lo, sem cobrar cachê (R\$). Uma banda quase nunca.

A crítica de Beatriz Seigner sobre o posicionamento do *Fora do Eixo* com relação à cultura provocou uma reação indignada de Lenissa, que argumenta que o mais triste é ver que a prática do “artista iluminado” é a de se apropriar de toda a arte e cultura, desvalorizando os outros trabalhadores do processo. Ela indaga:

Alegar que “falta de paixão” pela arte e pela cultura é não querer ver filme ou assistir a um balé, parece débil. Trabalhar dia e noite na construção de milhares de produções sejam elas de quaisquer natureza, ralando e muito para conseguir fazer tudo acontecer de modo colaborativo, participativo ‘cortando um dobrado’ pra driblar a falta de grana que as próprias produções não geram, mas precisam pra serem custeadas, não é ter paixão nenhuma pela arte e pela cultura?

Sem mencionar o nome da cineasta, Lenissa responde a Beatriz com uma série de perguntas, usando-as para devolver as acusações ao *Fora do Eixo* de exploração do trabalho e capitalização em cima da produção do artista em benefício da marca. Alegando que a realidade é muito diferente, que o patrocínio não cobre todos os gastos com as produções e que, sem dinheiro que custeie tudo isso, só a paixão explica, Lenissa inverte o quadro, procurando demonstrar que o *Fora do Eixo* se capitaliza em cima do próprio trabalho.

Se tem alguém que se capitaliza com a humanidade é o próprio artista “iluminado” que usa da expressão e conhecimento humano adquiridos milenarmente pra “forjar” uma autoria própria, botar preço e ganhar sozinho. Nada contra já que todos os outros trabalhadores “mortais” fazem o mesmo, porém sem pagar de paladino da “áurea” humana. E geralmente são esses os mesmos “artistas” que tem o cinismo de acusar quem luta pra que haja a melhor distribuição da sua “renda”, dos seus holofotes, do seu ego inflado, da sua “magia”, de golpista.

---

<sup>86</sup> Professor da pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Ladislau Dowbor é economista político, doutor em ciências econômicas, cuja área principal de atuação é o ensino e organização de sistemas de planejamento. Atua como Conselheiro no Instituto Polis, Instituto Paulo Freire, Conselho da Cidade de São Paulo entre outras instituições. Informações disponíveis em: <<http://dowbor.org/ladislau-dowbor/>>.

Lenissa acredita que a moeda mais forte e potente da economia fora do eixo, “e por que não da cultura?”, são as trocas de necessidades que garantem a continuidade dos projetos e objetivos comuns. Ao reconhecer a dificuldade de sistematizar as ações e pessoas que integram a rede, traduz o *Fora do Eixo* como “um grande laboratório orgânico e vivo” que, num exercício interpessoal de “trocas”, “desapegos”, “doação”, “generosidade”, “controle do ego”, dentre outras práticas, cria uma inteligência coletiva.

Ela reafirma a transparência do coletivo, afirmando que estão disponíveis na internet vários documentos e planilhas, lá colocados em “tempo real”, como se fosse um “show ao vivo” para quem quiser acompanhar. “Somos ‘reféns’ da própria abertura de código pra ser modificado e desenvolvido nessa inteligência coletiva. Prova disso é tudo que já andamos e crescemos em tão pouco tempo e com tão pouco recurso financeiro”.

Outro integrante da Casa São Paulo, o fotógrafo Rafael Vilela, relata seu envolvimento com o *Fora do Eixo* desde 2010, quando atuava em Santa Catarina junto ao coletivo Cardume e começou a ter contato com a rede. Após fazer uma imersão na Casa Fora do Eixo São Paulo e experimentar, na prática, os valores que pautam o grupo (solidariedade, colaboração, dedicação ao próximo, formação, nas palavras de Rafael), o fotógrafo se diz orgulhoso de cada segundo imerso e de quase dois anos fora do eixo e fora da zona de conforto.

Assim como a lagarta deve sofrer para fazer o musgo empoeirado virar aquelas asas coloridas, sair da lógica “escola-faculdade-emprego-carro-casamento-casa-filhos-netos-caixão” é dolorido. Migrar para a vida coletiva, sem salário, sem “carreira”, sem uma escola formal, com caixa e armário coletivo é pular fora do seu mundo e mergulhar de cabeça no novo mundo possível, que é nosso, de todo mundo. [...] Passei a fazer parte do famoso Caixa Coletivo. É tipo mudar de combustível – de um poluente pra um biodegradável. Você continua se alimentando, tomando banho, tendo os equipamentos que precisa, as roupas que gostaria de usar, mas o que te move já não é mais o mesmo. A ânsia por ter cada vez mais e ser cada vez menos já não nos alcança. É trocar um modelo de salário, de acúmulo e de fetiche pelo pertencimento por uma vivência comunitária, compartilhada em bens, serviços e afetos, onde o medidor máximo de sucesso é o FIB – a Felicidade Interna Bruta.

Responsável pela frente de Poéticas Visuais da rede, Rafael conta que trabalha num processo completamente cooperativo, desenvolvendo produtos para o lançamento de novos CDs, ações de movimentos sociais, criação de identidades

para projetos parceiros, cartazes, *flyers*, dentre outros. Nesse processo, diz ele, “não lembro de usar valores nem cifrões em praticamente nenhum material”.

De acordo com Rafael, a intensidade da vivência coletiva apurou sua leitura crítica do mundo. Ele fala de sua paixão pela fotografia que conta histórias, expõe e levanta temas, debate o mundo e revela: “misturar essa linguagem com a bomba aceleradora de partículas que é o *Fora do Eixo* sempre me levou a experiências incríveis”.

Ele envolveu-se também com as produções da Mídia Ninja e descreve assim sua experiência:

Viajei por dias nas aldeias indígenas do Mato Grosso do Sul conhecendo histórias horripilantes da ação dos fazendeiros, pude ver de perto o terrorismo de estado do Pinheirinho, fui pro interior da Amazônia investigar a morte de um casal de ambientalistas, documentei o carnaval de rua de dezenas de cidades, fotografei em dedicação exclusiva cada uma das manifestações de junho e julho com toda sua intensidade, conheci o norte e o nordeste do país, conheci a Argentina, Venezuela, Bolívia, tantos outros países da Latino América [sic], conheci a Espanha. Ainda acabei indo pro Egito: em missão especial fotografei a queda de um presidente eleito por 30 milhões de pessoas nas ruas, uma das maiores manifestações humanas da história.

Toda a estrutura do *Fora do Eixo* foi criada para financiar esse tipo de empreitada, que só existe, segundo Rafael, porque muita gente se doa para que isso ocorra. “Como, então, imaginar uma fotografia, fruto do nosso encontro com o mundo, pertencente a uma pessoa só, sozinha?”, indaga ele, explicando que, por esse motivo, o *Fora do Eixo* assumiu um processo radical de autoria coletiva das imagens. “Quando nada é de ninguém, tudo é de todos e a gente voa. Parei de assinar individualmente as imagens que fazia e elas começaram a duplicar e triplicar sua capacidade de replicação”.

A respeito das críticas de Beatriz Seigner, Rafael diz que a conheceu e que se lembra dela como uma pessoa assustada, tal qual ela descreve em seu “post-longa-metragem baseado em fatos reais e em percepções distorcidas”. De acordo com Rafael, ela mostrou-se assustada com o processo do *Fora do Eixo* (autoria coletiva, falta de salário, projeto que não precisa do artista com gênio indomável...) que questiona diversos paradigmas. Para ele, “o texto de Beatriz é uma trama roteirizada com inúmeras inverdades”.

Por esse motivo, Rafael diz haver decidido fazer também seu relato pessoal sobre o *Fora do Eixo*, mas do lado de dentro, “de quem escolheu se envolver e se implicar no processo sem medo de ser feliz ou de se assujeitar”. Ele critica o papel de vilão que Beatriz criou para Pablo Capilé, dizendo ser esta uma atitude covarde e desonesta da parte dela, além de considerar que ela teve o *timing* perfeito para fazer os ataques ao coletivo, dois dias depois do maior pico de visibilidade do *Fora do Eixo*. “É certo e esperado que muitos dos que já estiveram perto queiram agora reacender sua luz, a partir do brilho que reflete no suor de nossas testas. Faz parte do jogo. Nunca nos importamos em dividir”.

Rafael conclui sua análise mostrando as diferenças entre as visões de mundo da cineasta e do *Fora do Eixo*.

O drama que tenta imprimir ao *Fora do Eixo* [Beatriz Seigner] só pode se supor real se partimos do princípio que todos que fazem parte da rede, com exceção de Pablo, são vítimas. Zumbis, mortos-vivos, insensíveis, que não admiram arte, que não tem bom gosto musical e são impedidos por um ente supremo de tocarem seus tambores. Tia, se liga, a gente troca o cineminha de quarta-feira pela incrível sensação de não saber onde vamos estar amanhã. Isso que você chama de previdência social e aposentadoria a gente chama de companheirismo, confiança, construção comum, não é uma brincadeirinha de coletivo da faculdade, é uma escolha de vida. E, sinceramente, se tem gente que tá vendo pouco filme porque entende que mudar o mundo exige muito mais do que isso, é porque assim escolheram.

O vocalista Paulo Noronha, da banda Rinocerante, de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, também ressaltou ao jornal Zero Hora os pontos positivos da parceria feita com o *Fora do Eixo* no sentido de alavancar a trajetória das bandas iniciantes. Em 2009, sua banda percorreu o país tocando em festivais e, mesmo sem receber cachê, ele afirma: “É uma baita ajuda pra quem tá começando. Eles também trouxeram muitas bandas para tocar no Estado. Então, acho positivo”.

#### **4.4 A REAÇÃO DO FORA DO EIXO**

Diferentemente do que ocorreu em 2011, quando a posição do *Fora do Eixo* com relação às controvérsias limitou-se à proposição de um debate público e de se identificar com alguns artigos em sua defesa, em 2013 encontramos vários

depoimentos de seus integrantes divulgados inicialmente nas redes sociais e reproduzidos por veículos impressos e digitais.

Requisitado, Pablo Capilé concedeu inúmeras entrevistas e, além disso, em poucos dias, o site do coletivo foi reconfigurado, passando a denominar-se Portal Transparência Fora do Eixo. Nele foram postados todos os artigos, matérias e reportagens com conteúdo favorável à rede. No link Notas Oficiais, o usuário pode acessar todo o material produzido pelo coletivo para defender-se durante a polêmica: comunicados, esclarecimentos, cartas, manifestos de apoio, além de um conjunto de 73 respostas a perguntas feitas frequentemente ao coletivo.

Em comunicado oficial, divulgado em 12 de agosto de 2013, o *Fora do Eixo* explica que o documento foi escrito durante cinco dias, a partir da discussão dos temas com integrantes de coletivos. Nele o grupo lamenta qualquer transtorno que as vivências possam ter causado aos ex-integrantes de coletivos da rede, admite falhas, afirma que nenhuma rede antes experimentou transparência tão radical em relação às suas dinâmicas coletivas e coloca-se à disposição para outros esclarecimentos, dúvidas, críticas e sugestões.

Temos consciência que o debate sempre marcou nossas relações na busca pela coerência entre o discurso e a prática. [...] temos buscado encarar as críticas como combustível para nossas reflexões e incentivo à reinvenção diária à que nos dispomos. Estamos em processo e temos consciência das dores e das delícias a que estamos expostos. [...] Esperamos que esses episódios possam contribuir para a inteligência coletiva social, tão cara num país tão profundamente marcado por desigualdades, preconceitos e medo.

Para Pablo Capilé, as críticas recebidas não são novas. Elas aparecem agora numa maré de intensidade, mas são críticas com as quais o coletivo dialoga há muito tempo. Ele explica como o *Fora do Eixo* lida com elas:

Primeiro internamente, entendendo que a crítica é a matéria prima para o nosso crescimento. Essas críticas não são de hoje, a gente vem enfrentando críticas há 4, 5 anos. [...] E eu acho que quando você abre tanto e continua crescendo é porque você também faz autocrítica em tempo real.

[...] A gente pensa que é até uma grande consultoria do comum, falando tudo aquilo que acha que não está certo, que tem que mudar e saber absorver, ter a sensibilidade de conseguir entender essas críticas, absorvê-las e, a partir do entendimento delas, ressignificar várias coisas é muito importante (**Pablo Capilé – 15/8/2013 – entrevista à TV Estadão**).

[...] cada vez mais esses debates todos que a gente tem enfrentado tem facilitado pra que a gente possa traduzir o que nós somos. (**Pablo Capilé – 8/10/2013 – Entrevista a Antonio Abujamra – Programa Provocações, TV Cultura**).

De alguma forma, esses debates, essas discussões teriam que ser feitos em algum momento. Vendo retrospectivamente, penso que seria impossível que esse momento não se desse logo depois do Roda Viva com a supervisibilidade que tivemos e com nossa forma honesta, tranquila e segura de responder. [...] Eu não esperava que o nível de debate fosse aquém do tamanho e da complexidade dos temas que estavam sendo colocados. Mas acreditava que iriam aparecer várias questões relacionadas à criminalização da relação do Estado com a sociedade civil e ao sistema de comunicação que estava sendo criado por nós. Contudo, não acreditava que o debate comportamental seria tão preconceituoso. Se não fosse o viés moralista, estava tudo mais ou menos dentro das expectativas (**Pablo Capilé – 19/8/2013 – 16h25 – Entrevista concedida a Gisele Beiguelman - Fala, Pablo Capilé**)

Do material coletado, organizamos por assunto uma espécie de mosaico textual para conhecer o posicionamento da rede sobre as críticas, acusações e denúncias de que é alvo. Vejamos:

### **Sobre as acusações de Beatriz Seigner**

O diálogo com a cineasta tinha como objetivo estabelecer uma relação em que a Rede Fora do Eixo ativaria suas conexões e redes para divulgar e exibir o filme em espaços alternativos.

Realizamos as tarefas e serviços necessários para a promoção e distribuição do filme nos pontos de exibição. Nenhum recurso foi cobrado para isso. Telefonemas, produção local para exibição, articulação com cineastas, assessoria de imprensa, produção de peças publicitárias e divulgação das exibições foram feitas sem nenhum custo para Beatriz Seigner.

Isso é a forma como trabalhamos e identifica o que chamamos de trabalho de rede, que gera os Cards que Beatriz acusa não ter recebido. [...] Os cards são os serviços que foram prestados e investidos pela rede para fazer o filme circular.

Aplicamos a marca do Fora do Eixo no filme, partindo do princípio de que havia um entendimento comum com a cineasta Beatriz Seigner, de que essa era a contrapartida natural de todo o investimento realizado que custaria em uma empresa cerca de R\$ 50.000,00 [...].

A sessão do Sesc, que pagava um cachê para o realizador, estava inserida dentro do circuito de 11 datas que o filme iria percorrer, a única com remuneração direta.

Todo o valor do cachê foi gasto com os custos da própria circulação e alimentação da cineasta, garantindo que Beatriz Seigner não teria custos para exibir o filme em 11 cidades. Financeiramente esse era o nosso único acordo e ele foi cumprido.

O pagamento do valor correspondente a R\$ 900,00, em um segundo momento, se deu por entendermos que o valor que ela solicitava receber injustamente era menor do que a polêmica que Beatriz Seigner já se mostrava disposta a gerar (**Comunicado Oficial da rede Fora do Eixo – 12/8/2013**)

Esse desapego à mera viabilidade contábil é que permitiu que o FdE se tornasse uma potência. E isso incomoda, ofende, levanta todo tipo de desconfiança. [...] a “integridade”, como ela cobrou da rede, é medida sobretudo por grana, ego, logotipos. Mais ligada a uma dinâmica econômica do que um real compromisso com a transformação e com a tolerância ao erro, ao vacilo, até ao calote que um processo tão sério como esse pode, e vai, gerar. **(Bruno Torturra – UOL – 8/8/2013 – 13h48 – Cineasta acusa coletivo Fora do Eixo de omitir patrocínio e reter pagamento).**

## Sobre as acusações de Laís Bellini

A experiência da Laís Bellini como moradora da Casa Fora do Eixo SP foi de pouco mais de 3 meses e não de 9 meses. [...] O resto dos meses ela passou em vivência no coletivo de Bauru, ao qual ela não dirige nenhuma das acusações. É comum alguns jovens de classe média, em cima de expectativas conceituais, ao ingressarem nas casas coletivas terem dificuldade de adaptação e se desiludirem com a convivência na prática.

A tentativa de desqualificar lideranças, que vem trabalhando há 6, 7 e até 10 anos junto às redes, é equivocada, e demonstra a incapacidade que tivemos nesse caso, de trocar os saberes de convivências que acumulamos durante os anos de trajetória.

Apesar disso, manifestamos nossa compreensão, e num processo de autocrítica, entendemos que é importante aperfeiçoar os mecanismos pedagógicos da vivência para que futuras situações como a dela não ocorram. **(Comunicado Oficial da rede Fora do Eixo – 12/8/2013)**

[Resposta a uma indagação sobre o que é “catar e cooptar”, prática referida por Laís] Pergunte a quem nos acusa disso, esse termo não é sério o suficiente para merecer uma resposta **(FAQ – Perguntas Frequentes – 4/9/2013).**

## Sobre a apropriação de bens dos integrantes

[...] Como é um processo coletivo, a pessoa que chega já tem acesso a uma série de coisas que já existem [nas casas fora do eixo].

A destinação de seus bens para o uso do processo é um ato livre. Se você tem um carro e vem para uma casa, é natural que este carro seja usado, até porque já tem muita gente que empresta coisas para que o processo exista e se realize. Se você tem um cartão de crédito e quer disponibilizá-lo pra ações da rede a mesma coisa. Não tem uma prática de apropriação, tem um processo que gera consensos e consentimentos livres e esclarecidos.

[...] o Fora do Eixo trabalha com a perspectiva de propriedade coletiva e compartilhada, com definições claras para o acesso pessoal. A chave para entender isso não está numa leitura maniqueísta ou na abordagem que tenta ver o Fora do Eixo como uma empresa capitalista. É muito desonesto, principalmente para pessoas que participaram deste processo e fizeram suas escolhas, partirem pra uma criminalização depois que se desapontam com uma experiência.

## Sobre a liderança de Pablo Capilé

As diversas acusações sobre a presença de uma liderança autoritária, projetada em mim [Pablo Capilé], implicam mais uma vez na tentativa de caricaturar novas formas de relação para além de polaridades e maniqueísmos, desqualificando os demais indivíduos da rede.

As lideranças da rede resultam, como em qualquer outra, da dedicação ao coletivo e seus participantes; e obtêm sua legitimidade e reconhecimento internos de acordo com ela.

A influência dos integrantes faz parte de uma complexa arquitetura, com diversas camadas temáticas e geográficas. Não existe uma relação linear entre influência e lideranças. Diversas decisões são tomadas e executadas diariamente sem a minha participação, e assumo as responsabilidades que a rede deposita em mim. E digo mais, são poucos os movimentos com tantas lideranças espalhadas por tantos estados como o *Fora do Eixo!* (**FAQ – Perguntas Frequentes – 4/9/2013**).

## Sobre remuneração e pagamento de cachês

A primeira coisa que a gente deve entender é que a questão da remuneração e questão de distribuição de renda no Brasil é um problema no Brasil.

[...] a gente arranhou de certa forma uma solução pra disponibilidade do ativista, nosso ativista tem 24h disponível, e ao mesmo tempo o custo dele é muito baixo porque é o custo dedicação, o amor e a paixão por aquilo tudo que está fazendo. Então, quando ele se dedica a algo, não cobra muito por aquilo, a gratificação é fazer. Então, em determinado momento a gente tem tempo disponível e baixo custo, e tudo isso acabou sendo construído pelo o que a gente hoje diagnostica, pelo que a gente chama de sistema de aceleração, é o sistema de disponibilidade. (**Pablo Capilé – s/d - Entrevista a Eduardo Soares**)

O Card (nossa moeda complementar) não é uma forma de pagamento de salário e nem remuneração exclusiva pra ninguém. O Card é uma possibilidade de viabilizar as necessidades dos coletivos e seus integrantes a partir de trocas de serviços efetivadas pelas partes.

[...] O pagamento de alguns cachês tidos como “simbólicos” em REAL, ganham corpo considerável quando somados aos pagamentos em Card (divulgação, hospedagens, alimentação, transporte, internet, bebidas, produtos, assessorias, ensaios, produção e tudo que é efetivado para o artista). O Card é uma solução para compensar e complementar a lacuna da remuneração escassa em REAL vivida no cenário cultural.

O Fora do Eixo sempre defendeu a sustentabilidade dos artistas como princípio, não estamos ajudando a construir uma rede nacional de música à toa. [...] E sustentabilidade não é somente cachê! Não há uma defesa para que os artistas não recebam, e sim que entendam o festival como uma plataforma de formação de público, para quem ainda não tem público formado. E mesmo assim os festivais todos buscam remunerar os artistas como os recursos que têm.

[...] muitos artistas deveriam encarar os festivais como parte desse investimento inicial [para ganhar solides a médio e longo prazo], aproveitando os ativos da cada localidade como formação de público, divulgação local, contatos e oportunidades de negócios pra sua própria carreira. Especialmente se é a primeira vez do artista naquele local e se o

contratante não é uma empresa, corporativa, com condições de pagar seu cachê, independente dos prejuízos.

Cabe ao artista querer ou não aceitar essa condição, como também cabe ao produtor fazer sua proposta para a banda, levando em consideração a carreira dessa banda, seu reconhecimento por parte do público e sua qualidade sonora. Muitas bandas que estão começando têm a oportunidade de tocar para mais pessoas, pois está no mesmo local que o público das diferentes atrações, que por consequência acaba conhecendo a banda.

[...] nosso entendimento é que a construção de plataformas coletivas, e a luta pela organização do setor musical e políticas públicas estruturantes são desafios fundamentais para a sobrevivência dos artistas nos dias de hoje. Para nós está claro que apenas a livre concorrência do mercado é uma lógica excludente e que não resolve o problema, e isso está comprovado historicamente. Ou seja, não podemos tratar a questão de forma simplista, como se estes problemas estivessem sendo colocados agora pelas mudanças trazidas pelo digital e também por uma discussão sobre cachês em festivais.

Os cachês não são exceções e menos de 30% dos festivais tiveram recursos captados via edital público, dos 100 festivais integrados à Rede Brasil de Festivais Independentes, tem de grandes festivais com ótimas estruturas quanto a pequenos que, ou estão começando, ou tem poucos recursos. Em 2012 foram 107 festivais e 19 tiveram recurso via edital público, o restante é feito com parcerias locais, pequenos patrocínios e ou recursos de bilheterias e bar. [...] Importante destacar que cerca de 40% dos festivais da RBFi não são de coletivos do Fora do Eixo e integram a rede com o intuito de trocas de tecnologias de produção e alcance em divulgação **(FAQ – Perguntas Frequentes – 4/9/2013)**.

## Sobre a moradia compartilhada

A Casa Fora do Eixo é uma experiência radical, humana, que envolve tudo que um ser humano tem, coloca o de melhor e o pior que ele acumulou com as experiências que ele teve durante todo esse processo. Teve 5, 6 que nasceram dentro desse processo, mas a grande maioria veio com 20, 22, 23 [anos] num processo fordista de formação, que você entra no pré-primário, e você vai no 1º ano, você faz o vestibular e você entra na universidade, você está o tempo inteiro voltado para concorrer e acumular. De repente você entra numa experiência dessa em que você não tem um dogma que fala “reverta tudo aquilo ali”. Você experimenta junto com outros a possibilidade de estar criando aquilo que você acredita que é o melhor pra soma desses indivíduos que estão todos juntos, mas é óbvio que assim como se cria o ambiente muito favorável pra esse novo mundo possível, pra você chegar nesse lugar têm vários enfrentamentos, têm vários desafios a serem superados **(Pablo Capilé – s/d - Entrevista a Eduardo Soares)**

A criminalização de experiências dos coletivos e redes com princípios comunitaristas e de valorização da vida partilhada e em especial as Casas, prejudicam não só o Fora do Eixo, mas todos que buscam alternativas concretas de colaboração fora dos padrões convencionais **(Comunicado Oficial da Rede Fora do Eixo – 12/8/2013)**.

O que precisa é as pessoas terem compreensão que outras formas de vida são possíveis, que as formas comunitárias são de grande valia para aqueles que muitas vezes não estão dispostos a viver de uma forma tradicional **(Pablo Capilé – 8/10/2013 – Entrevista a Antonio Abujamra, programa Provoações da TV Cultura)**.

## Gestão de recursos

Cada coletivo tem sua autonomia e caixa próprio. O Fora do Eixo só ajuda os coletivos a escrever projetos. [...] Mas não fazemos gestão de recursos de ponta, nada. O recurso é direto do coletivo. [...] A rede é distribuída, o sistema de gestão é um fluxo né? Não é um panteão de empresas que todo mundo é ligado pelo mesmo caixa. [...] O Fora do Eixo não recebe nenhuma porcentagem, nenhum valor. Mas às vezes é óbvio que o coletivo de Uberlândia pode emprestar recursos para o coletivo de Manaus. A gente tem um banco que ajuda as duas pontas dialogarem (**Pablo Capilé – Uol – 9/8/2013**).

## Perspectiva messiânica, sexismo, trabalho escravo

A tentativa de classificar a rede Fora do Eixo como seita religiosa busca explicitamente difamar o projeto. A criminalização de experiências dos coletivos e redes com princípios comunitários prejudica não só a rede, mas todos que buscam alternativas concretas de colaboração fora dos padrões convencionais do mercado (**FAQ – Perguntas Frequentes – 4/9/2013**)

Repudiamos também a risível tentativa de classificar as experiências das Casas como seitas religiosas, numa busca explícita de difamar o projeto (**Comunicado Oficial da Rede Fora do Eixo – 12/8/2013**).

A questão do comportamento é moralista e é hipócrita (**Pablo Capilé – 19/8/2013 – 16h25 – Entrevista concedida a Gisele Beiguelman - Fala, Pablo Capilé**)

Estas acusações [machismo e sexismo na rede] são gravíssimas e quem as coloca tem que estar preparado para provar. Temos plena convicção que isso, além de ser uma grande mentira, é um ato gravíssimo de calúnia e difamação [...].

As relações afetivas não são determinadas por regras do movimento, mas construídas por cada indivíduo, a partir dos desejos de cada um. [...] E as garotas que vivem nas casas Fora do Eixo estão sendo absolutamente desrespeitadas com este tipo de especulação. Isso sim é de um machismo intolerável (**Fora do Eixo – 16/8/2013 – Carta à Carta – resposta à revista Carta Capital**).

Nenhum morador, colaborador, parceiro ou qualquer pessoa relacionada aos coletivos da rede jamais foi submetido a trabalho escravo. A adesão a qualquer atividade e/ou projeto da rede, tal qual a desadesão, é livre, consciente e esclarecida, conforma informa a Carta de Princípios da Rede (**Comunicado oficial da Rede Fora do Eixo – 12/8/2013**).

## 5 DENTRO OU FORA DO EIXO?

Nos capítulos anteriores, pudemos seguir a rede do coletivo *Fora do Eixo*, acompanhar sua trajetória, verificar como o grupo se coloca em cena através do seu discurso, como se organiza em rede e conhecer as controvérsias que se suscitaram a partir das mediações do Passa Palavra e da imprensa. Neste último capítulo, pretendemos empreender uma reflexão sobre o que a rede *Fora do Eixo* e a cartografia de controvérsias/traduições em seu entorno revelam.

Não se trata de mais uma tentativa de categorizar o coletivo, mas sim de pensar sobre a questão que nos motivou a desenvolver este estudo, desdobrando algumas temáticas que atravessam o discurso e as práticas do coletivo. Ao fazê-lo, inevitavelmente estaremos oferecendo mais uma tradução do *Fora do Eixo*, mas também estaremos contribuindo para ampliar a participação de outros atores nesse processo.

Portanto, para compreender a ação político-social do coletivo *Fora do Eixo*, torna-se necessário retomarmos o olhar de Bauman (1999) e Latour (1994) para a atualidade, quando presenciamos um mundo povoado por híbridos, produtos da mistura entre as diversas categorias estabelecidas rigidamente durante a modernidade. É com a perspectiva de que o *Fora do Eixo* é um desses híbridos que vem provocando deslocamentos não só no campo da produção cultural, que vamos abordar seu discurso e suas práticas, à luz das controvérsias e traduções antes cartografadas.

A rede de sentidos construída em torno do coletivo nos possibilitou compreender a ação do coletivo na construção de interfronteiras no campo da produção cultural ao mesmo tempo em que registramos as tensões, contradições, questionamentos e perspectivas do coletivo.

### 5.1 DAS POLARIZAÇÕES ÀS INTERFRONTEIRAS

Nossa primeira observação sobre a cartografia realizada diz respeito às diferenças entre os dois momentos deste estudo. No primeiro período, os debatedores manifestaram-se principalmente por meio de artigos divulgados

publicamente (a maioria deles circulou em blogs na web) e em listas de discussão. A polêmica centrou-se, sobretudo, na aparente contradição entre o discurso e a prática da organização, abordando aspectos político-ideológicos e o tipo de trabalho desenvolvido pelo coletivo. Com quase nenhuma repercussão nos veículos de comunicação tradicionais, a discussão se deu no âmbito teórico, arregimentando argumentos que procuravam situar o *Fora do Eixo* em uma ou outra posição e, para isso, buscou-se desqualificar a rede ou mostrar sua falta de legitimidade.

No segundo período, quando a polêmica chegou à imprensa, o debate assumiu outro tom. Com matérias (sobretudo entrevistas e reportagens) recheadas de denúncias de ex-integrantes do *Fora do Eixo* a cobertura explorou o aspecto sensacionalista do assunto e o fato tornou-se espetáculo em alguns veículos. Diversas motivações emergem dos depoimentos dos ex-integrantes do coletivo, contaminado por rancores, mágoas, rugas e sentimento de vingança, mostrando novamente contradições entre o que se diz e o que se faz no *Fora do Eixo*. Da mesma forma, os relatos dos integrantes nos revelam pessoas convictas de seus ideais de construir um mundo melhor, baseado na cooperação e na solidariedade e, por isso, sentem-se felizes em participar do processo *Fora do Eixo*.

Apesar da diferença no formato e na abordagem, compreende-se, considerando a lógica da mídia e as características da linguagem jornalística, que as questões levantadas pela imprensa são as mesmas debatidas no período anterior. Entretanto, observamos que, em 2011, o debate ocorreu no plano ideológico, enquanto que, em 2013, foram trazidas à tona experiências dos que viveram e vivem as práticas do coletivo. Essa diferença enriquece nosso estudo, uma vez que nos permite abrir ainda mais o leque de mediações que permeiam a rede *Fora do Eixo*, questionando seu discurso e seu fazer e abrindo a caixa preta do coletivo.

Outro aspecto importante são as disputas que deram origem à onda de controvérsias nos dois momentos estudados. Em 2011, ao participar da organização de mobilizações e marchas na cidade de São Paulo, o *Fora do Eixo* passou a disputar espaço com outros movimentos que se ocupavam em articular e organizar lutas contra desigualdades, a favor da inclusão, anticapitalistas, dentre outras. Já em 2013, dada a visibilidade alcançada nos âmbitos nacional e internacional pela cobertura jornalística realizada durante as Jornadas de Junho, o *Fora do Eixo* invadiu o espaço dos grupos de comunicação dominantes, ao registrar grande

número de acessos ao site da Pós-TV, por meio do qual a Mídia Ninja transmitia os protestos continuamente.

Nas duas fases cartografadas foi possível constatar uma polarização acentuada nos posicionamentos defendidos. Nesse sentido, em 2011, observamos o artigo de Ivana Bentes em franca oposição ao do Passa Palavra, assim como, em 2013, a posição dos ex-integrantes se antagonizam com a dos membros do coletivo. O antagonismo revela as disputas que ocorrem no campo político-ideológico e social: direita-esquerda, capitalistas-anticapitalistas, patrões-empregados, discurso-prática são domínios solidamente delimitados, marcando posicionamento de grupos e antigrupos. Essas categorias se apresentam no debate como única possibilidade, delimitando fronteiras quase intransponíveis e dificultando a construção de interfronteiras.

A polarização pode ser constatada não só nos argumentos utilizados, mas também nos rastros digitais dos textos na web. Para se ter uma ideia, o artigo do Passa Palavra foi reproduzido em inúmeros sítios de movimentos sociais e blogs de ativistas e militantes de esquerda. Por outro lado, o texto de Ivana Bentes circulou entre gestores e coletivos de cultura, sendo multiplicado em inúmeros blogs do setor. Os depoimentos de ex-integrantes, inicialmente postados nas redes sociais (Facebook, principalmente), ganharam a mídia tradicional porque seu conteúdo atendia a inúmeros critérios de noticiabilidade, garantindo assim uma boa repercussão. Em alguns veículos, eles foram reproduzidos na íntegra, ou em trechos, e, em outros, pautaram a reportagem divulgada. Nesse caso, a polarização torna-se evidente quando observamos que determinados veículos não respeitaram regras básicas do jornalismo: ouvir o outro lado, ou informar sobre a ligação de jornalistas com o coletivo (seja como dissidente, seja como integrante). Poucos foram os veículos que, na mesma matéria, deram voz a ambos os lados, buscando mais neutralidade na abordagem, o que demonstra engajamento e defesa de posicionamentos que se opõem.

Na cartografia das materialidades reunidas em 2011, a polarização do debate redundou em muitas tentativas de categorizar o *Fora do Eixo*: são de esquerda ou de direita, capitalistas ou anticapitalistas, empresários ou ativistas? Os argumentos apresentados para isso demonstram o jogo de poder e força que vai se desenrolando na construção dos fatos e estão fortemente entrelaçados com

crenças, interesses, ideologias e com outras redes das quais participam seus defensores, conforme pudemos perceber ao registrarmos o lugar de fala dos autores dos textos.

Protagonista do debate, o *Fora do Eixo* centraliza e personifica os modelos antagônicos representados nos artigos “A esquerda fora do eixo”, do Passa Palavra, e “A esquerda nos eixos e o novo ativismo”, de Ivana Bentes. Assim, o *Fora do Eixo* é, para o Passa Palavra, o novo modelo de negócio do capitalismo, que explora o trabalho imaterial; representa a classe de gestores em ascensão no Brasil; é constituído por jovens da geração digital, 2.0, que não tem rancores e, portanto, neutraliza o conteúdo político das mobilizações sociais, pois o que lhe interessa é o público que frequenta as manifestações como consumidores de seus produtos. Para Bentes, o *Fora do Eixo* são os legítimos representantes do novo ativismo, da nova esquerda pós-fordista, que agem como *hackers* do capitalismo e apontam para novas formas de luta; é a geração em rede que experimenta novas dinâmicas de trabalho e subjetividades com base no comum.

Trata-se, então, de observar o fenômeno com lentes dicotômicas: de um lado, aqueles que veem na luta de classes e na revolução o caminho para chegar ao poder; de outro, os que acreditam na resistência criativa, que reinventa e atua de forma transversal às tradicionais. Nesse quadro, como pudemos verificar na cartografia, outros posicionamentos desvelam contradições nas duas traduções do *Fora do Eixo*, apontam para a necessidade de se buscar uma forma de que os projetos se complementem, reconhecem que a esquerda precisa renovar seus modos de luta, buscar outros caminhos, ou a forma de construí-los, sob o risco de perder esses movimentos para o capitalismo.

Concordando majoritariamente com um ou outro projeto, os posicionamentos cartografados mostram a imperiosa necessidade de se encontrar outras ferramentas teóricas que permitam discutir a complexidade do problema sob novas perspectivas. Encontrar o ponto em que a luta se concretize (CAVA: 2011). Caso contrário, as análises continuarão a ser prisioneiras dos seus próprios enunciadores, como afirmam Parra e Adams (2011).

O posicionamento da Universidade Nômade é, dentre aqueles que foram cartografados, o único que aponta claramente para uma forma de luta que alia elementos dos dois projetos: a perspectiva do comum como esfera transversal e

híbrida de luta (Ivana Bentes), mas necessariamente antagonista ao capital (Passa Palavra), não como entidade hegemônica, mas enquanto relação social.

No que se refere às controvérsias manifestadas em 2013 percebemos que, após o sucesso da cobertura da Mídia Ninja durante os protestos do mês de junho daquele ano, a imprensa tradicional mobilizou-se para compreender esse fenômeno e, pautada pela avalanche de críticas, desabafos, acusações e, sim, muitos insultos ao *Fora do Eixo*, elevaram o coletivo à condição de protagonista, o que evidenciou seus pontos fracos e, mais uma vez, a caixa preta do *Fora do Eixo* foi aberta.

Em 2013, chamou-nos a atenção o bombardeio a que a rede *Fora do Eixo* foi submetida, sendo alvo simultaneamente de ativistas de esquerda, do macarthismo da direita e da grande imprensa. Artistas, músicos, ex-integrantes da rede, produtores culturais e jornalistas criticaram e acusaram o coletivo de assédio moral, estelionato e exploração de trabalho análogo à escravidão. Nas redes sociais, Azevedo relata que o coletivo foi vítima de um de seus métodos de combate político, o *bullying virtual*, sendo linchado moralmente<sup>87</sup>. Como bem avalia Azevedo, “há muitos ruídos nessa balbúrdia, e temos que desconsiderá-los se realmente pretendemos ouvir as vozes relevantes”. Eventuais delitos cometidos pelo coletivo devem ser julgados nas instâncias competentes e, portanto, não serão aqui discutidos. Lembramos que o objeto deste estudo são o discurso e as práticas do *Fora do Eixo*, na tentativa de compreender sua ação sociopolítica na sociedade.

O que percebemos nos depoimentos divulgados, alguns deles repletos de ressentimento, foi que os sentimentos com relação ao *Fora do Eixo* estavam represados, foram se acumulando gradativamente e explodiram, aproveitando a oportunidade do depoimento de Beatriz Seigner que se tornou viral nas redes sociais e impulsionou a divulgação da série de outros que surgiram na sua esteira. Novamente, como nos aponta Latour (2012), vimos o surgimento de grupos e antigrupos nesse constante movimento do social em formação.

Nesse cenário, avaliamos como importante indagar sobre a conveniência das críticas terem surgido no momento de maior visibilidade e protagonismo do *Fora do Eixo*, na esteira das ações da Mídia Ninja. E, ainda, se considerarmos que as

---

<sup>87</sup> O professor André Azevedo da Fonseca é pesquisador do Centro de Educação, Comunicação e Artes (Ceca), da Universidade Estadual de Londrina (UEL). No artigo “Fora do eixo: raízes do ressentimento”, Azevedo procura compreender a avalanche de críticas sofrida pelo coletivo. Disponível em: <<https://medium.com/politica-no-brasil/ce094cd0853f>>

estruturas hegemônicas estão sempre comprometidas com um determinado ordenamento social, podemos pensar na hipótese de que as ações podem ter sido uma estratégia para desconstruir e retirar legitimidade da rede no jogo das disputas que se configuram. O jornalista Duanne Ribeiro<sup>88</sup> expressa assim essa indagação: “De onde veio a energia para tamanha e tão difundida reação adversa ao FdE?”. Ele não acredita que isso ocorreu apenas pela vontade generalizada de esclarecer esse assunto polêmico, ou pelo mérito próprio da questão. Chama sua atenção que, poucos dias após a exibição do programa Roda Viva, foi criado um *leaks* do *Fora do Eixo*, o que nunca foi feito no Brasil com nenhuma empresa, partido, time de futebol, que outros casos de exploração de trabalho análogo à escravidão, de funcionários expostos a situações vexatórias, de líderes messiânicos e autoritários, por exemplo, não tenham recebido essa atenção nem propiciado “metade da balfúrdia” que o caso do *Fora do Eixo*.

O questionamento não invalida o fato. Como estudamos e seguimos a trajetória do grupo, percebemos que essas críticas, ou a maioria delas, não são novas na existência do coletivo, que as enfrenta desde sua origem em Cuiabá, conforme pudemos mostrar anteriormente. Desde então, as práticas do coletivo suscitam discussões acaloradas e as respostas do coletivo se repetem como pode ser constatado ao realizarmos a cartografia<sup>89</sup>.

Artistas sentem-se explorados pela falta de pagamento de cachês ao que a rede responde defendendo o conceito de “artista pedreiro” em contraposição ao “artista iluminado”. Eles também criticam o modelo do *Fora do Eixo* que não é autossustentável, sendo necessário depender de verbas públicas ou privadas, sob a forma de incentivos ou patrocínios, o que subordina a rede aos interesses dos investidores. A esse respeito, o coletivo reafirma sua independência, pois não vê subordinação ideológica ou partidária quando o Estado tem a obrigação de investir em cultura. Sobre os parceiros da rede privada, entende que eles já são beneficiados com a isenção fiscal, o que não vincula a rede a seus interesses.

---

<sup>88</sup> Ele se apresenta como analista de comunicação para o Itaú Cultural, editor-assistente e colunista do Digestivo Cultural e editor da revista Capitu. É também pós-graduado em gestão cultural. O texto “Passe Livre, FdE e Black Blocs – enquanto mídia” está disponível em: <[http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=3832&titulo=Passe\\_Livre%2C\\_FdE\\_e\\_Black\\_Blocs\\_-\\_enquanto\\_Midia](http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=3832&titulo=Passe_Livre%2C_FdE_e_Black_Blocs_-_enquanto_Midia)>

<sup>89</sup> A esse respeito ver capítulos 2 e 4.

Além disso, os produtores acusam a organização de promover a marca *Fora do Eixo* em detrimento do trabalho do artista, capitalizando suas ações (organizar e promover festivais, captar recursos, fazer circular bandas...) em prol da imagem da rede. Os integrantes do *Fora do Eixo* defendem que essa é uma estratégia para empoderar e fortalecer o coletivo e os resultados disso são distribuídos na rede. Parceiros e ex-integrantes reclamam também de atraso ou falta de pagamento dos “cards” recebidos, enquanto a rede explica que não é caloteira, que todos os débitos são negociados e pagos, mesmo que muitas vezes com atraso.

Com relação às práticas cotidianas de compartilhamento do comum, alguns ex-integrantes apontam várias contradições entre o discurso e a prática do coletivo. Dentre outras, verticalização e hierarquia ao invés de horizontalidade e participação democrática dos integrantes; intolerância ao dissenso e tratamento diferenciado dado aos que pertencem à cúpula da rede em contraposição à igualdade e abertura às críticas tão propalada; controle rígido das atividades e relacionamentos dos integrantes mais próximos ao topo da pirâmide em desfavor da liberdade defendida pelo coletivo; a desigualdade na partilha do comum entre os moradores da casa, desde tarefas domésticas até a utilização do caixa coletivo. Tudo isso, como vimos, é negado pelos porta-vozes da rede e por alguns integrantes e moradores das casas também, respaldando sua negativa nas diferentes visões sobre a vida em comum.

No que tange ao papel dos mediadores na rede conformada pelo *Fora do Eixo*, cabem algumas observações importantes. A cartografia foi realizada a partir de dois mediadores, que provocaram deslocamentos na rede, produzindo desvios no curso dos acontecimentos (LATOUR: 2012). Assim, a tradução do Passa Palavra, ocorrida à revelia do *Fora do Eixo*, pode ser considerada uma traição ao se contrapor à lógica do coletivo, argumentando que existe uma contradição entre seu discurso e sua prática. Ao deslocar o posicionamento da rede *Fora do Eixo*, o Passa Palavra desencadeia a ação de outros atores, criando novas conexões, outras associações, abrindo novas vias de diálogo e negociações de sentidos, fazendo fazer, como aponta Latour. Foi o que ocorreu com a esquerda, por exemplo, ao ter de refletir sobre seu agir diante do novo cenário de mobilizações que ocorreram no país. Ou com o *Fora do Eixo*, que saiu de sua zona de conforto, tendo que dar explicações, abrir-se às críticas e convocar seus opositores para um debate.

Da mesma forma, a mediação da imprensa foi fundamental, pois a linha editorial dos veículos encerra sólidas forças sociopolíticas, constituindo-se como espaço de tradução das questões que importam aos atores da sociedade. Nesse sentido, ao dar visibilidade à rede do *Fora do Eixo*, a imprensa provocou uma reação em cadeia de atores favoráveis ou não aos seus modos de viver e agir. Daí, novamente, pudemos observar o embate produzido no campo das ideias, a formação de grupos e antigrupos, as tênues tentativas de negociação, quase nenhum consenso e acentuada polarização nos posicionamentos.

As diferentes traduções do *Fora do Eixo* que foram cartografadas podem ser observadas no diagrama abaixo, numa tentativa de sintetizar os posicionamentos sobre o coletivo.

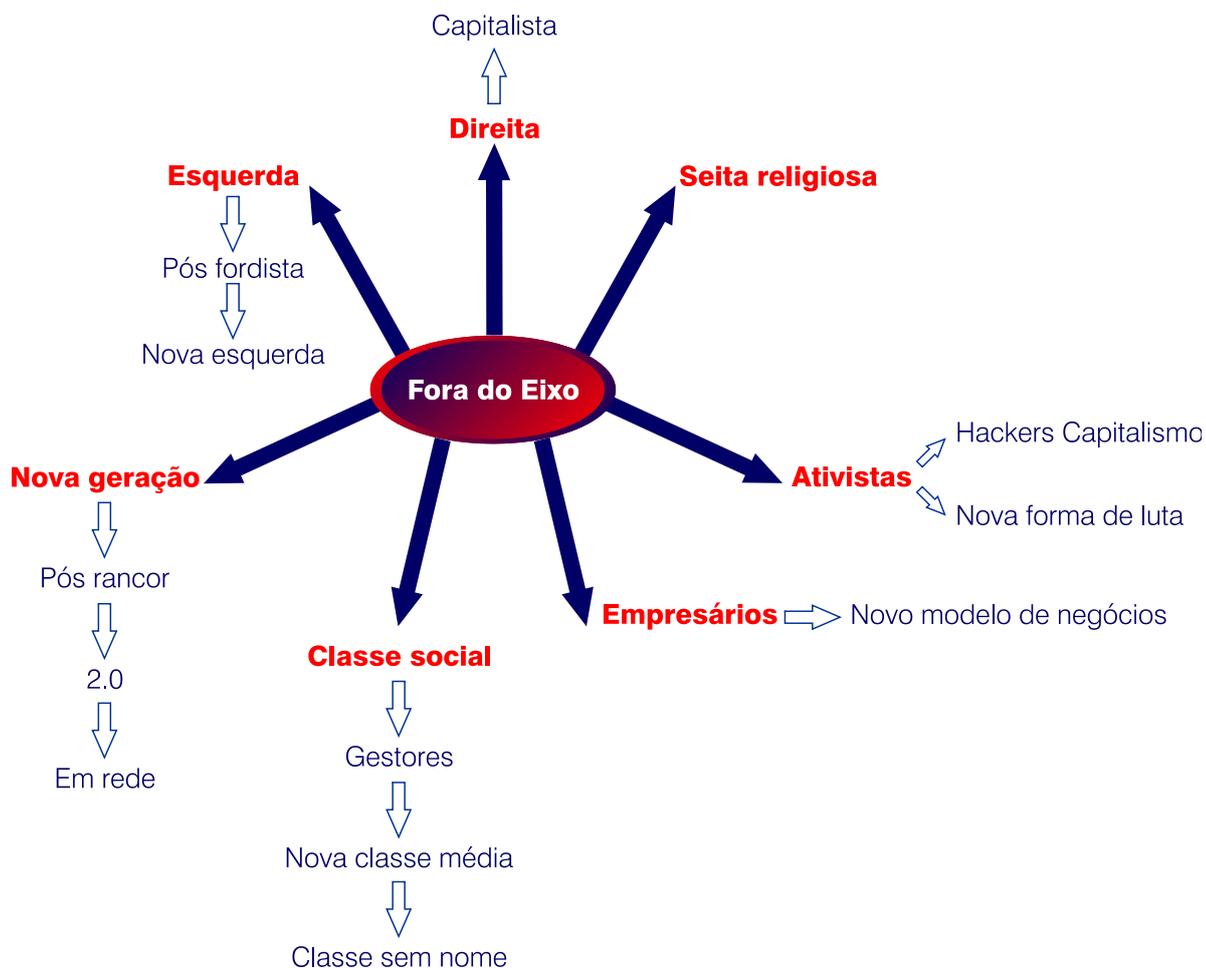


Figura 25: Traduções do Fora do Eixo

As polarizações refletem uma posição moderna que, sob o olhar dos autores que nos embasam, não pode mais ser aceita, pois como diz Latour, “jamais fomos modernos” (1994). Por isso, ao estudarmos o discurso, as práticas e as traduções do *Fora do Eixo* buscamos identificar a construção de interfronteiras que possibilitem colocar em cheque estruturas rigidamente delimitadas, que possam calar diferenças e/ou esvaziar pretensões absolutas. Das práticas controversas do coletivo em estudo, elegemos as que apontam para algum tipo de deslocamento, de desvio, de outro fazer, e vamos discuti-las nas seções subsequentes.

## 5.2 ORGANIZAÇÃO FORA DO EIXO

Desde sua origem em Cuiabá, em 2001, verificamos que o coletivo foi se definindo com o passar do tempo. E a principal evidência disso pode ser observada nas várias denominações do grupo desde sua criação e também na forma de seus integrantes se referirem ao coletivo. Vimos que, inicialmente, o grupo começou atuando sob a denominação *Cubo Mágico*, numa alusão às caixas acústicas utilizadas pelos músicos, mas que também pode ser uma referência à cultura elevada ao cubo, ou ainda ao quebra-cabeça tridimensional “cubo mágico”, que desafia o raciocínio lógico do usuário para montá-lo, dado o grande número de combinações que oferece ao girar suas arestas e vértices.

O grupo logo ficou mais conhecido como *Espaço Cubo*, nome alusivo ao Instituto Cultural criado por eles e também à sede do coletivo. Em seguida, passou a chamar-se *Circuito Fora do Eixo* e hoje, em seu portal na internet, observamos que a organização denomina-se apenas como *Fora do Eixo*. Paralelamente, encontramos nas falas de seus integrantes referências ao grupo como sendo um coletivo, um circuito, uma rede, um movimento social, além de um laboratório, uma incubadora...

Essas várias denominações nos incomodavam quando nos referíamos à organização, pois não sabíamos como nominá-la. Foi então que passamos a refletir sobre as noções que o grupo convoca para definir-se, numa tentativa de decidirmos como nos referir a ele. E, lógico, a primeira delas foi a noção de espaço relacionada à pequena casa que os jovens ocupavam no centro da capital mato-grossense, fazendo dela sua sede original.

Era lá que seus integrantes se reuniam para idealizar e executar projetos, tomar decisões, trabalhar na organização de eventos, administrar as finanças do grupo, realizar oficinas e tantas outras atividades. Essa dinâmica nos remete a Certeau quando fala de espaço como um lugar animado pelo conjunto de movimentos que aí se desdobram, produto das relações humanas tecidas no plano vivido. Trata-se do espaço como “lugar praticado” (1994: p. 202), sujeito a transformações e, portanto, extremamente instável.

O conceito nos ajudou a compreender que os lugares praticados pelo *Fora do Eixo* são espaços nos quais se constrói uma rede de significados que dão sustentação ao grupo. Nas casas do coletivo, nos congressos, nos festivais, na web e em tantos outros lugares o coletivo vai tecendo sentidos num processo que se retroalimenta de maneira dinâmica e fluída, fruto das conexões estabelecidas em rede.

No dizer de Lemos (2012), é o espaço relacional, ou o espaço-rede, e, por isso, transcende a ideia de algo concreto, que pressupõe uma “infraestrutura por onde passam coisas”. Se entendido em sua dinâmica móvel e associativa, o espaço-rede do *Fora do Eixo* está sempre em construção e, por conseguinte, os sentidos que por ele circulam também. Assim, embora a palavra espaço não faça mais parte do nome do coletivo, é necessário considerar essa espacialidade para compreender por onde e como circulam os diferentes discursos que constroem subjetividades e produzem identidade com o *Fora do Eixo*.

A fase *Espaço Cubo* do grupo funcionou como um grande laboratório de práticas que, posteriormente, foram refinadas e ampliadas com a criação do *Circuito Fora do Eixo*. A palavra circuito é usada então para designar o percurso da produção cultural, conformando uma cadeia produtiva alternativa à indústria cultural, fora do *mainstream* que inicialmente (2005) estava situado fora do eixo Rio-São Paulo. Já o termo “coletivo” pode remeter à ideia de grupos que trabalham em conjunto, em torno de um projeto comum, geralmente artístico ou político como define Scovino (2010), sem estabelecer hierarquias internas.

Com a quantidade crescente de coletivos que foi aderindo à proposta do grupo, o circuito ampliou-se e o coletivo foi sofisticando seu modo de organização.

Sob a influência do programa Cultura Viva<sup>90</sup>, implementado pelo Ministério da Cultura, durante a gestão Gilberto Gil/Juca Ferreira (2004-2010), o coletivo estruturou-se em rede para viabilizar um amplo circuito econômico de produção e distribuição cultural. Com a elaboração da Carta de Princípios e do Regimento Interno (atualizado em 2013), durante o II Congresso Fora do Eixo, em Rio Branco-AC, em 2009, a organização normatizou suas práticas e, em 2010, instalou-se em São Paulo, onde hoje vivem os integrantes do núcleo estruturante da rede.

A partir de então, é possível distinguir claramente os três níveis que Musso (2010) identifica em uma rede: o da interação (possível de ver nas conexões, vínculos e relacionamentos descritos na primeira parte deste estudo); o da estrutura (que revela conexões dinâmicas, fluídas, instáveis) e o da normatização (estabelecida nos documentos que regulam as atividades do coletivo).

Se entendermos a importância do uso do modelo de rede como a sua capacidade de apontar caminhos para a ação social (MARTINHO: 2011), veremos que o *Fora do Eixo* se organiza em rede de trabalho que convoca princípios como o da colaboração e solidariedade, enfatizando valores de associativismo e cooperativismo para alcançar seu objetivo: constituir o chamado Sistema Fora do Eixo de Música e Cultura Independente para “suplantar a lógica do modelo ainda predominante da indústria fonográfica (as *majors* e seu *modus operandi* contratual) pela lógica do ‘mercado médio’ cultural” (CARTA DE PRINCÍPIOS: 2009. Grifos do documento). Na Carta, encontramos também referência ao modo de organização descentralizado, democrático e participativo, que estimula a gestão autônoma.

Ora, como mostramos no capítulo anterior, alguns desses princípios e valores enunciados no discurso do *Fora do Eixo* são alvos de controvérsias e de críticas de ex-integrantes, que relatam experiências nas quais ocorre justamente o contrário. Observar que tipo de rede é o *Fora do Eixo*, por meio dos padrões que apresenta em sua topografia, pode contribuir para continuarmos o processo de compreender o fenômeno estudado. É importante deixar claro que aqui não estamos falando de quantidade de conexões entre um nodo e outro como tem sido usual nas análises de

---

<sup>90</sup> Criado em 2004, o Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania – Cultura Viva tem a finalidade de estimular e fortalecer no Brasil a rede de criação e gestão cultural com base nos Pontos de Cultura. Esses pontos são entidades reconhecidas e apoiadas financeiramente pelo Ministério da Cultura para desenvolverem ações de impacto sociocultural em suas comunidades. Informações disponíveis em: <<http://www.cultura.gov.br/culturaviva/ponto-de-cultura/>>

redes sociais na internet. O que nos interessa é identificar os padrões das conexões a partir de sua representação simbólica.

Partimos, assim, da topologia das redes sociais de Paul Baran (1964), que identifica três tipos de organização em rede, representados nos seguintes diagramas:

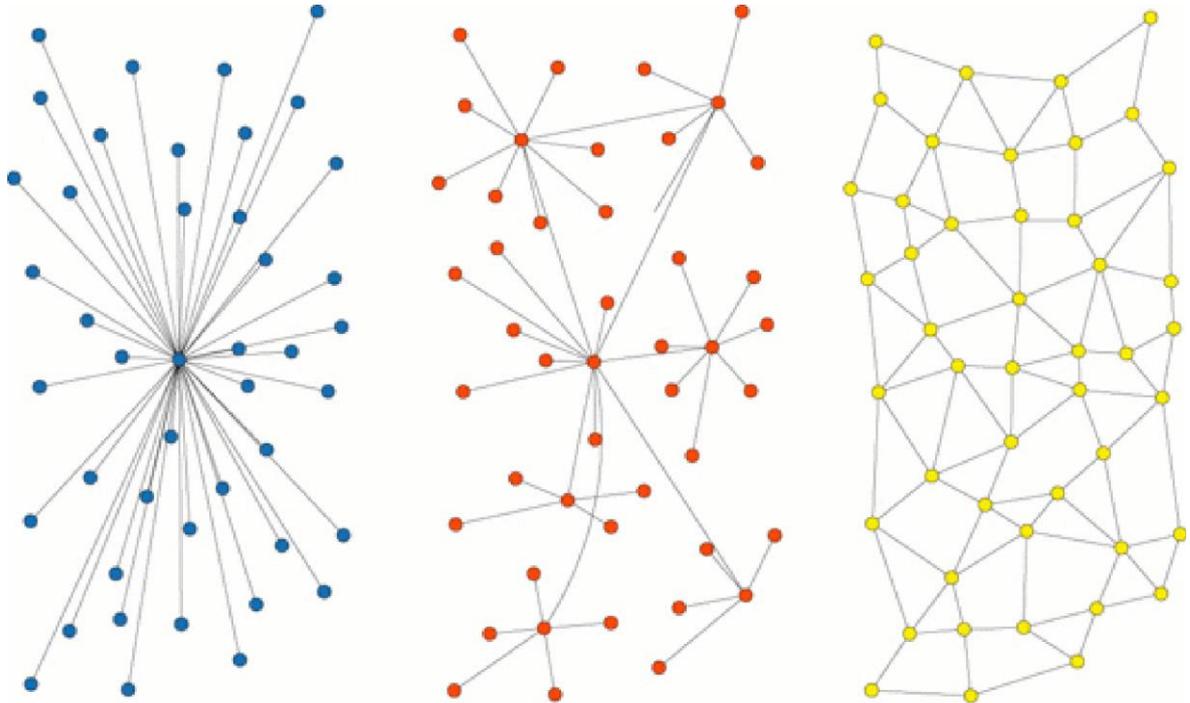


Figura 26: Topologias das redes de Paul Baran

Na imagem à esquerda, observamos o padrão de uma rede centralizada, na qual um nodo se conecta com todos e na imagem à direita vemos seu oposto: a chamada rede distribuída, onde todos os nodos se conectam entre si (nas figuras não vemos representadas todas as possibilidades de conexão entre os nodos, mas sabemos que todos os caminhos são possíveis em se tratando de redes). É no intervalo entre ambos os padrões que se situam a maioria das redes existentes, pois há diferentes graus de centralização. Dessa forma, as redes descentralizadas, como são nomeadas pelo autor, podem estar mais ou menos próximas de uma rede centralizada ou de uma rede distribuída.

Observemos agora o diagrama por meio do qual o Fora do Eixo representa sua rede.

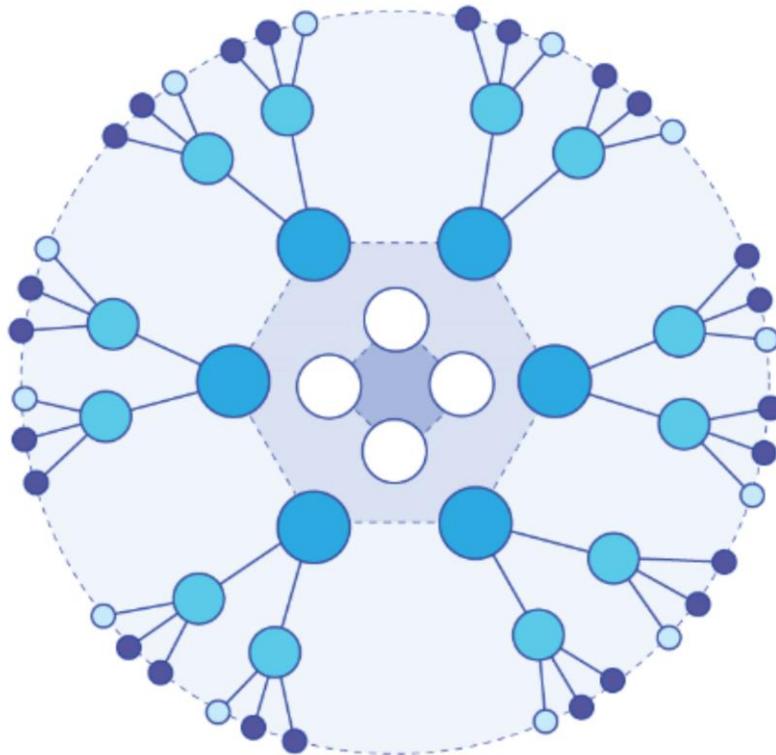


Figura 27: Diagrama da rede Fora do Eixo.

Vemos que o coletivo apresenta um padrão descentralizado porque apresenta vários centros que se conectam a outros grupos pequeno de nodos, constituindo-se em uma rede que preferimos chamar de híbrida (descentralizada, para Baran) porque, na tentativa de obter uma organização melhor distribuída, mistura os dois padrões.

Franco (2009) argumenta que as redes distribuídas são movimentos de desconstrução de hierarquia justamente pelo estabelecimento de múltiplos caminhos. Nesse sentido, não é possível relacionar centralização (hierarquia) e poder em uma estrutura reticular. Pelas suas características, a rede, como elemento organizativo, desempenha papel estratégico para o *Fora do Eixo* se colocar em cena como uma organização cujas relações são menos centralizadas, mais horizontalizadas, democráticas e participativas.

Um coletivo que se estrutura em rede, para Scherer-Warren (2006), refere-se a conexões numa primeira instância comunicacional, com o objetivo de difundir informações, buscar apoios solidários e até mesmo definir estratégias de ação

conjuntas. Segundo a autora, os coletivos não definem por si mesmo um movimento social, mas são partes constitutivas dos movimentos sociais, pois as redes de movimentos sociais são complexas, construindo-se dialogicamente, formando a identidade do movimento e definindo campos de conflito e resistência a seus adversários. Tudo isso “[...] na direção da realização de propostas ou projetos alternativos, ou seja, estabelecem seus objetivos, ou constroem um projeto para o movimento”. (SCHERER-WARREN: 2006)

Foi recorrente nos depararmos com as expressões “coletivo de coletivos”, ou “rede de redes”, para definir a organização. O diagrama mostrado na Figura 26 nos permite visualizar o *Fora do Eixo* como uma rede que se conecta a outras inúmeras redes, pois cada um dos nodos que representam os Pontos Fora do Eixo (outros coletivos) também se organizam em rede, sob a própria orientação do Fora do Eixo. Dessa forma, podemos compreender sua definição no novo Regimento Interno (2013) como uma rede colaborativa (pautada pelo trabalho cooperativo) de coletivos de cultura (grupos que trabalham em conjunto), que se caracteriza como movimento social (tem identidade, projeto e objetivo) e circuito cultural (tem um percurso definido).

Mais recentemente, Pablo Capilé declarou em entrevista que o coletivo funciona como uma incubadora, estimulando o desenvolvimento de projetos ou de outros coletivos de cultura. Nesse sentido, segundo ele, funciona como um ambiente propício, fornecendo apoio financeiro, orientação sobre o uso de ferramentas de gestão e troca de conhecimentos até que a nova organização se torne independente ou o projeto se desenvolva. Particularmente, parece-nos que o *Fora do Eixo* está, mais uma vez, ajustando-se à realidade que se lhes apresenta.

O fato é que de espaço a circuito, de rede a movimento social as transmutações do *Fora do Eixo* não devem terminar por aqui. Frequentemente seus integrantes são questionados sobre suas aspirações futuras, sendo indagados acerca de sua pretensão em formar um partido político para chegar ao poder. O *Fora do Eixo* já criou o simulacro de um partido (Partido Fora do Eixo)<sup>91</sup>, e participou da formação do PCult e, embora Pablo Capilé tenha negado inúmeras vezes essas pretensões, foi possível observar certa tendência do coletivo a ser “eixo” e, se o

---

<sup>91</sup> Ver mais a esse respeito no capítulo 3.

grupo realmente não desejar sê-lo, deverá enfrentar o desafio de não ser cooptado por partidos políticos ou pelo Estado.

Pelo que observamos, concordamos com Barcellos ao afirmar que o *Fora do Eixo* é uma organização diversa, que não se enquadra totalmente em um só conceito no sentido estrito, o que torna a tarefa de defini-lo em um desafio, pois, como afirma a pesquisadora, “ora é uma coisa, ora outra, ora mais de uma, numa fluidez difícil de apreender e acompanhar” (2012, p.172). O fato do coletivo não se configurar como uma organização formal (associação, cooperativa, ONG, por exemplo) traduz, na visão de Barcellos, uma tentativa de manter o *Fora do Eixo* como “algo aberto que pudesse dar conta de diferentes demandas” (Idem, p. 184).

Assim, da mesma forma que as noções de rede e espaço podem ser apropriadas para designar o *Fora do Eixo*, os termos circuito e coletivo também remetem a modos de agir e trabalhar que condizem com as práticas do coletivo. Mesmo apresentando tendências à verticalização e à centralidade, como apontam alguns de seus críticos, o *Fora do Eixo* pode encaixar-se nos conceitos de rede e coletivo, ainda que não totalmente.



Figura 28: Denominações da organização

Nos documentos que normatizam a rede, bem como no discurso de seus integrantes, tudo isso está enunciado pela organização, conforme descrevemos ao longo deste relato. Os objetivos do coletivo estão registrados em vários textos, conversações, diálogos, entrevistas e documentos disponíveis na web. Ao seguirmos a rede, pudemos rastrear essas textualidades, selecionando as que ilustram este trabalho com vistas a compreender a ação política da rede *Fora do Eixo*. Portanto, o argumento de que o *Fora do Eixo* esconde suas intenções é inaceitável, uma vez que estão disponíveis em vários sítios na web. Já as controvérsias, as contradições, o dissenso e o consenso em torno ao discurso do *Fora do Eixo* é outra questão.

As denúncias que chegaram, em 2013, sobre a centralidade nos processos de decisão, sobre as práticas verticais do *Fora do Eixo* confirmam nossa percepção nesse sentido, pois já havíamos lido depoimentos anteriores nesse sentido (aliás, voltamos a frisar que essa prática acompanha o coletivo desde sua experiência em Cuiabá). Mesmo entendendo que uma rede deve ter um porta-voz e reconhecendo a liderança e a oratória convincente de Pablo Capilé, chama atenção a enorme identificação do coletivo com a sua figura, assim como a excessiva exposição de sua pessoa. A falta de rotatividade na composição do chamado núcleo da rede também é preocupante na medida em que revela um processo nem tão participativo e democrático como enunciado, colocando em cheque as instâncias representativas da rede – Mariele Ramires e Lenissa Lenza, por exemplo, são fundadoras do Espaço Cubo junto a Capilé em Cuiabá e desde então permanecem à frente da organização.

Especialistas em rede apontam que a maioria delas conta com pessoas ou núcleos responsáveis pela facilitação, ou coordenação da rede, estruturados em conselhos, diretoria, coordenação. Porém,

[...] quanto mais fortes e centralizados esses núcleos, menores tendem a ser a participação e o ‘empoderamento’ dos membros; núcleos de coordenação fortes podem acabar sendo vistos como ‘prestadores de serviço’ ou levar disputas de poder, inibindo a participação e a formação de lideranças alternativas na rede (ADULIS; FALCONER apud ADULIS: 2011).

Se considerarmos ainda que o famoso “lastro” é o critério utilizado para dar voz aos integrantes da rede, como anuncia o próprio Capilé em entrevistas antes

mesmo de Laís Bellini falar sobre isso, torna-se evidente a necessidade de o *Fora do Eixo* rever esse discurso, ou corrigir suas práticas, sob o risco de estar praticando um engodo. Ao prefaciar o livro *Vida em Rede* (2011), Paulo Castro<sup>92</sup> afirma que uma das lições mais significativas que aprendeu ao longo de 20 anos de experiência de fomento à formação de redes no Brasil “foi que a simetria nas relações é elemento essencial para o sucesso das redes. Redes não podem ter um dono – ao contrário, devem ser um bem compartilhado”.

De seu lado, Adulis (2011) adverte que o baixo grau de compromisso e participação dos membros de uma rede pode levá-la ao esvaziamento e empobrecimento. Daí, talvez, a preocupação do *Fora do Eixo* em estimular constantemente seus integrantes ao “networking” (atuação e formação em rede). A questão é, como fazer isso? Os ex-integrantes falam em coerção, “choque pesado”, constrangimento, comportamentos obviamente contraditórios com os princípios e valores expressos nos documentos que normatizam a rede.

Dentre as principais dificuldades enfrentadas pelas redes, Adulis destaca:

- Nutrir a participação e assegurar o compromisso dos membros.
- Promover o empoderamento de outras lideranças.
- A baixa memória institucional, decorrente da rotatividade de membros e participantes.
- A baixa legitimidade da rede junto a instâncias formais.
- Assegurar os recursos necessários para a sustentabilidade da rede.
- Existência de desconfianças ou disputas internas.
- Desenvolver mecanismos adequados de governança.
- Monitorar e avaliar resultados.
- Prestação de contas (accountability) (2011: p. 140).

Os desafios não são poucos nem pequenos, mas, ao utilizar a rede como estratégia organizativa, o *Fora do Eixo* entendeu e pôs em prática um trabalho articulado entre organizações culturais as mais diversas, apostando na complementaridade de esforços para, segundo seu discurso, transformar realidades. Se é assim, o coletivo precisa também aceitar os ensinamentos que própria rede produz, corrigindo suas distorções em prol do bem comum.

---

<sup>92</sup> Diretor-presidente do Instituto C&A, organização de atendimento à criança e ao adolescente.

### 5.3 VIDA, TRABALHO E CULTURA FORA DO EIXO

Caixas coletivos, moedas sociais, redes integradas, mercados solidários e vestuário de uso comum são algumas das práticas do Fora do Eixo que, como vimos, apontam para uma potencial mudança no modo de vida, baseada no compartilhamento. Trata-se da constituição do comum, aquilo que, como sabemos, não é assunto novo, pois falamos aqui da perspectiva de um modo de organização política das forças produtivas e das relações de trabalho, cuja base encontramos no marxismo: o modo de produção determinando o modo de vida. Neste caso, a cooperação e o escambo são a base material para a constituição de redes de produção cultural.

Pois bem, essa prática do coletivo também é alvo de controvérsias, pois como bem aponta a Uninômade (2012), o comum “é substância híbrida que não é eclética, mas atravessada por atritos e conflitos e que troca energia a todo momento entre as divisões sociais e as pautas políticas, entre a materialidade da pobreza e a reapropriação da riqueza social”. Nessa perspectiva é possível compreender as vozes dissonantes, dado que a constituição do comum não se dá de forma homogênea e consensual. Os moradores das casas fora do eixo e o próprio Capilé reconhecem que a vida em comum “não é o céu” e que não é fácil misturar vidas, sendo necessário lutar constantemente por harmonia.

A diferença entre os posicionamentos pode ser explicada pelo maior ou menor encantamento de cada um com *Fora do Eixo* e pelas mensagens de alegria e felicidade que seus integrantes sempre transmitem, seja nas redes sociais, seja em entrevistas, porque é assim que se sentem genuinamente. A demonstração de que há união, solidariedade e uma relação construída na base da confiança e honestidade atrai o interesse de muitos. Tanto é assim que, em quase todas as falas daqueles que hoje criticam o coletivo, o relato começa com a explicação de que entraram para o *Fora do Eixo* porque viram ali a possibilidade de transformar o mundo para melhor e depois foram se desencantando com o projeto.

Para além das dificuldades de viver comunitariamente, lembremos que Laís Bellini relatou o tratamento diferenciado dispensado aos moradores da Casa Fora do Eixo São Paulo e à “cúpula” do coletivo em vários aspectos: na distribuição das tarefas domésticas, no uso do caixa coletivo, na cobrança constante sobre as

atividades desenvolvidas... Isso ocorre? Segundo os integrantes da rede não, o que torna difícil uma avaliação porque outra vez nos deparamos com a polaridade nos posicionamentos e, numa questão controversa como esta, só os que experimentam e vivenciam podem opinar.

Manuel Castells (2003) nos fala dos laços que constituem uma comunidade, classificando-os em “fortes” e “fracos”. Os primeiros corresponderiam aos laços íntimos encontrados nas relações mais estreitas, como as familiares ou de amizade. Já os laços “fracos” são, como o próprio nome indica, mais frágeis, característicos de relações menos duradouras, geralmente encontrados em redes de sociabilidade e nas redes sociais da internet. Se olharmos para os laços que unem os integrantes da rede fica evidente que os moradores das casas fora do eixo estão ligados por laços mais estreitos que os parceiros e coletivos de fora da rede que geralmente se conectam pelas listas de *e-mail*.

A convivência diária presencial nas casas gera mais situações de conflito, diferentemente daqueles que mantem laços mais frágeis com os integrantes dos núcleos de referência da rede. Daí a preocupação constante das lideranças em não só ampliar laços, mas também de consolidar aqueles já construídos para fortalecer a rede, uma vez que seu capital simbólico reside na sua capacidade de articulação. Gerenciar os conflitos, não calá-los, buscar o consenso sem ignorar o dissenso, cuidar da imagem e da credibilidade da rede significa também gerar valor produtivo. Muitos comportamentos inaceitáveis relatados pelos ex-integrantes talvez tenham nascido do excesso de zelo da cúpula com relação a essas questões. É apenas uma hipótese, não uma justificativa.



Figura 29: Fora do Eixo e as práticas do comum

O relacionamento dos moradores da Casa Fora do Eixo torna-se ainda mais difícil se considerarmos que eles vivem e trabalham juntos. Pelos relatos cartografados, eles trabalham muito e, como vimos, sem salário, sem carteira assinada, sem previdência social porque no *Fora do Eixo* o trabalho confunde-se com a própria vida de seus integrantes e essa é uma das práticas mais controversas da rede.

Por isso, o coletivo é acusado de exploração de trabalho análogo à escravidão. Mas seus integrantes não se cansam de afirmar disposição em entregarem-se à causa e, segundo eles, o fazem com prazer. O coletivo se defende, alegando que os jovens que vivem nas casas fora do eixo trabalham em regime de cooperação, o que significa viver sob a perspectiva do comum, na persecução dos objetivos do movimento.

Ao discorrer sobre as modalidades de ação e de cooperação dos cérebros reunidos, Lazzarato afirma que “nem a práxis e todos os seus coletivos (tais como a classe, a lei do valor, o trabalho) nem o paradigma liberal (com seu tríptico: liberdade individual, mercado e propriedade) podem apreender e dar conta das condições de constituição da cooperação entre cérebros” (2006: pp.131-132). Segundo ele, estar

em cooperação deve ser “um sentir junto, um se afetar junto”. Para explicar a constituição e a dinâmica da cooperação entre cérebros, é necessário pressupor uma relação de empatia, diz o autor (2006, pp. 132-133).

Para Hardt e Negri (2005), a cena contemporânea do trabalho e da produção está sendo transformada pela hegemonia do trabalho imaterial, “trabalho que produz produtos imateriais, como a informação e o conhecimento, ideias, imagens, relacionamentos e afetos”. A face negativa dessa nova cena é que nossas ideias e nossos afetos, assim como nossas emoções estão sendo postos para trabalhar, sujeitando-se de uma nova maneira aos padrões. Com isso, a posição do trabalho vem se tornando mais precária: sem distinções entre horários de trabalhar e não trabalhar, estendendo o dia de trabalho indefinidamente, até ocupar toda a vida; sem contratos estáveis; sem tarefas fixas, podendo o trabalhador realizar várias e estar constantemente mudando de lugar.

Por outro lado, o trabalho imaterial apresenta também características positivas, segundo os autores, como a tendência a sair do terreno estritamente econômico, produzindo diretamente relações sociais. “O trabalho imaterial é biopolítico na medida em que se orienta para a criação de formas de vida social, cultural e política” (IDEM). Nesse sentido, o trabalho imaterial só pode ser realizado em comum e tende a assumir a forma social de rede, baseada na comunicação, na colaboração e nas relações afetivas.

Na mesma perspectiva, Cocco, Galvão e Silva (2003) apontam para um deslocamento no âmbito da produção de valor do regime capitalista, que passa de apoiar-se na grande indústria, voltando-se para atividades imateriais. Esse novo arranjo consiste, basicamente, na integração das novas tecnologias de informação e comunicação às práticas de produção, o que implica também em possibilidade de mudança na organização social e no trabalho, rompendo com as tradicionais divisões entre trabalhador e meios de produção, entre o mundo do trabalho e o mundo da vida.

Nesse processo de transformação que parece ser reconhecido pela maioria dos estudiosos ainda não está claro o modo como operam esses mecanismos de produção. Enquanto alguns defendem que esse novo arranjo é apenas mais uma investida do capitalismo em rede, outros apontam essa mudança como parte de outro mundo possível, pós-capitalismo.

Para a Universidade Nômade (2012), quando o *Fora do Eixo* se apropria do valor cognitivo, ele está explorando o comum. E essa apropriação se dá porque todos os envolvidos não só participam da contra hegemonia, mas porque devem investir também sua subjetividade, devem ser subsumidos como subjetividade. “O comum é expropriado e se torna uma renda” (UNINOMADE: 2012). Trata-se, portanto, de uma gestão rentista, quanto mais redes parceiras, maior a captura da produtividade difusa. São redes trabalhando para a rede – redes em rede.

Desse modo, o *Fora do Eixo* estaria na direção de integrar o *mainstream*, de serem os novos capitalistas ou de haverem sido subsumidos pelo sistema. Na tradução do Passa Palavra, seriam os gestores da geração 2.0, da rede de redes que, com um discurso antissistêmico, estariam convergindo para o capitalismo e não lutando pela sua ruptura, ou experimentando novas dinâmicas do trabalho e das subjetividades, como entende Ivana Bentes.

Mance (2002) sustenta que as redes de colaboração solidária são o “embrião para uma nova esfera de contrato social”. O autor considera esse tipo de rede estratégica para conectar empreendimentos solidários de produção, comercialização, financiamento, consumidores e outras organizações em um movimento de retroalimentação e crescimento conjunto, autossustentável, antagônico ao capitalismo. “Essas redes passam a implementar uma nova forma pós-capitalista de produzir e consumir, de organizar a vida coletiva” (2002: pp 7-8). Mais uma vez a polarização parece nos conduzir por um caminho linear, sem curvas e sem saída(s).



Figura 30: Fora do Eixo e o trabalho

Na sequência vamos desdobrar as questões relacionadas à cultura e à produção cultural, eixo condutor das ações do coletivo, com o objetivo de compreender seus vínculos político-econômicos. Afinal, há 12 anos, em Cuiabá, o *Espaço Cubo* já definia seu propósito de trabalhar na elaboração de políticas públicas para democratizar a cultura, ou seja, no entendimento do coletivo essas políticas deveriam ser de/para o povo. Cultura para o *Espaço Cubo* era entendida como “tudo aquilo que o homem produz, ou que faça parte da condição humana e nele está envolvido. Assim, a educação, o lazer, o labor, enfim, o meio”.

Ao longo desses anos de existência, não se pode negar que o *Fora do Eixo* conseguiu estruturar um circuito alternativo de circulação da música independente no Brasil, chegando a fazer algumas parcerias com países da América do Sul e da América Central. A organização em rede, o trabalho colaborativo e a criação da moeda social permitiram que o coletivo disputasse o mercado com indústria cultural, criando espaços para a divulgação da produção independente e deslocando a fonte de rendimento da venda da obra para a execução de música ao vivo. A música ainda é o ponto forte das manifestações culturais que constituem as frentes temáticas do coletivo. Mas há um avanço, embora tímido, com relação à produção em outras áreas como audiovisual, artes cênicas, artes gráficas, dentre outras.

É importante assinalar a ausência ainda hoje de políticas culturais no Brasil. O que temos, segundo alguns estudiosos, são grupos de ações empreendidas pelo poder público na área de cultura. Desde 1935, com a organização do Departamento de Cultura por Mário de Andrade, em São Paulo, assistimos a discussão sobre cultura e políticas públicas de cultura ser marcada pelas descontinuidades administrativas.

Desde o governo Sarney (1985-1990), no entanto, um sistema de apoio à cultura e às artes baseado em dedução fiscal domina a agenda cultural no Brasil. A chamada Lei Sarney (1986) foi extinta no governo Collor que, em 1991, instaurou o até hoje vigente Programa Nacional de Apoio à Cultura, conhecido como Lei Rouanet, que regula a distribuição de incentivos fiscais à cultura. Com pequenas intervenções nas administrações sucessivas, o modelo não mudou e continua à espera de uma discussão mais aprofundada.

É nesse contexto que Gilberto Gil/Juca Ferreira (2003-2010) chegam ao MinC durante o governo Lula e, em 2006, criam o Programa de Desenvolvimento da Economia da Cultura que trabalha em três frentes: informação, capacitação e promoção de negócios. Enquanto para Pablo Ortellado (2011) o ministro apontou os traços gerais de um novo tipo de abordagem da economia da cultura que ele chama de “economia social da cultura”, para Silva e Dutra (2011) o país abandona a discussão conceitual sobre a cultura e política cultural brasileira, reduzindo as políticas públicas de cultura a diretrizes de organismos transnacionais. “O MinC volta-se para a política de editais, vinculando as atividades culturais à erradicação da pobreza e à geração de emprego” (Idem).

A nova abordagem a que se refere Ortellado diz respeito à combinação das novas tecnologias com as práticas culturais tradicionais, o que, segundo ele, proporcionou algumas mudanças importantes: as novas tecnologias da informação e comunicação possibilitaram o barateamento e a democratização dos meios de produção e distribuição da cultura, além de facilitar o processo de distribuição, evitando os intermediários; apoio aos criadores para a produção independente e aos consumidores por meio do livre acesso às obras; direito autoral também visto como direito de acesso e incentivo aos novos modelos de negócio.

A mudança na orientação política do Ministério da Cultura na gestão Gilberto Gil/Juca Ferreira foi fator importante para a sustentabilidade do coletivo.

Coincidentemente (ou não?), o *Fora do Eixo* foi criado nesse período (final de 2005) e, impulsionado pela política de editais, estrutura-se em rede, amplia suas articulações e muda-se para o Eixo em 2011. Sempre questionado sobre suas fontes de sustentação e pela falta de transparência na utilização do dinheiro público, o *Fora do Eixo* não vê cerceamento a sua independência produtiva pelo fato de receber verbas públicas. Ao contrário, considera que é obrigação do Estado garantir o financiamento direto à cultura, da produção ao acesso, conforme consta da Carta de Princípios do PCult, partido criado por iniciativa do *Fora do Eixo*<sup>93</sup>, por ocasião da mudança no MinC em 2011, quando Juca Ferreira foi substituído por Ana de Hollanda e houve um “retrocesso” na orientação do Ministério que, segundo o coletivo, passou a privilegiar novamente as indústrias da cultura. Por isso, a rede colocou-se em oposição à gestão de Ana de Hollanda.

A esse respeito, Capilé explica que a disputa do Fora do Eixo não é nem contra a indústria da música, do audiovisual, da cultura em si, mas é contra o modelo fordista do desenvolvimento de uma indústria, contra o capital especulativo.

---

<sup>93</sup> Ver mais a esse respeito no capítulo 2.



Figura 31: Sustentabilidade financeira do FdE

#### 5.4 O EIXO DO FORA DO EIXO

Desde sua criação, em 2005, o nome *Fora do Eixo* provoca curiosidade. Afinal, a qual eixo eles se referem? Os próprios integrantes do coletivo têm mais de uma interpretação. Segundo Pablo Capilé, inicialmente eles entendiam que o conceito “fora do eixo” era geográfico, referindo-se às regiões fora do eixo Rio-São Paulo. Depois da mudança do coletivo para São Paulo, essa percepção mudou, pois “muitas vezes, aqui no eixo Rio-São Paulo, havia mais gente excluída do que a própria galera daquele ‘fora do eixo’ geográfico” (CAPILÉ apud COHN: 2010). Conforme a cuiabana Dríade Aguiar, moradora da Casa Fora do Eixo de São Paulo, “A gente decidiu entrar no eixo também. Fora do eixo agora é só um estado de espírito” (AGUIAR apud KÜCHLER, 2011).

A denominação pode também significar fora do eixo do *mainstream*, ou assumir uma conotação mais ampla, como eles pensavam no momento da formação do coletivo, conforme explica Talles Lopes, um de seus criadores: “Era uma alternativa ao padrão hegemônico instituído, ligado a todo um conceito de indústria cultural, de produção de massa, que de certa forma existia e repercutia como um modelo de produção e difusão de cultura.” (LOPES apud BARCELLOS: 2012).

A Universidade Nômade (2012) entende que *Fora do Eixo* é a marca do coletivo, que identifica um modo de vida, modo de organização e modo de trabalho, funcionando como uma maneira de obter engajamento de outros parceiros à rede. Da mesma forma que Lopes, a Uninômade identifica a expressão com “[...] o fora do eixo produtivo das grandes gravadoras e produtoras, e não somente fora do eixo RJ-SP”.

O artigo do Passa Palavra “A esquerda fora do eixo”<sup>94</sup> refere-se a setores da esquerda que procuram esvaziar as manifestações, neutralizando-as politicamente. Por outro lado, Bentes (2011) afirma que “a esquerda está nos eixos”, mas o que está fora dele é o “fetichismo da esquerda por trabalhadores assujeitados na relação patrão/empregado!” Como vimos anteriormente, de acordo com Bentes, estão fora do eixo setores da esquerda tradicional perplexos com as mudanças e a crise do capitalismo fordista. Essa esquerda tem “[...] medo diante das novas dinâmicas que estão sendo inventadas e experimentadas ‘fora do eixo’ da esquerda clássica”. O “eixo” aqui se refere ao espectro político, utilizado para situar o coletivo ou à esquerda ou direita dele. Mas, como vimos no capítulo anterior, também pode ser utilizado para apontar posicionamentos políticos com relação a padrões hegemônicos em diversas esferas sociais.

Ao analisar a organização estrutural do coletivo, Barcellos afirma que o *Fora do Eixo* é o significativo vazio, de acordo com a Teoria Política do Discurso, de Laclau (2011), constituindo-se em um ponto nodal que articula os demais coletivos. Ela explica que a lógica de equivalência permite compreender “como, a partir de diferentes demandas de coletivos espalhados por todo o país construiu-se a percepção de que são todos diferentes facetas de uma mesma negativa por parte de um sistema opressor.” (BARCELLOS: 2012, p. 312). A formação de cadeias de equivalência só é possível pela existência de um ponto nodal, que “[...] é um

---

<sup>94</sup> Ver mais informações sobre o coletivo e sobre o artigo no capítulo 4.

significante privilegiado ou ponto de referência em um discurso que agrupa um sistema particular de significados ou uma cadeia de significados.”(HOWARTH; STAVRAKAKIS apud BARCELLOS: 2012, p. 313).

Questionado sobre o que é o eixo para o coletivo, Pablo Capilé (apud BARCELLOS: 2012, pp. 190-191) disse que o eixo é contra quem eles travam disputa na única sociedade que existe, não em uma nova. Assim, o confronto se dá “com o analógico, com quem acumula capital, com quem não entende a velocidade de uma geração digital”. Ele cita como exemplo de casos o confronto com a ministra Anna de Hollanda, relacionando também o jornal Folha de São Paulo, a revista Veja, o modelo institucionalizado de partido, de movimento estudantil, de família, dentre outros.

Então a lógica da luta é contra o tronco, em defesa da grama e contra o tronco, contra um tronco que só permite que você seja galho, e a grama que pode fazer com que esta diferença que é transversal, pode fazer todo mundo do mesmo tamanho e então se todo mundo é do mesmo tamanho, todo mundo é protagonista e é coadjuvante (IDEM).

A possibilidade de se atribuir inúmeros significados ao “eixo”, aliada à prática de estar em permanente processo de ressignificação, o que é frequentemente mencionado nos discursos dos integrantes do coletivo, pode constituir-se ao mesmo tempo força ou fraqueza da rede. A estrutura discursiva em aberto impede também o fechamento ideológico do coletivo. E isso pode se transformar em potente ferramenta na disputa entre a “grama” e o “tronco” produzindo rupturas e deslocamentos significativos, mas também pode resultar em subsunção da “grama” ao “tronco”, com a dominação deste último.

Se olharmos para o *Fora do Eixo* como esse tecido híbrido, que constitui um coletivo que luta para construir um sistema independente (fora do eixo) de música e cultura, veremos que as práticas dessa rede colaborativa provocou deslocamentos na cadeia produtiva de bens simbólicos, conformando uma rede com alto poder de articulação e mobilização que pode crescer ainda mais. Mas, se na prática o discurso é outro, servindo apenas para mascarar um falso ideal transformador, o coletivo pode estar com seus dias de existência contados.

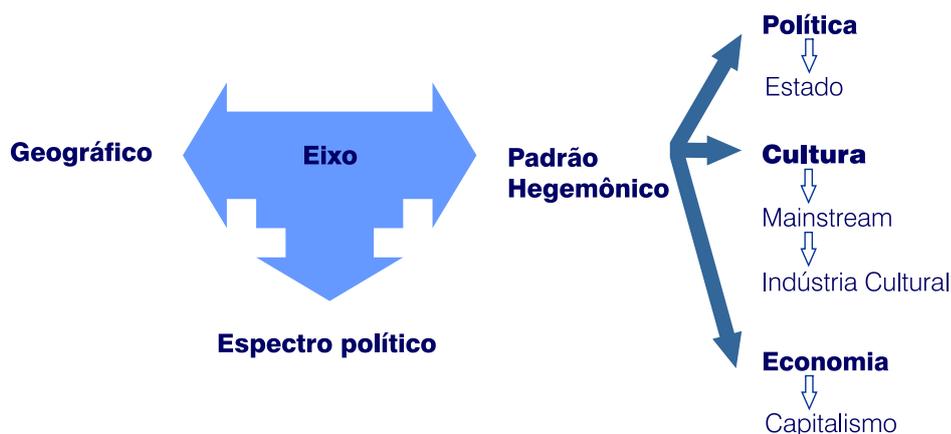


Figura 32: Polissemia do Eixo

Se, por outro lado, nosso olhar for dirigido pelo interesse na ruptura com as estruturas hegemônicas, como deixa claro em seu discurso, buscando encontrar novos modelos de luta capazes de resistir e enfrentar o sistema, as práticas do *Fora do Eixo* podem sinalizar um caminho se corrigirem alguns desvios e contradições nas quais incorreram. Para isso, é necessário que haja vontade política do coletivo, mais humildade para aprender com a rede que conforma e enfrentar de forma transparente o dissenso. Nesse sentido, entendemos claramente que o *Fora do Eixo* não pretende criar uma sociedade alternativa, uma vez que não estão disputando um gueto e esperando que todo mundo que está nesta outra sociedade venha para ele. “Não, nós estamos disputando a única sociedade que existe” (CAPILÉ apud BARCELLOS, 2012).

Se o *Fora do Eixo* usar da estrutura em rede – inerentemente aberta, horizontal e democrática – para estar constantemente em processo e se reinventando poderá prosseguir na luta para resistir a interesses hegemônicos e representar, assim, uma real possibilidade de transformação. Para isso, deve continuar incentivando práticas que não emerjam nas esferas mercadológicas ou estatais, reforçando seu caráter colaborativo e solidário. Dessa maneira, a rede poderá avançar estrategicamente na construção de uma nova formação social que se configure como uma sociedade. Do contrário, não deixará de ser mais uma organização que serve ao sistema capitalista.



Salvador Dalí  
Metamorphose

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

## UM PERCURSO DE TENTATIVAS

O pequeno grupo de jovens ligados à cena da música independente que, em 2001, na distante e fora do eixo cidade de Cuiabá, decidiu experimentar outra forma de produzir e distribuir produtos culturais não imaginou que, transcorridos pouco mais de dez anos, se constituiria em uma rede de coletivos culturais com uma inegável capacidade de articulação e mobilização, apesar da dificuldade de aferição e, por isso, da falta de exatidão nos números.

Eles tampouco imaginaram que iriam causar tanta polêmica, que chegariam a ser considerados protagonistas de um novo modelo de ativismo, ou ainda ser identificados como uma classe de gestores ascendentes na sociedade brasileira. Mas o que certamente nunca pensaram foi que seriam acusados de usar trabalho análogo à escravidão na cadeia produtiva da cultura independente e também de funcionar por cooptação, de professar uma doutrina, tal qual uma seita, e de praticar lavagem cerebral, transformando seus integrantes em zumbis...

Entretanto, a ambivalência do *Fora do Eixo* provoca reações extremas, que vão da animosidade e desconfiança à adesão e crença em mundo possível através de uma prática do comum e do trabalho solidário. As polêmicas permeiam a trajetória do grupo desde a origem do *Espaço Cubo* em Cuiabá. Foi, aliás, um dos motivos que nos chamou a atenção e nos levou a realizar este estudo. Observar e percorrer a rede *Fora do Eixo* durante os últimos quatro anos nos permitiu captar a rede de sentidos construídos pelo coletivo e em torno dele, o que foi possível por meio de dois gestos metodológicos: seguir a rede *Fora do Eixo* por meio dos rastros deixados por ela na web e cartografar as controvérsias sobre o discurso e as práticas do coletivo para chegar às traduções da rede.

Dessa forma, foi possível construir um mapa híbrido com o objetivo de conhecer a rede e como ela se coloca em cena, como conversa com a sociedade. Isso foi feito na primeira parte desta tese, onde utilizando-nos da descrição e das informações extraídas do conjunto de materialidades comunicativas reunidas na web, pudemos conhecer a trajetória e a lógica organizacional do coletivo, que se estrutura em rede (aqui no sentido organizativo) para criar um sistema alternativo de

produção e circulação de cultura independente, em oposição à lógica do *mainstream*.

Fizemos então um *relato da rede* conformada pelo *Fora do Eixo* com base no discurso de seus integrantes e nos deparamos com um coletivo de mediações e negociações de interesses que mantem articulados humanos e não-humanos (na concepção latouriana), alistando governo, textos, cidadãos, artistas, empresários, capital, trabalho e ideologias dentre outros aliados. Ao mesmo tempo, ao apreendermos esse tecido híbrido, povoado por múltiplos mediadores, pudemos compreender como se conectam os nodos da rede estruturada pelo *Fora do Eixo* e conhecer as normas que regulam o funcionamento da organização.

Na segunda parte deste estudo, continuamos com o processo de descrição, porém não mais na perspectiva de relatar a rede e sim de construir um *relato em rede* que revelasse as controvérsias em torno do discurso e das práticas do coletivo. Optamos por esse procedimento por considerá-lo instigante e desafiador, mas não esperávamos encontrar tantas dificuldades para ir das controvérsias às traduções do *Fora do Eixo*, deparando-nos no percurso com o imenso volume de textos encontrados, com a transversalidade das temáticas e, pelo fato do *Fora do Eixo* organizar-se em rede, tivemos que caminhar por um terreno duplamente líquido, fluído e em constante mutação, mas que terminou enriquecendo ainda mais o processo de pesquisa.

Além disso, em 2013, um mês após passarmos pela qualificação da tese, outra onda de controvérsias sobre o *Fora do Eixo* surgiu e tivemos que mudar o rumo, dada a importância do episódio, incluindo esse novo período para cartografar quando já caminhávamos para o final da pesquisa. Também no final de 2013 foi editado o livro “Movimentos em marcha”, com o objetivo de organizar e retratar o debate sobre as novas formas de ativismo, as novas tecnologias e a maneira como as atividades culturais estão articuladas a essas questões. O livro reproduz vários textos divulgados entre maio e setembro de 2011 e, como não poderia deixar de ser, o *Fora do Eixo* é abordado em vários deles.

Dos textos publicados, grande parte constava da nossa seleção para cartografar. Havíamos chegado a eles, seguindo a rede, conforme a proposta metodológica deste estudo, e nos preocupamos ao vê-los ali reunidos, como se parte de nosso trabalho já tivesse sido executado por outros. No entanto, após o

tsunami, veio a calma e pudemos refletir sobre os episódios, concluindo que estávamos na direção certa, uma vez que ambos os fatos vinham ao encontro de nossa tese, valorizando-a e enriquecendo-a.

Ao pensar sobre o nosso fazer, comparamos este estudo a um laboratório, onde reunimos coisas para serem observadas, confrontadas, esmiuçadas, funcionando como um grande centro de tradução e produção de novos sentidos. Começamos indagando o que é o *Fora do Eixo*, então seguimos a rede organizada pelo coletivo, descrevemos o discurso e as práticas de seus integrantes na tentativa de entender o que eles propõem. Em seguida cartografamos a tessitura de uma rede conformada em torno ao *Fora do Eixo*, esta sem uma estrutura dada a priori, construída com a ação de seguir os mediadores diversos em seus constantes desvios. Finalmente, produzimos o relato a partir das controvérsias e chegamos às traduções do coletivo.

Esse percurso nos levou a algumas considerações que jamais poderíamos entender como conclusivas, pois uma conclusão significa um fechamento de possibilidades, o que contraria a noção de rede aqui utilizada. Nossa intenção foi a de fazer emergir a rede de significados construída em torno do coletivo na tentativa de responder a indagação que norteou este estudo. Afinal, o *Fora do Eixo* tem contribuído para a construção de interfronteiras no campo da produção cultural no Brasil?

O que observamos nos permite afirmar que o *Fora do Eixo* desde sua formação está em constante processo de constituição. Constatamos isso na fala de seus integrantes, na trajetória do coletivo e no desenvolvimento de suas ações. São muitos projetos, várias frentes de trabalho e integrantes de natureza diversa que se reúnem sob o discurso do *Fora do Eixo*, agrupando uma grande quantidade de sentidos. Tal discurso está em constante processo de resignificação numa dinâmica que se retroalimenta e numa sequência que nunca é linear, mas sim complexa e emaranhada.

Como já pontuamos, esse contínuo resignificar mantém a matriz discursiva do coletivo em aberto, o que pode ser a chave estratégica contra a cooptação capitalista do processo de produção cultural, se é isso o que realmente deseja o coletivo. O grande risco que o *Fora do Eixo* corre é o de perder-se nesse emaranhado de conceitos que maneja e tornar-se refém de seu próprio discurso

sem conseguir colocá-lo em prática. O perigo é eminente, como vimos ao cartografar as controvérsias, o que desvendou a grande rede de traduções do coletivo e apontou contradições entre o discurso e a prática do coletivo.

Nesse sentido, vimos que a organização em rede do *Fora do Eixo* pode vir a subverter a lógica capitalista da indústria cultural e promover a produção independente de cultura, principalmente no que se refere à música, com práticas que deslocam a fonte de renda, criam outros circuitos para a circulação de artistas e outros espaços para divulgação e venda de produtos. Mas a rede pode também configurar-se em uma nova forma de capitalismo ao adotar práticas mercadológicas de concentração de renda, ou de uma organização tradicional, alimentando desigualdades.

As várias tentativas que observamos de categorizar coletivo também revelam que a rede do *Fora do Eixo* ainda não se estabilizou. Embora apresente indícios de solidificação em sua forma de organização, as controvérsias a seu respeito nos mostram que estamos diante de uma caixa ainda aberta, uma caixa cinza no dizer de Latour, que pode vir a estabilizar-se nos moldes de uma instituição já conhecida, ou não. O grande desafio foi justamente o de compreender o *Fora do Eixo* em pleno movimento, em constante processo, descrever as transformações no curso dos acontecimentos.

Entendemos que a disputa de sentidos que registramos foi animada pela percepção de que “algo está em movimento”, como bem pontuam Adams e Parra (2011), pois os modelos tradicionais já se esgotaram. Na busca por novos ordenamentos, surgem várias tentativas, como as do *Fora do Eixo* que procura alternativas para criar um sistema de produção independente de cultura, na base do experimento, do ensaio. Alguns projetos e práticas deram certo até agora, outros foram descartados, abandonados temporária ou definitivamente.

Com a crise do capitalismo material, há em curso um processo de “reinvenção” de modelos econômicos, de ativismo social, de representatividade política, enfim de outro projeto de sociedade. Nessa perspectiva, entendemos que *Fora do Eixo* vai construindo uma trajetória mutante, percorre caminhos tentativos, misturando práticas tradicionais a outras inovadoras, convergindo e antagonizando o Estado, errando e acertando.

Hackers do capitalismo? Novo modelo de negócios? Exploradores do trabalho comum? Ou simplesmente um grupo de jovens apaixonados pelo que fazem, vivendo uma experiência diferente? Por enquanto, não há uma resposta simples, direta e definitiva. Muito depende da vontade política do *Fora do Eixo* e de suas futuras escolhas. Por ora, em nosso entendimento, o coletivo mostra que pretende chegar a algum lugar. Qual? Talvez nem eles saibam ainda essa resposta, ou seja, avançam tateando no escuro, desviando-se do rumo que ainda não está claro qual é. Estão, talvez, deixando-se levar e aproveitando as circunstâncias, transmutando-se conforme sopra o vento? Ou esta é justamente a estratégia para escapar, para ocupar as brechas e construir interfronteiras? A única certeza que temos é a de que o *Fora do Eixo* ainda está em construção e, portanto, sujeito a controvérsias e aberto a novas traduções. Ele não se encaixa em categorias já definidas solidamente, funciona, algumas vezes, como regulador de campos opostos, mas ainda não se enquadra totalmente em nenhuma categoria das já existentes para denominá-lo.

Ao nos propormos a seguir e observar a rede conformada pelo *Fora do Eixo* pensamos haver contribuído para a compreensão da matriz prático-discursiva do coletivo. Acreditamos também que, ao reunir as diversas traduções sobre o grupo e tecer uma costura entre elas, além de revelar diferenças e semelhanças de posicionamentos, apresentamos uma nova tradução para o coletivo, capaz de agenciar a emergência de outras relações, ou produzir coerências onde elas não estão dadas. Com o tempo veremos quais traduções aqui registradas se confirmarão, e quais serão consideradas falsas, até mesmo ficção.

Este estudo aponta para alguns caminhos que o *Fora do Eixo* e outras organizações de caráter híbrido podem trilhar ao avançar na busca de transformações que atendam aos anseios de mudança da sociedade, porém ele é insuficiente e incipiente, o que aponta também para a necessidade de se continuar estudando algumas questões aqui levantadas. É assim quando falamos da categoria trabalho, ou sobre a organização em rede, e novas indagações nos inquietam: vivemos realmente uma revolução das redes ou elas se configuram uma nova forma de capitalismo? As redes de colaboração solidária podem representar um avanço estratégico numa nova configuração social? O que podemos chamar de trabalho hoje? Como classificá-lo? Imaterial? Cognitivo? Enfim, o que representa

transformação social e o que é continuidade com “roupa nova”? Não há respostas fáceis e simples.

Essas são apenas algumas dentre muitas outras questões que podem ser desdobradas a partir deste estudo. Há várias traduções para o mesmo fato e elas merecem ser investigadas e avaliadas. Deparamo-nos com essa caixa ainda aberta que é o *Fora do Eixo*, mas que pode rapidamente solidificar-se. Portanto, resta-nos aguardar observando a construção do social, descrevendo e seguindo a rede.

## REFERÊNCIAS

ABDO, Alexandre. A esquerda sem fantasias: justiça e solidariedade. **Trezentos**, 4 jul. 2011. Disponível em: <<http://www.trezentos.blog.br/?p=6126>>. Acesso em jul. 2011.

ADULIS, Dalberto. A profusão das redes: gestão e fomento na promoção. In: MARTINHO, Cássio; FELIX, Cristiane (orgs). **Vida em rede: conexões, relacionamentos e caminhos para uma nova sociedade**. Barueri, SP: Instituto C&A, 2011.

ALTENFELDER, Felipe. **Circuito Fora do Eixo**. 8 out. 2010. Entrevista concedida a Carol Ruas para o Século Diário. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=QJfNZiYyCyg>>. Acesso em março de 2011.

\_\_\_\_\_. **Circuito em expansão: a produção artístico-cultural e as redes**. Vitória-ES, 28 ago. 2010. Palestra no 2º Encontro Rede Cultura Jovem. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D786hSmWPh8>>. Acesso em: julho de 2011.

ANDREAZZA, Rafael. Beatriz Seigner X Fora do Eixo. Jornal *online* **Ecult**. Pelotas-RS, 13 ago. 2013. Disponível em: <<http://www.ecult.com.br/noticias/beatriz-seigner-x-fora-do-eixo-por-rafael-andreazza>>. Acesso em ago. 2013.

AZEVEDO, André. Fora do Eixo: raízes do ressentimento. **Medium**, 20 ago. 2013. Disponível em: <<https://medium.com/@azevedofonseca/fora-do-eixo-raizes-do-ressentimento-ce094cd0853f>>. Acesso em ago. 2013.

AZEVEDO, Reinaldo. Denúncias sobre o Fora do Eixo. Blog Reinaldo Azevedo, **Revista Veja** online. 8 de ago. 2013. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/cineasta-rompe-o-silencio-e-denuncia-como-trabalha-o-fora-do-eixo-a-seita-que-esta-na-raiz-da-midia-ninja-ela-acusa-a-exploracao-de-mao-de-obra-similar-a-escravid/>> Acesso em agosto de 2013.

BALLOUSSIER, Anna; MAGENTA, Matheus. Dentro do Eixo. **Folha de São Paulo**, 31 jan. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/91408-dentro-do-eixo.shtml>>. Acesso em: 31 jan. 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

\_\_\_\_\_. Entrevista ao programa Milenium. 16 de jan. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/milenio/videos/t/programas/v/nos-hipotecamos-o-futuro-critica-sociologo-polones/1771422>>. Acesso em janeiro de 2012.

BARCELLOS, Rebeca. **Por outro eixo, outro organizar**: a organização da resistência do *Circuito Fora do Eixo* no contexto cultural brasileiro. Florianópolis: UFSC, 2012. Tese, Pós-graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

BENTES, Ivana. A esquerda nos eixos e o novo ativismo. **Trezentos**, 22 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.trezentos.blog.br/?p=6056>>. Acesso em: jun. 2011.

\_\_\_\_\_. O dever estético do capitalismo cognitivo. In: **Encontro Anual da Associação Nacional de Programas em Pós-graduação em Comunicação** (Compós), 16., Curitiba, 2007. Anais eletrônicos. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_228.pdf?PHPSESSID=631ff6cc950a4e6c74eb433163b2f73e](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_228.pdf?PHPSESSID=631ff6cc950a4e6c74eb433163b2f73e)>. Acesso em: jan 2014.

\_\_\_\_\_. As novas formas de lutas pós-mídias digitais. Lugar Comum, n. 28, pp. 71-80. Disponível em: <[http://uninomade.net/wp-content/files\\_mf/110810121237As%20novas%20formas%20de%20lutas%20pos-midias%20digitais%20-%20Ivana%20Bentes.pdf](http://uninomade.net/wp-content/files_mf/110810121237As%20novas%20formas%20de%20lutas%20pos-midias%20digitais%20-%20Ivana%20Bentes.pdf)>. Acesso em: fev. 2014.

BOCCHINI, Lino; LOCATELLI, Piero. A quem serve o coletivo Fora do Eixo. **Carta Capital**, 16 ago. 2013. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/fora-do-eixo-6321.html>>. Acesso em: ago. 2013.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BRUNO, Fernanda. Rastros digitais: o que eles se tornam quando vistos sob a perspectiva da teoria ator-rede? XXI **Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Grupo de Trabalho Comunicação e Cibercultura. Juiz de Fora, MG: 12 a 15 jun. 2012.

CALLON, Michel. The Sociology of an Actor-Network: The Case of the Electric Vehicle. In: CALLON, Michel; Law, John; RIP, Arie. **Mapping the Dynamics of Science and Technology: Sociology of Science in the Real World**. London: The Macmillan Press, 1986.

CAPILÉ, Pablo. Pablo Capilé: articulador do Circuito Fora do Eixo. **Projeto Produção Cultural no Brasil**. São Paulo, 28 maio 2010. Entrevista concedida a Sergio Cohn. Disponível em: <<http://www.producaocultural.org.br/wpcontent/uploads/livroremix/pablocapile.pdf>>

\_\_\_\_\_. Entrevista com o calango: Pablo Capilé. **Overmundo**. 17 ago. 2006. Entrevista concedida a Eduardo Ferreira. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/entrevista-com-o-calango-pablo-capile-1>>, acesso em março/2011.

\_\_\_\_\_. Entrevistão: Pablo Capilé. **O Inimigo**. 11 jan. 2010. Entrevista concedida a Hugo Morais. Disponível em: <<http://www.o inimigo.com/blog/mercado-mutante-independente/>>. Acesso em: abr. 2013.

\_\_\_\_\_. Fala, Pablo Capilé. **Select Art**, 19 ago. 2013. Disponível em: <[http://www.select.art.br/article/reportagens\\_e\\_artigos/fala-pablo-capile?page=unic](http://www.select.art.br/article/reportagens_e_artigos/fala-pablo-capile?page=unic)>. Acesso em: ago. 2013.

CASTELLS, Manuel. **Communication power**. 2 ed. New York: Oxford University Press, 2013.

\_\_\_\_\_. **Redes de indignación y esperanza**: los movimientos sociales em la era de internet. Madrid: Alianza Editorial, 2012.

\_\_\_\_\_. **A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2003.

CASTRO, Iná; GOMES, Paulo; CORREA, Roberto. **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CASTRO, Oona. Cultura livre, negócios abertos. Blog **Overmundo**, 14 out. 2006. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/cultura-livre-negocios-abertos>>. Acesso em: abr 2011.

CAVA, Bruno. Sair dos eixos à esquerda (1). **Quadrado dos Loucos**, 29 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.quadradodosloucos.com.br/1612/sair-dos-eixos-a-esquerda-1/>>. Acesso em: jun. 2011.

\_\_\_\_\_. Pós-modismo pós-festivo (2). **Quadrado dos Loucos**, 3 jul. 2011. Disponível em: <<http://www.quadradodosloucos.com.br/1644/pos-modismo-pos-festivo-2/>>. Acesso em jul. 2011.

\_\_\_\_\_. Dormindo na marcha (3). **Quadrado dos Loucos**, 10 jul. 2011. Disponível em: <<http://www.quadradodosloucos.com.br/1691/dormindo-na-marcha-3/>>. Acesso em jul. 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. vol. 1. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COCCO, Giuseppe; GALVÃO, Alexandre; SILVA, Gerardo (orgs). **Capitalismo cognitivo**: trabalho, redes e inovação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

COSTA, Carlos Irineu. Glossário. In: LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

\_\_\_\_\_. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2010.

FERREIRA, Eduardo. **Espaço Cultural ao Cubo**, 2007. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/espaco-cultural-ao-cubo>>, acesso em março/2011. Acesso em março/2011

FORA DO EIXO. **Carta de Princípios**, Rio Branco-AC, 2009. Disponível em: <<http://foradoeixo.org.br/institucional/carta-de-principio-do-circuito-fora-do-eixo-2009>>. Acesso em março/2010.

\_\_\_\_\_. **Regimento Interno**. 2009. Disponível em: <<http://foradoeixo.org.br/institucional/regimento-interno-do-circuito-fora-do-eixo-2009>>. Acesso em março/2010.

\_\_\_\_\_. **Fora do Eixo em números**. 2012. Disponível em: <<http://issuu.com/foradoeixo/docs/fdeemnumeros-final>> Acesso em maio de 2013.

FRANÇA, Vera. Do telégrafo à rede: o trabalho dos modelos e a apreensão da comunicação. In: PRADO, Jorge (org.). **Crítica das práticas midiáticas**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

FREIRE, Leticia. Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica. **Comum**, Rio de Janeiro, v. 11, nº 26, janeiro/junho 2006, pp 46-65.

FURASTÉ, Pedro. **Normas técnicas para o trabalho científico**: elaboração e formatação. Exlicitação das Normas da ABNT. 14 ed. Porto Alegre: s.n, 2006.

GIL, Gilberto; PORTA, Paulo. Economia da cultura. **Folha de São Paulo**, 3 fev. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0302200809.htm>>. Acesso em out 2012.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Sueli. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão**. Rio de Janeiro: Record, 2005.  
\_\_\_\_\_. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HERSCHMANN, Micael (org). **Nas bordas e fora do mainstream musical**: novas tendências da música independente no início do século XXI. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

\_\_\_\_\_. Alguns apontamentos sobre a reestruturação da indústria da música. In: FREIRE FILHO, João; HERSCHEMANN, Micael (org). **Novos rumos da cultura da mídia**: indústrias, produtos, audiências. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

HERSCHMANN, Micael; KISCHINHEVSKY, Marcelo. A reconfiguração da indústria da música. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação** | E-compós, Brasília, v. 14, n.1, jan.-abr., 2011.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs). **Pistas para o método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

KÜCHLER, Adriana. A casa indie. **Folha de São Paulo**, 17 jul. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/944161-a-casa-indie.shtml>>. Acesso em: jul. 2011.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador/Bauru: Edufba/Edusp, 2012.

\_\_\_\_\_. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

\_\_\_\_\_. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Unesp, 2000.

\_\_\_\_\_. **A esperança de Pandora**. Bauru, SP: Edusc, 2001.

\_\_\_\_\_. Redes, sociedades, esferas: reflexões de um teórico ator-rede. **Informática na Educação**: teoria e prática, Porto Alegre, v.16. n.1, p. 23-36, jan-jun. 2013.

\_\_\_\_\_. La cartographie des controverses. In: **Technology Review**, N.0, pp. 8283, 2007. Disponível em: <[http://ionesno.sciencespo.fr/com/moodledata/3/Latour\\_CartographiesControverses.pdf](http://ionesno.sciencespo.fr/com/moodledata/3/Latour_CartographiesControverses.pdf)>. Acesso em: out. 2011.

\_\_\_\_\_. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: PARENTE, André (org). **Tramas da Rede**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LAW, John. Notes on the Theory of Actor-Network: Ordering, Strategy and Heterogeneity. In: **Centre for Science Studies**, Lancaster University, Lancaster LA1 4YN, 1992. Disponível em: <<http://www.lancs.ac.uk/fass/sociology/papers/law-notes-on-ant.pdf>>, acesso em agosto/2011.

\_\_\_\_\_. Making a Mess with Method. **Centre for Science Studies**, Lancaster University, Lancaster LA1 4YN, UK, 2003. Disponível em: <<http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/Law-Making-a-Mess-with-Method.pdf>>. Acesso em: nov. 2012.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEMOS, André. Crise europeia e cultura digital. Publicado como Willkommen in der Realität in Europas Kulturelle Außenbeziehungen / EUNIC, Institut fürAuslandsbeziehungen und Robert Bosch Stiftung (Hg.). In: **Zusammenarbeit mit dem British Council, Culture Ireland un der Calouste Gulbenkian Stiftung**. Stuttgart: ifa, 2011. – 208 S. – (Kulturreport Fortschritt Europa; 4) (EUNICJahrbuch;2011), pp. 54-59. Versão em português disponível em: <<http://www.andrelemos.info>>. Acesso em: jan. 2012.

\_\_\_\_\_. Espaço, mídia locativa e Teoria Ator-Rede. XXI **Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Grupo de Trabalho de Comunicação e Ciberultura. Juiz de Fora: 12 a 15 jun. 2012.

\_\_\_\_\_. Nova esfera conversacional. In: KÜNSCH, D.; SILVEIRA, S. et al. **Esfera pública, redes e jornalismo**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2009, pp. 9-30.

LEMOS, Ronaldo. Et al. Tecnobrega: o Pará reinventando o negócio da música. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10438/2653>>. Acesso em: ago. 2011.

LENZA, Lenissa. Espaço Cubo e o Cubo Card: a cultura independente em Cuiabá. Blog **Rock Pará**. 11 jul. 2009. Entrevista. Disponível em: <<http://rockpara.blogspot.com.br/2009/07/espaco-cubo-e-o-cubo-card-cultura.html>>. Acesso em: out. 2011.

LOPES, Talles. Fora do Eixo. In: BARCELLOS, Rebeca. **Por outro eixo, outro organizar**: a organização da resistência do *Circuito Fora do Eixo* no contexto cultural brasileiro. Florianópolis: UFSC, 2012. Tese, Pós-graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

MANCE, Euclides. **Redes de colaboração solidária**. Aspectos econômico-filosóficos: complexidade, libertação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2001.

MARTINHO, Cássio; FELIX, Cristiane (orgs). **Vida em rede**: conexões, relacionamentos e caminhos para uma nova sociedade. Barueri, SP: Instituto C&A, 2011.

MARTINHO, Cássio. Morfologia da rede e ação social. In: MARTINHO, Cássio; FELIX, Cristiane (orgs). **Vida em rede**: conexões, relacionamentos e caminhos para uma nova sociedade. Barueri, SP: Instituto C&A, 2011.

MENDONÇA, Daniel. A teoria do discurso de Laclau e Mouffe: em direção à noção de significante vazio. **Barbarói**. n.18, pp. 55-71, jan-jun, 2003.

MORAES, Marcia. O conceito de rede na filosofia mestiça. **Revista Informare**, v. 6, n. 1, pp. 12-20, 2000.

MORAIS, Marluce. Por dentro do Fora do Eixo: uma das maiores redes de coletivos culturais do país. In: **Biblioteca Latino-Americana de Cultura e Comunicação. Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e comunicação**. São Paulo, Escola de Comunicação e Artes (ECA), Universidade de São Paulo, 2013.

MUSSO, Pierre. A filosofia da rede. In: PARENTE, André (org). **Tramas da rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2010.

NEGRI, Antonio. **O poder constituinte**: ensaios sobre as alternativas da modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

NUNES, Renato. R64 Brasil: Bela independência, hein? **Blog Rock Brasília**. 29 de set. 2011. Disponível em: <<http://rockbrasiliadesde64.blogspot.com.br/2011/09/bela-independencia-hein.html>>. Acesso em outubro de 2011.

ORTELLADO, Pablo. Capitalismo e cultura livre. **GPOPAL**, Blog dos Pesquisadores do Grupo de Pesquisas em Políticas Públicas para o Acesso à Informação, 23 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.gpopai.org/ortellado/2011/06/capitalismo-e-cultura-livre/>>. Acesso em: jun. 2013.

PARENTE, André (org). **Tramas da rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PARRA, Henrique; ORTELLADO, Pablo; RHATTO, Silvio (org). **Movimentos em marcha**: ativismo, cultura e tecnologia. São Paulo: Publisher Brasil/Kernel, 2013.

PARRA, Henrique; ADAMS, Gavin. Nem eixo nem seixo. **Trezentos**, 26 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.trezentos.blog.br/?p=6070>>. Acesso em: jun. 2013.

PASSA PALAVRA. A esquerda fora do eixo. Jornal online **Passa Palavra**. 17 jun. 2011. Disponível em: <<http://passapalavra.info?p=41221>>. Acesso em: jun. 2011.

\_\_\_\_\_. Domingo na marcha (1ª parte). Jornal online **Passa Palavra**. 22 jun. 2011. Disponível em: <<http://passapalavra.info/2011/06/41431>>. Acesso em: jun. 2011.

\_\_\_\_\_. Domingo na marcha (2ª parte). Jornal online **Passa Palavra**. 26 jun. 2011. Disponível em: <<http://passapalavra.info/2011/06/41710>>. Acesso em: Jun. 2011.

\_\_\_\_\_. Domingo na marcha (3ª parte). Jornal online **Passa Palavra**. 30 jun. 2011. Disponível em: <<http://passapalavra.info/2011/06/41866>>. Acesso em: jun. 2011.

\_\_\_\_\_. Domingo na marcha (4ª parte). Jornal online **Passa Palavra**. 8 jul. 2011. Disponível em: <<http://passapalavra.info/2011/07/42227>>. Acesso em: jul. 2011.

\_\_\_\_\_. Domingo na marcha (5ª parte). Jornal online **Passa Palavra**. 15 jul. 2011. Disponível em: <<http://passapalavra.info/2011/07/42544>>. Acesso em: jul. 2011.

PEDRO, Rosa. Redes e controvérsias: ferramentas para uma cartografia da dinâmica psicossocial. **VII Esocite - Jornadas LatinoAmericanas de Estudos Sociais das Ciências e das Tecnologias**, Rio de Janeiro, 2008.

PEDRO, Rosa; NOBRE, Julio. Reflexões sobre possibilidades metodológicas da Teoria Ator-Rede. **Cadernos UniFOA**. Volta Redonda, Ano V, n. 14, dezembro 2010. Disponível em: <<http://www.unifoa.edu.br/cadernos/edicao/14/47.pdf>>. Acesso em: out. 2013.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. 45

RIBEIRO, Duanne. Passe Livre, FdoE, Black Blocks: mídia. **Digestivo Cultural**, 11 set. 2013. Disponível em: <[http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=3832&titulo=Passe\\_Livre,\\_FdoE\\_e\\_Black\\_Blocs\\_-\\_enquanto\\_Midia](http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=3832&titulo=Passe_Livre,_FdoE_e_Black_Blocs_-_enquanto_Midia)>. Acesso em: set. 2013.

SANTIAGO, Leo. Cuiabá: uma cena criada em laboratório. **Overmundo**, 2007. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/cuiaba-uma-cena-criada-em-laboratorio>>. Acesso em: mar. 2011.

SARKOVAS, Yacoff. O incentivo fiscal à cultura no Brasil. In: **Revista D'ART**, n.12, pp. 22-28. São Paulo: 2005.

SCHERER-WARREN, Ilse. Redes da sociedade civil: *advocacy* e incidências possíveis. In: MARTINHO, Cássio; FELIX, Cristiane (orgs). **Vida em rede: conexões, relacionamentos e caminhos para uma nova sociedade**. Barueri, SP: Instituto C&A, 2011.

\_\_\_\_\_. Redes sociais na sociedade da informação. In: MAIA, Rousiley; CASTRO, Maria Céres (org). **Mídia, esfera pública e identidades coletivas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, pp. 215-227.

SCHULZ, Claudia. **Casas em rede: espaços do comum**. 2013. Disponível em: <<http://foradoeixo.org.br/2013/08/04/casas-em-rede-espacos-do-comum/>>. Acesso em: ago. 2013.

SERRES, Michel. **A comunicação**. Lisboa: Rés Editora, s/d.

\_\_\_\_\_. **Hermes uma filosofia das ciências**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

SILVA, Regina. Cartografias urbanas: construindo uma metodologia de apreensão dos usos e apropriações dos espaços da cidade. In: **Cadernos PPG-AU/FAUFBA**, vol. V. Edição especial Visões Urbanas. Salvador, 2008.

\_\_\_\_\_. Cartografias urbanas: lugares, espaços e fluxos comunicativos. **IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – ENECULT**. Salvador, 2008.

SILVA, Regina. Dispositivos de memória e narrativas do espaço urbano: cartografias flutuantes no tempo e espaço. In: **Revista da Associação Nacional dos programas de Pós-Graduação em Comunicação**. v.11, n.1. jan.-abr., Brasília: 2008.

SILVA, Regina; GONZAGA, M. Redes culturais em territórios urbanos. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, XXVIII, 2005, Rio de Janeiro, Uerj. Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa Comunicação e Culturas Urbanas.

SILVA, Regina; DUTRA, Roger. Políticas Públicas de Cultura? In: PORTELA, Thais; FERRAZ, Fernando; JACQUES, Paola (orgs). **Cidade e Cultura**. Cadernos PPG-AU/FAUFBA. Ano 10, n.1. Edição especial. Salvador: PPG-AU/FAUFBA, 2011.

TORTURRA, Bruno. Ministério da Cultura. **Revista Trip**, 12 maio 2011. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/revista/199/reportagens/ministerio-da-cultura.html>>. Acesso em: maio 2011.

UNINÔMADE. O comum e a exploração 2.0. Rio de Janeiro, 11 fev. 2012. Disponível em: <<http://uninomade.net/tenda/o-comum-e-a-exploracao-2-0/>>. Acesso em: fev. 2012.

VARGAS, Rodrigo. Fora do Eixo deixou rastro de calotes na origem em Cuiabá.

**Folha de São Paulo**, 18 ago. 2013. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/08/1328179-fora-do-eixo-deixou-rastro-de-calotes-na-origem-em-cuiaba.shtml>>. Acesso em ago. 2013.

VENTURINI, Tommaso. **Building on faults**: how to represent controversies with digital methods, 2012. Disponível em: <<http://www.mendeley.com/profiles/tommaso-venturini/>>. Acesso em agosto/2012.

\_\_\_\_\_. **Diving in magma**: how to explore controversies with acto-network theory, 2010. Disponível em: <<http://www.mendeley.com/profiles/tommaso-venturini/>>. Acesso em agosto/2012.

YOUSSEF, Alexandre. O partido pós-rancor. **Revista Trip**, nº 199, 12/5/2011. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/revista/199/colunas/o-partido-pos-rancor.html>>. Acesso em setembro de 2011.

YÚDICE, George. Apontamentos sobre alguns dos novos negócios da música. In: HERSCHEMANN, Micael (org). **Nas bordas e fora do mainstream musical**: novas tendências da música independente no início do século XXI. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.